Diário de Lisboa

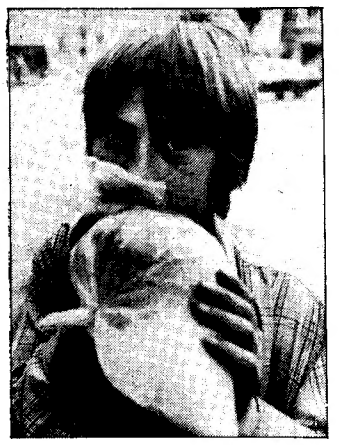
ANO 67 N.º 22 435 Terça-feira, 11 de Agosto de 1987 Preço 45$00

Tudo a postos, só faltam alguns secretários de Estado

A delegação do PSD esta manhã com Mário Soares

CAVACO II NA 2.ª FEIRA

Pág. 5



Um grito de alarme

Na nossa edição de ontem, numa reportagem de José António Cerejo, levámos o leitor a ruas e praças de Lisboa, nas quais, sem que as pessoas reparem e as autoridades vejam, se desenrola um drama: o das crianças e adolescentes que caminham para a morte drogando-se com colas de contacto. É um quadro lamentável de degradação e de miséria. É um submundo de marginalidade social. São crianças e jovens que procuram fugir à sociedade usando artifícios que lhes proporcionam a alienação das drogas «clássicas»; são tóxicodependentes que recorrem às colas quando lhes faltam os fornecimentos ou os meios escasseiam. Protegidas pelo silêncio, estas situações dramáticas alastram na nossa sociedade, ocorrem em famílias de todas as classes sociais.

Com situações de miséria o problema atinge a maior gravidade, mas, de um modo geral, a crise abarca uma sociedade que não soube resolver a questão educativa e os problemas assistenciais. Crise da sociedade, do sistema escolar, da instituição familiar, estamos perante um quadro complexo que não é possível ignorar; perante o qual a indiferença social e o desinteresse das autoridades responsáveis é inadmissível.

A reportagem do «DL» teve um objectivo: denunciar uma situação dramática. Revelamos situações de miséria, de abandono, de degração e de vício, para confrontar as autoridades responsáveis e a sociedade com uma tragédia: a droga e os imensos caminhos para a tóxidependência que arruína, aniquila, mata.

As «colas de contacto» e outras substâncias inalantes são uma via de acesso ao mundo das «drogas pesadas». Criam dependências psicológicas, hábitos de consumo. As suas consequências fisiológicas — le-

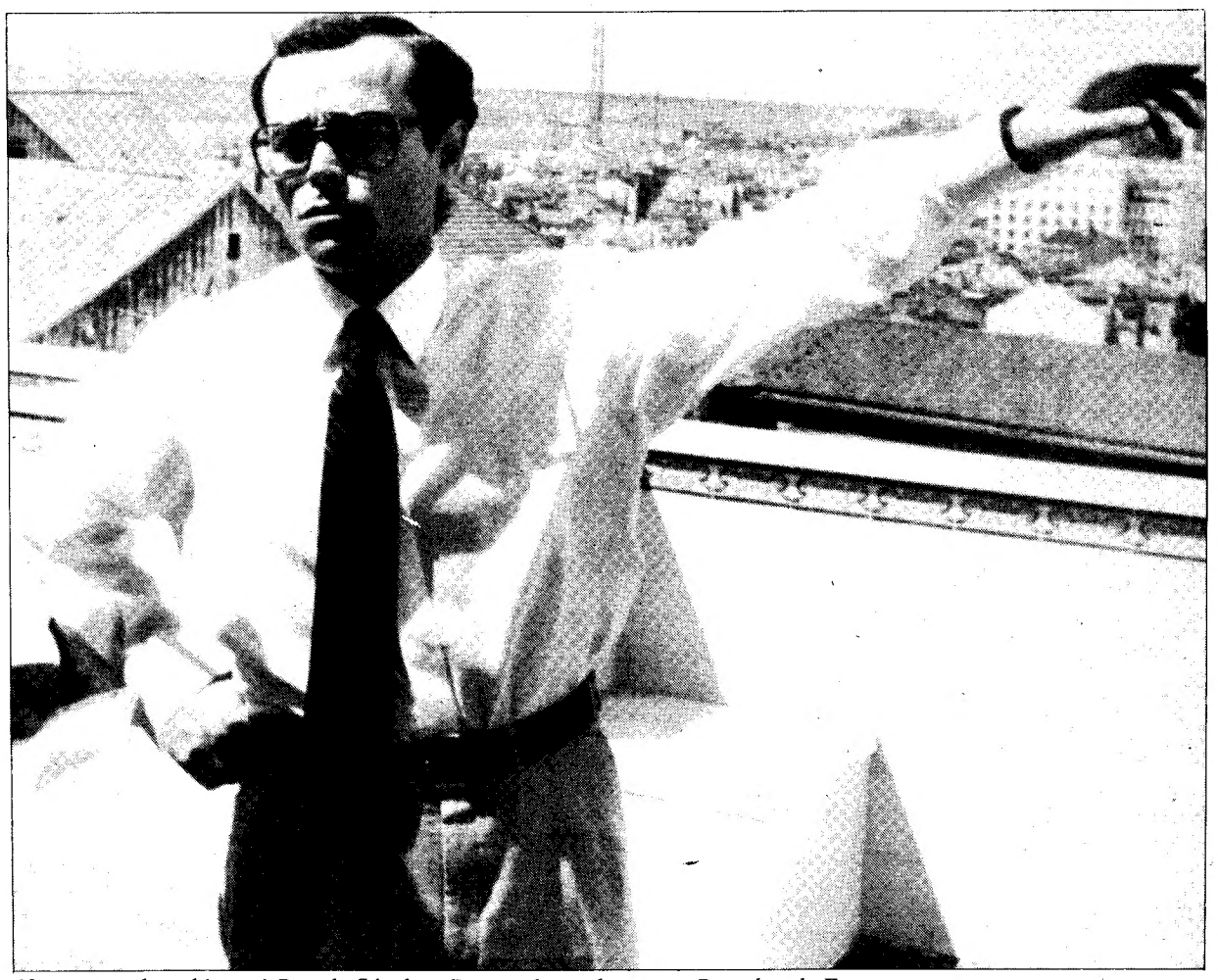
Continua na pág. 24

Carlos Pimenta na hora da partida

"As grandes surpresas vêm sempre em pequenas embalagens"

Foi polémico e inovador; secretário de Estado pela primeira vez aos 28 anos, passou do anonimato das pescas a um grande plano no Ambiente e Recursos Naturais. Arrábida, Ria Formosa, Caparica e, finalmente, o caso de Aldeadávila de la Ribera foram outros tantos trunfos que soube jogar para despertar um movimento de defesa do Meio Ambiente. Na hora da despedida, rumo ao Parlamento Europeu, o «DL» ouviu este homem que diz de si próprio, com sentido de humor e exuberante gargalhada, que «as grandes surpresas vêm sempre em pequenas embalagens».

Págs 6/7



No terraço do gabinete à Rua do Século: «Portugal não deve ser a Brandoa da Europa»

O «DL» NA VOLTA A PORTUGAL COM O PATROCÍNIO DE TINTAS DYRUP

SIDA: a peste do século XX

UMA DESCULPA PARA A XENOFOBIA

Juan Ramón de la Cruz
Exclusivo EFE/«DL»

Enquanto os zairenses emigrados na Bélgica se encontram ameaçados de expulsão do país, caso forem portadores do vírus da SIDA, algo muito semelhante está a acontecer, há mais tempo, aos estudantes estrangeiros, sobretudo aos fricanos, na União Soviética.

A Suiça tem apresentado o maior índice de contágio da SIDA

A medida do governo belga foi mal recebida, quer pelos estudantes zairenses, os primeiros a serem afectados pela ordem governamental de obrigatoriedade da prova da SIDA, quer pelas Organizações de Direitos Humanos.

De momento, acusam os porta-vozes destas organizações, tanto em Bruxelas como em Moscovo, os africanos residentes quer num país quer noutro, têm a impressão de serem objecto de uma discriminação apenas veladamente racista.

Este parece ser um dos corolários que as sociedades confrontadas com o fantasma da terrível doença, parecem mais dispostas a adoptar. É certo que nos países controlados politicamente por Estados «conservadores», como é o caso da Bélgica e da URSS, são as autoridades as primeiras a cumprirem essas ordens tão à letra. Contudo temos que reconhecer que uma parte importante da população, a que mais contacta com os chamados «empestados», cai facilmente na tendência da atitude discriminatória.

Outro país onde se registou esta atitude bivalente por parte do governo e da população foi o Japão. A atitude oficialpem relação à SIDA é muito estranha: a SIDA é «coisa de estrangeiros». À semelhança da URSS, as reticências em confrontar-se com uma doença estrangeira pode ser uma das razões para a, aparentemente, escassa incidência da doença na população japonesa: só 26 casos admitidos pelas autoridades japonesas no final do passado mês de Fevereiro. O número de diagnósticos oficiais de SIDA nos Estados Unidos era de cerca de 30 000, e, hoje em dia, já morreu mais de metade desses doentes.

Gente preocupada

Contudo, a preocupação com a síndroma parece alargar-se também, não obstante a aparente indiferença social, à população japonesa. Recentemente, um telefone de Tóquio, que proporciona informações gravadas sobre SIDA, recebeu mais de 250 000 chamadas em duas semanas. A morte de uma prostituta afectada, do bairro «vermelho» de Kobe, causou preocupação nos meios de informação, em finais de Janeiro.

A promiscuidade sexual é, no Japão, apenas mais uma atitude social, das muitas que se praticam. Não há nenhum preconceito, nem moral, nem legal, nem religioso, que afecte a sua prática no país do Sol Nascente. A prostituição está legalmente proibida, mas existem bairros «vermelhos» em todas as cidades japonesas. Além disso, abundam por todo o lado casas de banho e de massagens para homens, onde os clientes recebem serviços não exclusivamente higiénicos a cargo de raparigas contratadas. É a versão moderna das «geishas» das antigas casas de chá.

Outra polémica causada recentemente pela SIDA no Japão teve como protagonista uma dessas raparigas, empregadas numa casa de banhos, na cidade de Matsomoto. A jovem, uma imigrante filipina, era portadora do HIV, embora não tivesse ainda sintomas da doença. Foi deportada imediatamente para o seu país e as casas de banhos e bordéis de Matsomoto apressaram-se a pendurar cartazes nas portas, anunciando que nos seus estabeleimentos não se poderia encontrar... a SIDA? Não. Empregadas filipinas.

Xenofobia antiga

O racismo subjacente à sociedade japonesa, herança de uma tradição de xenofobia aguda, faz com que, não só os filipinos como também os turistas e os homens de negócios ocidentais, comecem a ver a outra faceta dos sorridentes nipónicos. A ameaça de uma ordem governamental que obrigue todos os estrangeiros a possuir um certificado em como não possuem anticorpos da SIDA, pesa actualmente, sobre as relações do país com o resto do mundo.

Os japoneses centram a sua xnofobia, motivada pela psicose da SIDA, na comunidade estrangeira mais importante do país ã os cerca de 50 000 militares norte-americanos estacionados no país. As coisas chegaram ao ponto de, na maioria das «casas de banhos» situadas nos arredores das bases americanas, não ser permitida a enrada do pessoal norte-americano, por medo de contágio.

Começa-se a passar algo semelhante noutro país asiático, as Filipinas. Nos últimos meses, descobriram-se doentes de SIDA entre o pessoal norte-americano das bases de Bahia de Subic e Clark, as duas bases mais importantes dos Estados Unidos, fora do seu próprio país. Os testes efectuados pelas autoridades sanitárias revelaram a existência de um alto índice de portadores do vírus entre os milhares de raparigas que se prostituem perto das ditas bases. A impressão geral é que o contágio da SIDA (doença que apareceu nessas zonas do país) veio, em princípio, através do pessoal norte-americano. E tudo isto pode ser apenas o princípio.

IV — O custo social da praga

Parágrafos de crónicas

Rui Cacho

I) O homem do subsolo

O homem que aparenta viver no subsolo da vida e cujos horizontes se alargam apenas numa excursão à serra da Estrela ou a uma dessas grutas com estalactites, vocifera contra a esquerda. Transporta a velha pasta com os tachos do almoço, bebe aqui e acolá, e faz comícios andantes. Tarda a apanhar transporte para casa, parece mesmo evitá-lo, e procura sempre mais uma tasca para que não se extinga a sua verborreia estigmatizando as forças políticas com que mais se identifica. Voltou-lhe o medo e utiliza nas suas arengas a filosofia dos instalados, convencido assim de deslocar-se mais à vontade.

Outros, de melhores roupas e ares, andam por esses santuários dos bancos, e, numa espécie de oração atendida, revelam o «segredo» ao mecanismo, enfiam o cartão, e sacam umas notas da sua conta. São sujeitos reconhecidos socialmente, considerados acima de qualquer suspeita e com honorários dignos. Não será bem assim — há quem utilize o santuário por não dispor de outra oportunidade — mas, em parte, há selectividade nessa utilização.

A existência ainda é uma grande feira, em que uns são os donos do carrossel e outros só chegam às «farturas»...

II) Palavras à solta

Encontro muitos sujeitos encostados à vida. Acomodados. Alguns aparentam grande actividade e dizem defender elevados princípios. Aqui e além deixam uma sentença ou um pedaço do seu currículo exemplar. Topo-os bem. Quando os observo, penso sempre: «Estes duram até aos noventa. Não se causticam, causticam os outros. E levam o papo cheio...» Anda muito «actor» em permanente representação e com os bilhetes todos vendidos.

Há uma grande preocupação neste país com os desfavorecidos. Não me ocorre nenhuma organização importante que não gaste com eles um parágrafo dos seus estatutos. Apesar disso, o número dos desfavorecidos aumenta em vez de diminuir. Suponho que as organizações se atropelam na sua ânsia de conceder bem-estar — e não resulta. Deve ser isso. Admito que a situação melhore quando não houver nenhuma instituição vocacionada para essa área humana. Até lá, dispomos de organizações e de desfavorecidos, com pouco poder de relacionamento.

Muito cidadão, nesta Pátria, enfrenta diariamente a sua actividade profissional em tais condições que é quase milagre chegar incólume ao fim do dia. É pior do que trabalhar no trapézio sem rede e o «cachet» não se compara...

Suponho que o grande momento nacional de cada dia lusitano decorre entre cerca das cinco e as oito da tarde. Cumprida a tarefa quotidiana, encontram-se amigos e companheiros em inúmeras tascas mais ou menos engalanadas e logo surge o paleio e a bebida. E durante duas ou três horas é a grande confraternização, sempre em crescendo, e abordando desde os temas mais candentes aos de ocasião. É quando os homens se aproximam uns dos outros. Depois, segue-se o regresso a penates, a sopa, um pouco de ecrã e a deita. No dia seguinte o trabalho, e por volta das cinco retoma-se a grande confraternização. Alguns desejosos de participar não participam, porque há vidas e vidas.

Muitas pessoas manifestam-se com um à-vontade impressionante. E aseiam-se exclusivamente na Informação que lhes chega sem a sua selecção.

Há dias, encontrei uma senhora amiga, pouco letrada e muito expedita. Ía cheia de pressa e perguntei-lhe porquê. Explicou-me: «Estou numa de Cursos de Formação». Indaguei a que módulo se dedicava e disse-me que ensinava a pregar botões em qualquer peça de roupa. «Pode ser», retorqui-lhe. «Pode e passo de curso para curso. Neste país só as mulheres e os soldados sabem pregar botões e vai sendo tempo de todos sabermos movimentar a agulhinha e as linhas e colocarmos no sítio os botões que abandonam as casas». Embatuquei e ainda ouvi à despedida: «Abençoada CEE».

PENSEMOS A SITUAÇÃO CONCRETA

1

Um Governo Cavaco Silva sucede a um Governo Cavaco Silva. Não serão as diferenças que se verifiquem no elenco ministerial que caracterizarão, substancialmente, estes dois diferentes Governos. A um Governo minoritário e de curta esperança de vida, sucede um Governo maioritário e ao qual se vaticina a longa vigência de uma legislatura. Dispondo de uma maioria sólida e tendo a perspectiva de uma longa duração, este Governo disfruta de uma situação privilegiada da qual poderá usar e abusar.

Com efeito, a vitória eleitoral do PSD, criou uma situação política e governativa diferente. Criou um novo quadro de vida democrática. Não estamos, necessariamente, confrontados com uma rotura, mas estamos perante uma nova fase do curso político democrático pós-Abril.

Será prematuro classificar a emergência de uma maioria diferente como o dobre de finados da orientação política resultante dos sucessos revolucionários de Abril de 1974, mas há que tomar em consideração o significado da vitória eleitoral do PSD. As explicações conjunturais não invalidam que estamos perante uma situação nova e, na sua real extensão, inesperada. A mudança de sinal da maioria parlamentar é a expressão da variabilidade política de uma democracia pluralista. O povo votou influenciado? É possível. Mas é certo que votou em liberdade. Compreender as variações de comportamento eleitoral, as deslocações de voto, é um problema de sociologia eleitoral que exige análise rigorosa e desapaixonada. É um problema que exclui as afirmações de fé, as exaltações proféticas, a culpabilização do «outro».

2

Inteligentemente houve quem afirmasse, contrariando a corrente, que «o povo não é estúpido». O eleitor foi influenciado — diz-se. Influenciado pela manipulação informativa, pelo «marketing» eleitoral, por dádivas e promessas, por pequenas vantagens e vantagens ilusórias, pelos mitos da «ordem» e da «estabilidade». O eleitor foi posto perante o factor desmobilizador que lhe era patenteado pela divisão da Esquerda. Tudo argumentos a ter em conta. Mas é preciso, igualmente, ter em conta que o cidadão eleitor foi permeável a essas influências, sensível a essas promessas, a esses argumentos. Não se ignore o cidadão concreto. Não se construa o mito do «cidadão-de-Abril». Não se produza, com ou sem imaginação, inovador ou repetitivo, um discurso político para classes, camadas e grupos que estão sintonizados para uma outra onda e que, realmente, querem segurança e mudança. Os termos não são contraditórios.

Porque este povo «não é estúpido», impõe-se ouvi-lo e compreendê-lo. Impõe-se explicar-lhe a situação, mas ter em conta os aspectos concretos da situação. O simplismo de um posicionamento frontal de oposição não corresponde à situação política concreta, nem à leitura sociológica da deslocação dos votos. Não devem os homens políticos sucumbir no fatalismo, mas não podem furtar-se a análise rigorosa da situação e das correlações sociais por rasgos de retórica ou um militante voluntarismo.

Que a situação é meramente conjuntural — já ouvimos dizer. E diz-se, também, que vivemos, de um filme longo, um simples episódio. São suposições que podem revelar-se ilusórias e até perigosas. São opiniões que desarmam. Surpreendidos ficaram todos, os da Esquerda, os do Centro, os da Direita, com a extensão da mudança. A «viragem» — chamemos-lhe assim — tem significado. Estamos perante uma «mudança» não só quantitativa, como qualitativa.

3

E a «mudança» atinge a própria qualidade da nossa Democracia. A «maioria parlamentar» alcançada pelo PSD, faculta-lhe largas condições de governo, possibilita-lhe exercer a função governativa, de um modo geral, sem bloqueios oposicionais. Utilizar a «maioria» para impor o seu programa partidário é democraticamente legítimo. A «vitória democrática» abre, todavia, a perspectiva de uma «ditadura de maioria», constitucionalmente legítima, mas que é frustrante para o convívio democrático, para a coexistência democrática. A «vontade da maioria» — a «ditadura da maioria» — se vier a sobrepor-se à plural vontade dos cidadãos, introduz vícios totalitários ou que podem para aí deslizar. Observou há dias o dr. Alfredo Bruto da Costa, antigo ministro dos Assuntos Sociais, que alcançar o poder por via democrática é «sem dúvida, uma condição **necessária.** Mas não é

condição **suficiente.** Para que um Governo possa considerar-se democrático, é preciso que, além de ser democrático o processo de alcançar o poder, seja também democrático o **modo de exercer o poder.**» («Expresso», 8/8/1987).

Não vemos que se possa iludir esta exigência de verdadeira democracia. A «maioria parlamentar» funcionando como uma coesa e disciplinada falange de apoio ao Governo, pelas instâncias partidárias controlada, converte uma maioria de deputados em passivo eco do discurso governativo. A «Assembleia da República», pela existência de uma «maioria parlamentar» partidariamente controlada, perde autoridade política e virtualidades funcionais. Como, sagazmente, anotou o dr. Alfredo Bruto da Costa: «No presente caso do PSD, essa condição assume redobrada importância, pelo facto de que a maioria monopartidária de que dispõe na Assembleia da República neutralizará, na prática, a função fiscalizadora do Parlamento, sobre a acção do Governo. Por mais que se diga o contrário, é inevitável que, sendo o Governo chefiado pelo líder do partido maioritário, será aquele a fiscalizar e a orientar a maioria parlamentar.» («Expresso» 8/8/1987).

O Primeiro-Ministro Cavaco Silva tem as mãos livres. Detentor de uma «maioria parlamentar» confortável, está, o que não é moralmente confortável, em condições de, numa vasta gama de questões de administração e de Governo, agir sem qualquer fiscalização.

Sem fiscalização democrática a Democracia é precária. A «estabilidade» política — o longo curso governamental — podem, eventualmente, tornar mais grave a situação criada pela grande vitória eleitoral.

A demissão de Graça Moura

A UNESCO e as comemorações dos descobrimentos

Diogo Mourão Garcez Palma

A carta em que o dr. Vasco Graça Moura apresentou o seu pedido de demissão de vogal do Conselho Geral da Comissão Nacional da UNESCO, publicada, em primeira mão, no suplemento «LER/ESCREVER» do «Diário de Lisboa», suscitou ções imediatas. O nosso colega «Comércio do Porto» abordou o assunto com compreensível relevo. Além dos comentários da Imprensa, e do próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros, foram referidas diligências do embaixador de Portugal junto da UNESCO e a opinião do dr. Vítor Sá Machado. Surgem agora, e justificadamente, reacções pessoais que, para lá do número controverso de «Le Courier», visam questões culturais e comemorativas mais amplas. Esse é o caso da carta que nos enviou o dr. Diogo Mourão Garcez Palha.

Vasco da Graça Moura, intelectual prestigiado, em carta publicada pelo «DL» de 6-8-87, demite-se de vogal do Conselho Geral da Comissão Nacional da UNESCO, por em sua opinião, e muito bem, considerar que o número de Abril de 1987 do mensário «Le Courier», fornecer imagem «fortemente lesiva da dignidade e dos interesses do meu País» — Portugal —, por, falsificando a história, escamotear o papel decisivo que os Portugueses tiveram na mundialização da cultura greco-romana permitindo afirmar «que o mar com fim poderá ser grego ou romano, mas o mar sem fim esse é português».

Linearmente certo e aplausos pela dignidade e frontalidade da atitude de não pactuar com manuseamentos e falsificações que apenas servem interesses que, embora aparentemente pouco claros, são bem transparentes.

Mas a verdade é que me interrogo se aos descendentes daqueles «a quem Neptuno e Marte obedeceram», não cabem também fortes responsabilidades na omisssão do papel que a Portugal coube na unificação da terra, promovendo a mundialização do pensamento greco-romano, e permitindo ainda a interpenetração cultural de uns povos com os outros.

De resto e sempre que se me oferece a oportunidade tenho procurado chamar a atenção dos responsáveis para a maneira pouco dignificante como estão a ser conduzidas as celebrações do V Centenário das descobertas. Reduzidas à publicação de modestos trabalhos sobre as mesmas, que poucos lêem, ou a reedições de obras monumentais, a que ainda menos poderão ter acesso dado o seu custo incomportável, chegando a ultrapassar os 3 salários mínimos nacionais.

A que se juntam umas quantas cerimónias de pompa mais para propaganda televisiva dos intervenientes e quase sempre acompanhadas de Acacianos discursos de circunstância.

E que comentar — e algumas reflexões transmiti a S. Ex.ª o Senhor Presidente da República —, quando a 10 de Junho se marcou o início do Ciclo Comemorativo das Descobertas com um memorial, traduzido em ridículo «calhauzito» e em que uma mais minúscula lápida nos dá notícia de que tal cerimónia foi presidida pelo Senhor Presidente da República.

Se tal «calhauzito» pretende representar, e outra leitura não encontrei, a obra que naqueles tempos nossos avós levaram a cabo e que nós próprios passados 5 séculos quase nos temos de socorrer de lupa para o distinguir do empedrado circundante, porque há-de a UNESCO atribuir maior relevância aos progenitores de tais feitos.

Por isso há que repensar e já, as Comemorações do V Centenário das descobertas, centrando-as num projecto cultural que em toda a parte onde os navegadores portugueses chegaram e deixaram marcas, reactive a cultura que tão generosamente distribuímos.

Assuma-se de uma vez por todas, com dignidade e galhardia, mas sem perda de humildade e muito menos complexos de Barões arruinados numa concepção Imperial da presença Cultural Portuguesa no Mundo.

Lisboa, 7 de Agosto de 1987.

Morais Leitão, Lucas Pires e Freitas do Amaral: as alternativas

Exigindo um Congresso Extraordinário

Dirigentes do CDS de Coimbra manifestam-se contra Adriano

Unidade do partido passa por Morais Leitão, Lucas Pires e Freitas do Amaral

O CDS deve ser reunificado e refundido à volta das figuras de Morais Leitão, Lucas Pires e Freitas do Amaral, em Congresso Extraordinário a realizar antes do fim do ano — afirmaram ontem, à Lusa, Manuel Queiró, Lobo Xavier e Júlio Oliveira, destacados dirigentes centristas de Coimbra.

Tomando posição, aberta e pública, contra o presidente do partido, Adriano Moreira, e contra «a opção da actual direcção do CDS, consubstanciada no seu presidente», aqueles três dirigentes de Coimbra contestam designadamente as recentes decisões do Conselho Nacional que, no seu entender, «criaram um verdadeiro estado de sítio no CDS, absolutamente contra os Estatutos».

Entre essas decisões consideram «inaceitáveis a existência de uma direcção consubstanciada numa só pessoa, a centralização no gabinete do presidente de todas as filiações e a impossibilidade de eleição de órgãos locaios até Dezembro».

Na sua opinião, «é absolutamente ilógico e incompreensível que o presidente assuma um estado de excepção dentro do partido e não admita a convocação de um congresso extraordinário antes do fim do ano corrente».

As decisões do Conselho Nacional são tão graves que só poderiam ser tomadas por um Congresso Extraordinário» — concluíram.

A unidade

Manuel Queiró, Lobo Xavier e Júlio Oliveira — respectivamente presidente da assembleia distrital de Coimbra do CDS, vice-presidente da comissão política distrital e membro do Conselho Nacional — anunciaram, a propósito da convocação do Congresso Extraordinário, terem já recolhido naquela região 200 assinaturas. Revelaram igualmente ter a solidariedade de Manuel de Oliveira e Viterbo Correia, os dois vereadores centristas da Câmara Municipal de Coimbra.

Lobo Xavier, a propósito desse conclave extraordinário, disse que «a unidade do partido passa pelo encontro de três tipos de pessoas, que são Freitas do Amaral, Lucas Pires e Morais Leitão». Quanto a Freitas, sustentou que regressará «a militante do CDS, mas não pensará certamente em assumir a liderança do partido», e sobre Lucas Pires considerou que «foi investido pelo povo português de uma missão internacional de que não deverá desligar-se».

Nesse sentido, precisou que Morais Leitão é a personalidade que «está em melhores condições de assegurar a refundação do CDS», desde que apoiada por Lucas Pires e Freitas do Amaral.

Para o Congresso Extraordinário os três dirigentes do CDS de Coimbra defendem também «uma alteração na clássica eleição de delegados, em função da situação nova do partido, resultante das últimas eleições».

Preparação do Congresso

A preparação do próximo Congresso do CDS é um dos pontos em agenda na reunião da comissão política dos democratas-cristãos mrcada para sexta-feira — foi ontem anunciada.

De acordo com um comunicado do departamento de informação centrista a Comissão Política Nacional procederá também à análise da situação política e marcará a data do congresso ordinário.

CDS açoriano comenta

O CDS dos Açores considerou ontem, em comunicado,que muitos dos votantes nas ilhas na candidatura do PSD «terão unicamente orientado o seu voto no sentido de privilegiar a estabilidade de um Governo de legislatura.»

Neste quadro, refere a comissão política regional, a votação no PSD não poderá ser entendida «nunca, como um reconhecimento do trabalho político desenvolvido pelo Governo social-democrata da região.»

No que respeita a estratégia, os democrata-cristãos açorianos concluíram «pela urgência em começar a preparar activamente a participação nas eleições regionais do próximo ano, de forma a que o partido possa vir a conseguir uma representação parlamentar (na Assembleia Regional) que honra a democracia-cristã.»

Macau

Chineses elogiam Melancia mas criticam "distância entre ricos e pobres"

Responsáveis da comunidade chinesa de Macau reagiram favoravelmente ao discurso do novo governador, Carlos Melancia, à sua chegada ao território. O sucessor de Pinto Machado manifestou, recorde–se, a intenção de acabar com o funcionamento colegial do Executivo, anunciando a extinção do Conselho de Governo.

Ma Man Kei, presidente da Associação Comercial, considerou a extinção do referido Conselho «uma boa medida que se traduzirá numa gestão mais eficiente» e manifestou a esperança de que a nova administração macaense «possa atraír mais investimentos estrangeiros e reforçar os laços comerciais com a CEE».

Edmundo Ho, presidente da Associação de Bancos, assinalou também o desejo da comunidade chinesa de captação de investimentos estrangeiros e disse ser «louvável o objectivo do Governador» de combate à burocracia.

Burocracia e justiça social

Para Chui Peou Fon, presidente da Associação de Educação Permanente, o novo Governador deu pouca atenção no seu discurso às questões sociais. Considerou Chui Fon a necessidade de adopção de uma política de justiça social que «encurte a distância entre pobres e ricos» e que implemente a gratuitidade nas escolas.

No seu editorial, o jornal «Ou Mun» refere que o cumprimento do estatuto orgânico de Macau, citado no discurso de Melancia, trará benefícios à eficácia do Governo.

O mesmo jornal, considerado próximo das posições de Pequim, elogia também a dissolução do Conselho de Governo e a intenção do Governador de não permitir que no seu Executivo se reflictam as influências e tensões partidárias portuguesas.

Aproximação regional

Madeira convida presidente das Canárias

O novo chefe do Governo autónomo das Canárias, Fernando Fernandez, deverá visitar ainda este ano a região autónoma da Madeira a convite de João Jardim.

O convite foi transmitido durante a cerimónia de posse, realizada há dias em Las Palmas, pelo secretário regional do Turismo madeirense, José Carlos Abreu, que representou João Jardim na cerimónia. Segundo José Carlos Abreu, o novo responsável das Canárias manifestou–se favorável à política de aproximação entre as duas regiões autónomas ibéricas, iniciada nos últimos anos entre Jardim e Jeronimo Saavedra, anterior chefe do governo de Las Palmas.

Açores: finanças equilibradas

Tomou posse ontem, em Angra do Heroísmo, o novo secretário regional de Finanças dos Açores, Gomes dos Santos, que substitui Álvaro Damaso, eleito deputado à Assembleia da República.

Gomes dos Santos, 68 anos, empresário industrial e comercial desde 1945, natural de Lisboa, desempenhou já as funções de secretário das Finanças no primeiro governo regional de Mota Amaral, de 1976 a 1980.

A posse foi conferida pelo Ministro da República para os Açores, general Rocha Vieira. Mota Amaral, retido há mais de uma semana em casa devido a gripe, fez–se representar por António Menezes, secretário regional da Administração Pública.

Na cerimónia da posse, Álvaro Damaso referiu que a vida da região evoluíu nos últimos anos a ponto de «haver condições reais» para o «exercício do Governo dos Açores pelos açorianos». Segundo o ex–secretário das Finanças, a região tem condições para recorrer ao crédito, por forma a «acelerar o respectivo desenvolvimento», salientando, a propósito, a «situação orçamental de equilíbrio».

NOVO GOVERNO TOMA POSSE NA 2.ª FEIRA

O novo Governo dirigido por Cavaco Silva toma posse segunda–feira em Belém, revelou esta manhã aos jornalistas o eng. Eurico de Me - lo, responsável da delegação do PSD, recebida ao fim da manhã no palácio presidencial pelo Chefe de Estado.

Eurico de Melo, que estava acompanhado por Correia Afonso, António Capucho e Dias Lou - reiro, informou ter a delegação do seu partido transmitido ao Presidente da República a sua «opinião» sobre os resultados eleitorais que, sublinhou, «deram a maioria absoluta ao PSD».

Depois dos representantes do PSD, que estiveram reunidos cerca de 45 minutos com Mário Soares, entrou a delegação do PS, composta por Vítor Constâncio, Jorge Sampaio e Elisa Damião. Seguem–se, durante a tarde, o PCP, o PRD, o CDS e, finalmente, «Os Verdes», parti - do também com representação parlamentar.

Segundo apurou o «DL», junto de fonte presidencial, Cavaco Silva será recebido apenas amanhã em Belém para a indigitação formal(nos termos constitucionais)como Primeiro–Minis - tro, e só mais tarde comunicará ao PR a compo - sição do Executivo.

Marília Raimundo, Manuela Aguiar: saída confirmada; Correia de Jesus: certo; Saarsfield Cabral: não entra

Secretários de Estado ainda são incógnitos

Com audiências ao PSD, às 11 horas, e ao PS, às 12, iniciaram–se esta manhã os contactos do Presidente da República com os partidos políticos representados no Parlamento tendo em vista a nomeação de Cavaco Silva como Primeiro Ministro. À tarde seguem–se sucessivamente o PCP (16 horas), PRD (17 horas) e o CDS (18 horas).

Após a audição dos parti - –dos, que decorre de uma o - –brigação constitucional, Mário Soares está habilitado a nomear o Chefe do Go ver - no o que deverá concretizar em «prazo muito curto», se - gundo diz a Lusa citando uma fonte do Palácio de Be - lém.

A partir da nomeação e da posse do Governo — que devem ser coincidentes — o Primeiro Ministro tem 10 dias para apresentar o seu programa na Assembleia da República, prazo que não deverá ser esgotado.

Entretanto, o novo Parla - mento reune–se pela primei - ra vez na quinta–feira de manhã para verificação de mandatos. Quanto à eleição do novo Presidente da As - sembleia da República e da respectiva Mesa tal só se efectivará na véspera da apresentação do programa do Governo.

Duas formas de selecção

Quanto à escolha dos se - cretários de Estado que com - pletarão o futuro elenco go - vernativo, Cavaco Silva pa - rece ter optado por formas diferentes de selecção: ou in - tervém ele próprio directa - mente na formulação dos convites ou deixa a forma - ção das equipas dos vários ministérios a cargo dos res - ponsáveis da tutela.

É sobretudo por esta últi - ma razão que alguns se cretá - rios de Estado irão abando - nar as respectivas funções. «É natural que Luís Todo - –Bom saia porque fazia par - te do grupo de Santos Mar - tins», dizia esta manhã ao «DL» uma fonte governa - mental. Nesta óptica «o mesmo deve acontecer a Marília Raimundo», ex–se - cretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, e à res - tante equipa do Ministério da Educação cujo titular se - rá, como o «DL» já noti - ciou, Roberto Carneiro.

Mas um ministro que continua é Miguel Cadilhe e um secretário de Estado de quem se fala é Rui Carp. A sua permanência ou não à frente da secretaria de Estado do Orçamento continua a ser objecto de incógnita. Há quem insista na sua saída agora que «perdeu as espe - ranças de vir a ser ele pró - prio a tutelar o Ministério das Finanças».

Quem á dado como certo na secretaria de Estado da Emigração é o madeirense Manuel Correia de Jesus, ex–secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares. Correia de Jesus substitui assim Manuela Aguiar que exercia o cargo há seis anos. Foi ela própria quem con fir - mou à Lusa que não fará parte deste novo elenco go - vernativo. Garantiu, porém, que continuará «na política, muito provavelmente no contexto da CEE».

Para Manuela Aguiar, que falava em Braga na inaugu - ração das novas instalações do Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas (IACEP), as eleições de 19 de Ju lho «fe - charam um ciclo de instabi - lidade pouco propícia à reso - lução de muitos proble - mas».

Outro nome que não se confirma é o de Sarsfield Cabral, que chegou a ser da - do como certo para substi - tuir Marques Mendes na tu - tela da Comunicação Social. De realçar que a actuação de Marques Mendes neste sec - tor é tida «como aberta e dialogante», nomeadamente no que respeita aos contac - tos com o Sindicato dos Jornalistas, e a sua substi - tuição é vista com alguma apreensão.

Recorde–se que este mem - bro do anterior Governo vai substituir Pedro Santana Lopes na secretaria de Esta - do da Presidência do Conse - lho de Ministros, uma pro - moção pela qual se terá bati - do um dos principais conse - lheiros de Cavaco Silva, Eurico de Melo.

CERTIFICADOS PREDIAIS DO MAGNOLIAMAR - TROIA

A TORRALTA informa — em especial os seus investidores — que os preços dos Certificados Prediais do Edifício Magnoliamar (TROIA) vão sofrer, a partir de 31 de Agosto de 1987, um aumento de 10 %, correspondente à taxa de inflação estimada para o período anual. No entanto, os preços actualmente praticados serão ainda respeitados, quanto aos interessados que façam as suas reservas até 31 de Agosto corrente.

A TORRALTA

Secretário de Estado "burocrata"

Professores da Região Centro contra Simões Alberto

O Sindicato dos Professores da Região Centro chamou a atenção a profesores, pais e alunos, em comunicado, para uma recente atitude do secretário de Estado da Administração Escolar como forma de ajudar a explicar «as causas do insucesso, da forma deficiente como ss ensina e aprende, da própria agressividade que advém de uma educação em que os aspectos administrativos se sobrepõem aos pedagógicos».

Trata–se, no caso deste comunicado, a uma referência a um recente despacho do referido secretário de Estado que nega autorização especial para os professores participarem nas jornadas pedagógicas do mês de Setembro.

A esta posição do Ministério o Sindicato contrapõe, contudo, que «os professores interessados em assistir às acções de formação contínua (jornadas pedagógicas) que o SPRC leva a efeito, poderão fazê–lo desde que utilizem os créditos previstos no despacho 38-EAE/82, procedendo de acordo com o texto do referido despacho».

Mas esta estrutura sindical não deixa de tecer uma crítica contundente ao secretário de Estado em causa, afirmando que a sua posição «reflecte a orientação burocrática que um membro do Governo imprimiu ao trabalho durante a sua permanência no MEC, ao arrepio de quaisquer concepções pedagógicas que deveriam nortear o Ministério da Educação».

«Apesar de tudo», entende o sindicato, «tal posição não se deve estranhar por completo. O secretário de Estado Simões Alberto tem da Educação, do Ensino e da Cultura a visão do antigo oficial colonial (que foi durante vários anos) e para quem ler, escrever e contar basta para um povo».

Mais, segundo este comunicado: «Por detrás da sua secretária, Simões Alberto vê nos professores que se querem actualizar, profissionais perigosos a quem urge coarctar veleidades nesse sentido. Esta concepção explica que o Ministério da Educação se tenha demitido da formação contínua dos professores e que sejam os sindicatos a colmatar esta lacuna».

Por fim uma uma referência às condições em que vai abrir este ano lectivo: «infelizmente, com um secretário de Estado como este, a qualidade do Ensino não é para questionar — interessa apenas o cumprimento de datas».

Curso de Português para filhos de emigrantes

Filhos de emigrantes poderão frequentar um curso de língua portuguesa na Apúlia, na segunda quinzena de Agosto e primeira de Setembro.

O curso, promovido pela delegação de Braga do Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas (IAECP) é dirigido aos jovens emigrantes dos 10 aos 16 anos. As inscrições podem ser feitas na Câmara Municipal de Esposende ou na delegação de Braga do IAECP. As aulas decorrerão na Escola da Areia, na Apúlia.

Iniciativa idêntica realizar-se-á no mesmo período em Ponte da Barca, Viana do Castelo.

Entretanto, funciona na escola D. Maria II um curso de língua portuguesa para emigrantes.

FNAC – FÁBRICA NACIONAL DE AR CONDICIONADO, UCRL

Obrigações FNAC — Fábrica Nacional de Ar Condicionado, UCRL

Subscrição privada

Condições de emissão e quadro de juros e amortizações do empréstimo obrigacionista FNAC — Fábrica Nacional de Ar Condicionado, UCRL, emitido em 16 de Junho de 1987:

1 — Condições de emissão:

a) Montante e representação. — A emissão de 200 000 obrigações com valor nominal de 1000$ cada está representada em títulos ao portador de 5, 10, 20, 50 e 100 e em certificados. Os títulos são divididos em quatro séries de 50 000 obrigações cada;

b) Taxa de juro. — A taxa de juro nominal será a taxa de referência fixada em aviso do Banco de Portugal que vigorar no 1.° dia de cada período semestral de contagem dos juros, acrescida de 1,5 pontos percentuais;

c) Amortização. — A amortização é efectuada ao par, em quatro anuidades, a partir do 2.° ano após a subscrição. As séries de títulos a reembolsar em cada data são determinadas por sorteio;

d) Garantias. — Os encargos do empréstimo serão suportados pela FNAC — Fábrica Nacional de Ar Condicionado, UCRL, por eles respondendo o total das suas receitas.

2 — Quadro de juros e amortizações:

Número de ordem	Vencimento			Encargos		Obrigações amortizadas		Obrigações vivas
	Dia	Mês	Ano	Juros	Amortizações	Parcial	Acumulado	
1	15	Outubro	1987	(a)	–$–	–	–	200 000
2	15	Abril	1988		–$–	–	–	200 000
3	15	Outubro	1988		–$–	–	–	200 000
4	15	Abril	1989		50 000 000$00	50 000	50 000	150 000
5	15	Outubro	1989		–$–	–	50 000	150 000
6	15	Abril	1990	(b)	50 000 000$00	50 000	100 000	100 000
7	15	Outubro	1990		–$–	–	100 000	100 000
8	15	Abril	1991		50 000 000$00	50 000	150 000	50 000
9	15	Outubro	1991		–$–	–	150 000	50 000
10	15	Abril	1992		50 000 000$00	50 000	200 000	–

(a) Importância relativa ao período decorrente entre a data de subcrição e realização e 15 de Outubro de 1987.

(b) Dependente da taxa de referência estabelecida em aviso do Banco de Portugal.

Carlos Pimenta ao "DL"

"NÃO SOU CONTROLÁVEL"

Nuno Ribeiro

Fotos de José Tavares

De si próprio diz, com sentido de humor e gargalhada exuberante, que «as grandes surpresas vêem sempre em pequenas embalagens». De uma acção que passou anónima na secretaria de Estado das Pescas, revelou–se, como surpresa, à frente da secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais. A sua exoberância, e a novidade de ter questionado, tornaram difícil a sua substituição. Tem 32 anos, chama–se Carlos Alberto Martins Pimenta, nos comícios «Pimentinha» e, em entrevista ao «DL» assegura que «não sou controlável».

«Ameaças? Tive ameaças, tipos malucos a telefonarem para cá, às duas e três da manhã». A informação não surpreende, pois no Mercedes 220 que utilizava, passaram a figurar robustos guarda costas que, dizem os funcionários, «andam a dormir pelos cantos, durante o dia». A razão, asseguram, é o ritmo de trabalho imposto, com a manhã a começar às sete, e o dia de trabalho a prolongar–se até altas horas.

Esta terá sido a grande novidade para o funcionalismo público da Rua do Século da passagem de Carlos Pimenta pela secretaria de Estado. Para a opinião público, depois de um início discreto, impôs um estilo novo, uma forma directa de lidar com os problemas. No balanço final, resolveu algumas questões, muitas ficaram como sempre estiveram, mas é inquestionável que abriu uma via.

«Que me lembra nunca cedi a pressões, pelo menos de forma consciente», afirma no vai–vem constante entre a secretária e o sofá, numa inquietação que lhe é peculiar. «Viessem as pressões de onde viessem, sempre exprimi com liberdade a minha opinião».

E, referindo–se aos telefonemas anónimos que lhe prometiam ajustes de contas, adianta «que nunca cedi a pressões de grupos económicos, as mais fortes, e também não ia ceder às pressões dos coitadinhos, não ia ceder às pressões de ameaças».

Este é, em síntese, o retrato da postura que tomou feita pelo próprio protagonista. Um jovem engenheiro, formado na «escola» da Juventude Social–Democrata, e que o 25 de Abril de 1974 encontrou no primeiro ano do primeiro semestre do Instituto Superior Técnico.

«Nunca tive a noção de estar num bunker»

«Fui à inspecção no dia 11 de Março de 1975, por isso calcula como foi... não houve inspecção nenhuma, fomos todos parar à reserva; paguei logo os selos todos para ficar descansado até aos 45 anos, e não ter mais preocupações».

Pelo caminho ia aparecer a Associacão do Técnico de que foi presidente, e onde, segundo afirma, iniciou uma aprendizagem forçada de gestor, «dormindo quando calhava», num ritmo frenético que, ao longo de 18 meses, foi mantendo na secretaria de Estado. «A minha experiência na Associação do Técnico foi fundamental; ali aprendi a força dos grupos de cidadãos em relação aos poderes, o Estado, a Igreja...».

Dez anos de militância na Juventude Social–Democrata, «foi aí que aprendi a dar valor à criatividade, à generosidade das pessoas», recorda, salientando que se tratava de «uma estrutura que manteve sempre uma autonomia de pensamento e acção, onde gente muito nova teve responsabilidades muito grandes, e teve que se desenrascar», deram–lhe a referência no quadro político.

Mas, como ressalta do seu discurso e comportamento, Carlos Pimenta mantem um grande apego à autonomia, à possibilidade de intervenção pessoal, a valores como a imaginação e a capacidade de criação. «Dou muito valor à autonomia, porque acredito que as pessoas são responsáveis; não sou controleiro, não gosto de controlar e não sou controlável», refere, explicitando que «gosto de combinar e construir em conjunto, pois acredito no trabalho em equipa, e penso que cada pessoa tem que ter o direito de errar, e isso signifca autonomia».

Do sofá, onde estirou as pernas, passa de um salto à secretária, engole um pequeno chocolate, «são muito bons, trouxe–me a minha secretária do estrangeiro», escolhe uma cadeira e senta–se com os braços apoiados no espaldar.

A autonomia existiu no seio do Governo?, perguntamos. O ainda secretário de Estado confirma e sublinha «que nos contactos com os Ministérios as relações foram boas». «Apresentámos sempre as nossas opiniões, apreciámos sempre os projectos em dois tempos, um técnico, tão rigoroso quanto possível, outro filosófico, e os nossos pareceres sempre tiveram toda a liberdade», garante.

«Muitas vezes dissémos não, e quando o dizíamos não era por acaso», prossegue, referindo–se à fundamentação técnica, aos vários estudos que foram sendo completados, à legislação que foi, e ainda está para saír.

«Nunca tive a noção de que estava num «bunker», rodeado nas muralhas de Jericó, a dar tiros às fábricas, aos Ministérios, com uma mentalidade que levaria ao isolamento da secretaria de Estado no seio do Governo».

Para muitos, esta actuação, ligada aos problemas reais do ambiente, foram a razão de uma popularidade que, quando tomou posse, ninguém adivinharia.

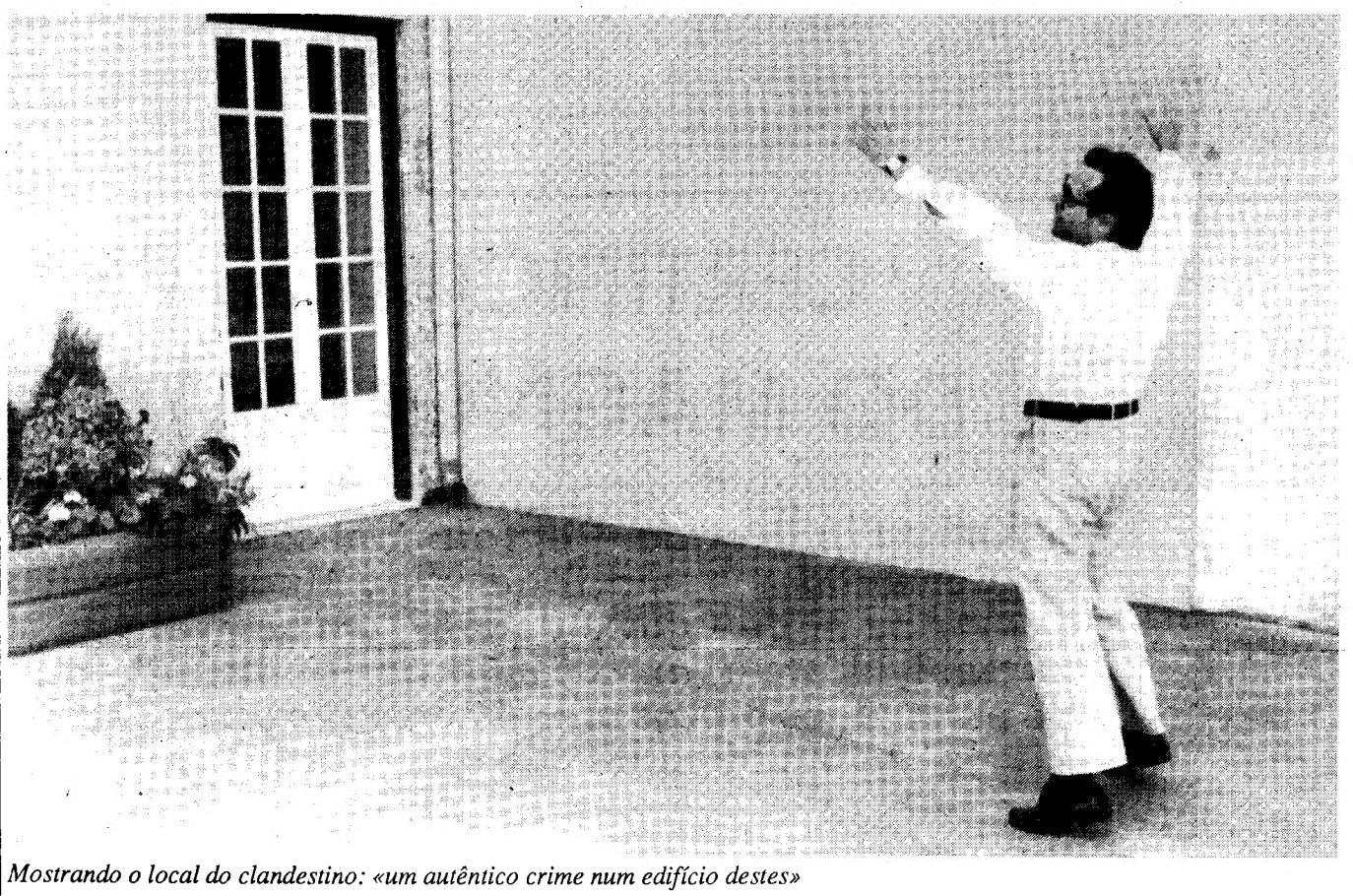
«Outubro de 1986 foi ponto de viragem»

«Tivemos sempre a porta aberta», continua; «nunca classificámos ninguém como o industrial anti–ambientalista irrecuperável», mas em contraponto, «recusámos nestes 18 meses imensos projectos turísticos, hotéis, marinas, e a outros propusemos alterações».

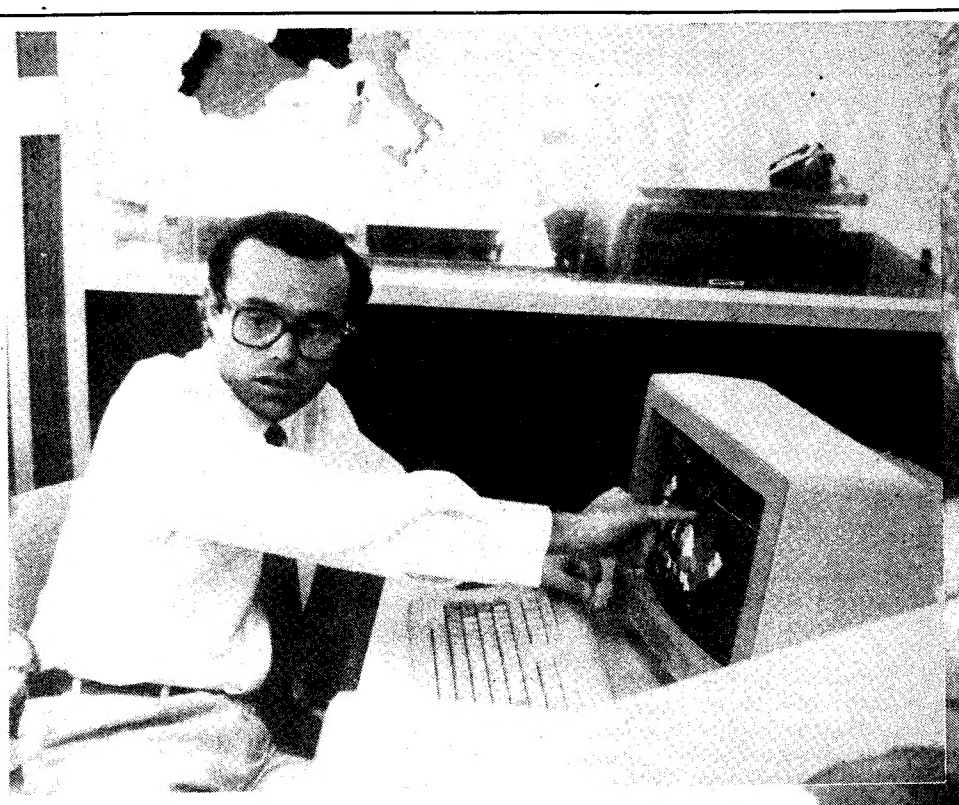
«A nossa atitude nunca foi pôr essas entidades e promotores como inimigos», assinala Carlos Pimenta.

«Em relação ao turismo», um dos sectores onde as pressões económicas mais se fizeram sentir, «promovemos o turismo de contacto com a natureza, despertando a sensibilidade das pessoas, definindo as zonas de salvaguarda em relação a certas áreas, tentando criar condições para um turismo que não contrarie a nossa maneira de ser».

Neste orientação, Carlos Pimenta destaca «que sempre



Mostrando o local do clandestino: «um autêntico crime num edifício destes»



«Dou muito valor à autonomia, porque acredito que as pessoas são responsáveis»

joguei muito bem com a secretaria de Estado da Cultura», pois «Portugal não deve ser o INATEL da Europa». «Se se promove um tipo de turismo apenas contemplando o aumento de visitantes, somos forçados a investimentos em infra–estruturas que apenas funcionanam durante três meses por ano», refere, explicitando que «turismo de qualidade não é encher os hotéis de cinco estrêlas, mas sim reforçar a identidade própria de cada região».

Esta terá sido a forma de começar a promover «uma política de ambiente que nas suas vertentes básicas tem que ser algo que todas as pessoas têm que sentir». «Uma das coisas que mais me alegrou foi o despertar da população para as questões do ambiente, e não sermos sempre os mesmos à volta do altar a celebrar a litúrgia do ambiente», refere, com a experiência de, antes de desempenhar as funções de secretário de Estado, ter sido sócio de dois grupos ambientalistas e ter participado em inúmeras «missas».

«Houve um transbordar das coisas, em Outubro de 1986, com o caso da Arrábida e a entrevista ao Miguel Sousa Tavares na televisão», recorda. «Então as pessoas começaram a acreditar, o valor ambiente subiu na escala de valores dos cidadãos».

«Ministério seria extemporâneo»

Há quase um ano, a zona da Arrábida conheceu as demolições dos clandestinos, a que se seguiu a polémica da ilha de Faro, os planos para a Costa da Caparica.

Estavam em jogo ilegalidades que, pela imobilidade de anos, se tinham convertido em interesses com acérrimos defensores, resultado de uma política de facto consumado. O trajecto para a recuperação, ainda não concluído, teve episódios curiosos, que ultrapassaram as pinchagens que anunciavam para breve o fim do «reinado» de Carlos Pimenta.

«Um dia descobri aqui no Ministério, ao lado do meu gabinete, que a casa de banho que utilizava era clandestina...um autêntico crime num edifício destes».

Depois de obras recentes, do anterior espaço, que se prolongava para o andar superior sob a forma de arrecadação, resta a memória, e com gestos largos, acompanhando a exuberância das palavras, num terraço com Lisboa aos pés, desenha o local onde, durante anos, por comodidade de um governante, o Ministério tinha um clandestino.

As batalhas já ganhas foram importantes pelo seu «pioneirismo», mas o ainda secretário de Estado do Ambiente tem consciência da limitação dos passos dados.

«Isto tem ainda de crescer», refere, exemplificando que «a Lei de Bases do Ambiente saíu em Abril deste ano, depois de ter estado quatro anos de molho, só agora começou a regulamentação, e ainda faltam saír 20 decretos».

«Para além disso», assinala realista, «há problemas culturais, de formação e divulgação para que a Lei seja efectivamente cumprida», mas constata tranquilo «que já passámos, em Portugal, a pré–história do ambiente».

Técnicamente, «a política de ambiente e ordenamento têm que andar juntas e a montante da política de desenvolvimento, se não quisermos ser a Brandoa ou a Praia da Rocha da Europa, até porque há coisas inegociáveis no ambiente». Razão pela qual, «a criação de um Ministério do Ambiente seria, neste momento, extemporânea», considera, referindo a experiência do Ministério da Qualidade de Vida.

«Vou para a Europa fazer uma sabática de dois anos»

A subida de estatuto, «seria a dimunuição da intervenção do secretário de Estado», assegura. Em termos práticos, no momento em que não está ainda definida a nível nacional uma política do ambiente, um ministro perderia o «guarda chuva» que o secretário de Estado afirma ter encontrado no Ministério do Plano e da Administração do Território.

A questão interessa-o e, é com estranheza, que no percurso de um dos mais jovens membros do Governo, secretário de Estado aos 28 anos, surge a saída quando muito ainda está por fazer, e o próprio admite que a obra não está concluída.

«Não sou capaz de trabalhar sem ter uma base de idéias e de projecto», sublinha Carlos Pimenta, adiantando que «estes quatro anos foram passados com muita intuição, mas não podemos ser governantes a cheiro».

«Não domino os assuntos financeiros e da macro–economia, fui estudante–trabalhador, sou engenheiro, formado em energia e depois especializado em computadores, mas acho que estudei pouco em termos de profundidade».

Preparação para novos voos? «Nunca pleaneio a vida a mais de 15 dias, gosto de fazer planos leves para as instituições onde estou, mas em relação à minha vida pessoal sou muito livre, senão não me sentia bem comigo próprio». garante.

«Quero voltar para Portugal», prossegue, «não vou para o Parlamento Europeu para ganhar espaço, vou para estudar, fazer uma sabática de dois anos na Europa porque acredito na Europa».

«Acredito na Europa como espaço cultural, acredito na Europa das culturas, e não estou a ver Portugal, com o mundo a evoluir para um macro sistema, a ter qualquer viabilidade económica e capacidade de, por si só, dar o salto», refere. «Aliás, nenhum país europeu, nem a República Federal Alemã, tem essa possibilidade».

O regresso será feito «para trabalhar no Estado, não porque procure reconhecimento público, não é a repercussão que procuro, mas sim o gozo pessoal».

«Aumentar a participação dos cidadãos»

Entrando numa fase menos conhecida de si, a de adepto de um aprofundamento da democracia, Carlos Pimenta refere que o gozo pessoal que o norteia na gestão da coisa pública se insere na tentativa de «construção de uma democracia nova assente nos valores da transparência».

«Aqui, na secretaria de Estado, fez–se esta festa toda com gente que está em funções há meses», refere, «e nunca pusemos obtáculos a que os jornalistas aqui viessem e procurassem informação».

Momentos antes, numa curta visita, os dados dos computadores sobre a qualidade do ar em vários pontos do país iam desfilando perante os nosso olhos, fornecidos por uma tecnologia moderna, operada por técnicos e funcionários jovens.

«O problema que se coloca num país onde ainda há gente a viver mal, a tarefa importante para os que têm vocação para a política, é suscitar uma evolução qualitativa da democracia, no aumento da participação dos cidadãos, numa sociedade onde a informação é fundamental, e os cidadãos são protagonistas e não espectadores»., sublinha.

«A aposta no homem» título de um livre seu, «que fiz quando estive parado durante seis meses», reflecte o interesse pelas grandes questões, a inquietação perante o futuro: «a democracia não se esgota na democracia representativa, há um espaço cada vez maior para a participação dos cidadãos, que passa pela manutenção de uma identidade cultural, portanto por uma política do ambiente, de cultura, de educação e investigação científica».

«Nunca tive a noção de estar num bunker»

Foram 15 mil só no mês de Julho

Aumenta o número de turistas que pede informações no Porto

O número de turistas que em Julho deste ano passaram pelo posto de turismo do Porto aumentou em 28 por cento, relativamente ao mesmo mês de 1986, segundo um responsável daquele serviço.

Cerca de 15 000 turistas procuraram em Julho de 1986 os serviços municipais da especialidade, e este ano o número de visitantes ultrapassa já os 19 000.

A maior parte dos estrangeiros que visitam o Porto é proveniente da Holanda, segundo indicadores obtidos junto da delegação da Direcção-Geral de Turismo (DGT).

Uma funcionária deste organismo, precisou que no mês de Julho findo estiveram na cidade do Porto 487 holandeses, 436 franceses, 419 dinamarqueses, 402 espanhóis, 397 alemães-federais, e 209 ingleses.

Admite-se que o número de visitantes destas nacionalidades, bem como dos Estados unidos, tenha sido superior aos indicados, porquanto esta relação foi estabelecida a partir de turistas que procuraram os serviços locais da DGT.

O verador do pelouro do Turismo da Câmara Municipal do Porto, César Pereira, a este propósito referiu que a afluência de holandeses e norte-americanos (47 em Julho de 1986 e 135 em Julho deste ano) decorre da realização de algumas campanhas de promoção turística que Portugal tem vindo a desenvolver naqueles mercados potenciais, tendo em vista uma diversificação dos mercados tradicionais.

Por outro lado, observou aquele técnico, a circunstância de ter vindo a aumentar o número de turistas franceses reflecte uma recuperação de um mercado que, nos anos anteriores, tinha procurado outros países de destino.

«O afluxo de turismo na região do Porto tem vindo a aumentar nos últimos dois anos, o que traduz um crescimento apoiado, resultante em parte do programa de promoção que se desenvolve no estrangeiro, designadamente nos países membros da CEE» — acrescentou.

César Pereira sublinhou que a maior parte dos turistas estrangeiros que se dirigem ao posto municipal são estreantes na visita ao Norte do País, «porque os visitantes habituais não procuram estes serviços e têm lugares reservados antecipadamente em hotéis e outros estabelecimentos similares».

Numa ronda, pelos principais hotéis da cidade, foi possível apurar que a taxa de ocupação, nesta altura do ano, nos estabelecimentos de quatro e cinco estrelas é superior em cerca de 30 por cento à taxa do mesmo mês do ano transacto.

A capacidade de hospedagem destas unidades encontra-se praticamente esgotada no mês de Agosto, disseram os directores destes hotéis.

Lisboa-Madrid
Madrid-Lisboa

Novo serviço Auto—Expresso

(De 4 de Junho a 21 de Setembro)

Grandes descontos nos Dias Verdes

Informe-se na sua agência de viagens ou na estação mais próxima

Três ou quatro peixinhos valem 500 escudos para o turista

PREÇO DAS SARDINHAS JÁ TEVE PARALELO HÁ

Peniche nem sonha que ao vender aos turistas que a invadem três ou quatro sardinhas por 500 escudos, está ainda muito aquém do preço que elas já ali atingiram, quando há 200 anos chegaram a valer ouro.

Isso passou-se quando em 1786 ali desembarcaram os cerca de 300 náufragos do galeão espanhol «San Pedro de Alcântara», que se afundou na Costa da Papôa, com uma carga equivalente a quatro anos de explorações espanholas no Peru,

«A região era pobre, não havia muito que comer e a chegada súbita de tanta gente fez com que a procura fosse enorme e uma sardinha chegasse a ser trocada por uma moeda de ouro» - conta Maria Luísa Blot, arqueóloga que faz parte da equipa que em Peniche investiga os despojos do naufrágio, parte deles ainda hoje ali enterrados, quer no mar, quer em terra.

Agora é a fase das escavações da vala comum descoberta frente à praia do Porto de Areia Norte, onde em 1786 foram depositados os corpos de pelo menos 80 náufragos, entre os quais os de 17 prisioneiros políticos peruanos, de raça inca, descendentes do chefe rebelde Tupac Amarou II, líder de uma revolta contra o poder espanhol, no Peru, em 1780.

É sob uma tenda de plástico, protegendo do vento o local onde decorrem as escavações, que a equipa de investigadores actua de momento, escavando grão a grão de areia, milímitro a milímetro, agora um crânio, depois uma tíbia, esqueletos de gente que, como sucede com os prisioneiros incas «são actualmente considerados heróis nacionais no Peru».

Desenterrar o passado

Uma broca de dentista e muita paciência são os «utensílios» básicos para a actual fase das investigações, feitas por uma equipa que vai «desenterrando» pedaços da história do Peru, de Espanha, do Império Inca e do solo de Peniche.

Foi na noite de 2 de Fevereiro de 1786, que encontrando um mar calmo, o «San Pedro de Alcântara» - carregado de ouro, cobre, prata e outras riquezas naturais do Peru - por um pequeno erro de estimativa na sua rota confundiu a costa da Berlenga com a costa de Peniche e veio embater violentamente contra as falésias da Papôa, naufragando.

Hoje, sobre o local onde foram depositados os corpos dos náufragos mortos, ainda há quem se lembre de ouvir dizer às crianças: «não vás para aí, estão lá os espanhóis enterrados» - conta Maria Luísa Blot, que recolheu também em Peniche diversa informação oral que veio a ser útil para a localização da vala comum.

Agora é um fragmento de crânio que surge, entre as poeiras coadas, provenientes das areias das escavações, feitas com a ajuda de um pincel macio, a fim de não danificar o que se vai encontrando, numa operação que, nesta fase, prima pela minúcia.

«Se não for assim perde-se toda a informação que estes corpos podem fornecer» - sublinha a arqueóloga que, de imediato e à vista desarmada, identifica aquele fragmento como pertencendo ao «crânio de uma criança».

Parece tijolo mas é crânio

A qualquer mortal, mais pareceria tratar-se de um mero pedaço de tijolo, com aquela cor, mas Maria Luísa Blot não tem dúvidas e acrescenta: «Trata-se de um crânio de uma pessoa ainda não completamente desenvolvida, de uma criança.»

O facto de se tratar de uma vala comum constitui para a equipa o maior problema. «Os corpos vão urgindo e conhecemos até os nomes da maior parte, já que há uma lista com a identificação dos náufragos.»

Acontece é que os esqueletos se misturam e entrelaçam numa amálgama, tornando-se difícil separar quem é quem.

Situada em frente à praia do porto de Areia Norte, a vala comum encontra-se agora protegida por uma armação onde foram afixados cartazes alertando a população para a investigação que ali se está a fazer e contando um pouco da história do «San Pedro de Alcântara» e dos seus náufragos.

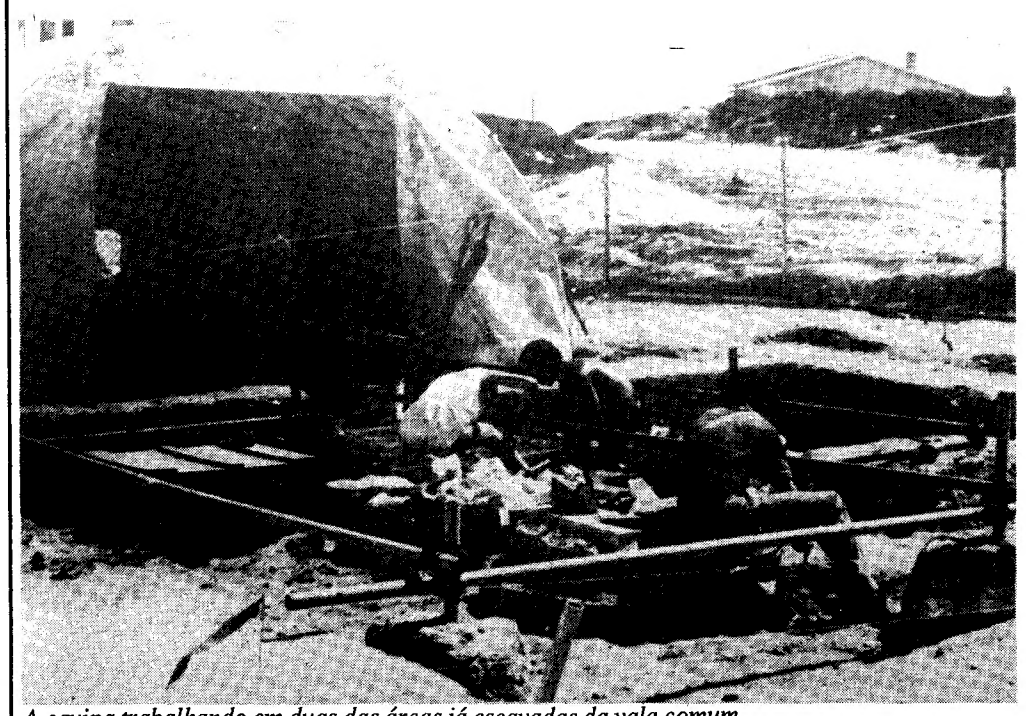
Uma bandeira de Portugal hasteada num dos extremos da armação de madeira e plástico, delimita a área onde está enterrada uma página da História Universal, já que o naufrágio no galeão espanhol «penetrou de facto todos os níveis da sociedade da época, em finais do século XVIII».

«O naufrágio do navio, carregado de riquezes, iria causar a morte de 155 pessoas, a ruína de muitas outras, a falência de muitas casas comerciais, o alarme na corte de Madrid, cujos bens jaziam no fundo do mar.»

Atraiu muita gente por vários motivos

«Iria também atrair os gananciosos, assegurar promoções, ser o prenúncio de desgraças, condenações, prisões, inspirar um dos pintores mais em voga, ser o tema de um sermão, cobrir as páginas das gazetas europeias, ocupar a correspondência dos agentes diplomáticos e atrair inventores desejosos de experimentar «novas máquinas de mergulhar» —conforme referem os autores de uma tese em História e Arqueologia NNaval, apresentada na Sorbonne.

Produto de 12 anos de investigações, em arquivos de vários países europeus, a história do naufrágio do «Sam Pedro de Al-



A equipa trabalhando em duas das áreas já escavadas da vala comum

EM PENICHE 200 ANOS

Um dos elementos da equipa que procede às escavações peneira as areias removidas da vala comum

cântara» é agora o assunto da tese de doutoramento do arqueólogo francês Jean Yves Blot, na Sorbonne, em História Marítima e Arqueologia Subaquática.

Este ano, as escavações, iniciadas em 1986, vão prolongar-se durante três meses e até Setembro, «isto, se a verba subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura chegar para manter a equipa em funcionamento até lá» — disse Maria Luísa Blot.

As explorações subaquáticas, cujo início estava previsto para este Verão, só em 1988 deverão ver a luz do fundo do mar de Peniche.

Mas o facto, se atrapalha, não chega para fazer com que o ânimo e o interesse diminuam.

Como refere Maria Luísa Blot, «estes não são uns mortos quaisquer. Tenho a impressão de os conhecer de há longa data. Sabemos muito do passdo desta gente. É como estar a escavar túmulos de gente conhecida».

Mas, quem se interessa por esta investigação, além da equipa?

A Câmara Municipal de Peniche tem colaborado imenso — garante a arqueóloga — e além de ter colocado funcionários à disposição, está mesmo a subsidiar as refeições dos membros da equipa.

Por outro lado, a Embaixada do Peru manifestou já o seu interesse e recentemente fez deslocar a Peniche, ao local das escavações, uma equipa chefiada pelo encarregado de Negócios daquela missão diplomática.

«Estas pessoas, de raça inca, que aqui estão enterradas, são agora heróis nacionais no Peru e alguns dos elementos da Embaixada manifestaram-se mesmo decididos a mergulhar connosco quando iniciarmos as pesquisas subaquáticas.»

A acrescentar ao interesse arqueológico, a história do «San Pedro de Alcântara» é de facto de uma riqueza imensa e capaz de despertar a atenção do mundo, longe de Peniche onde o naufrágio e as suas consequências provocaram «uma autêntica revolução» na vida daquela antiga povoação — segundo Maria Luísa Blot.

Espólio já é muito pequeno

Isso deveu-se em parte ao facto de nos três anos que se seguiram ao naufrágio o governmo espanhol ter enviado para o local equipas de mergulhadores, que conseguiram recuperar cerca de 90 por cento do espólio que o galeão transportava.

De resto, sublinhe-se, mas explorações subaquáticas pouco mais se deverá encontrar do navio, além de restos dos seus fundos e vestígios de colecções de uma missão científica franco-espanhola, que trazia encaixotados no «San Pedro de Alcântara» produtos botânicos herbáceos de plantas exóticas que os europeus desconheciam, entre as quais o quinino.

Admite-se também a possibilidade de no fundo do mar se encontrar ainda uma colecção de cerâmica inca — hoje de grande valor — produzida por índios da civilização Chimu, do Norte do Peru, que consta nas listas de carregamento do navio e cuja recuperação não foi assinalada, à data das pesquisas subaquáticas feitas pelos mergulhadores espanhóis.

O «San Pedro de Alcântara» era aliás um de dois navios espanhóis que, em 1784 — findo o bloqueio de quatro anos imposto pela guerra entre Espanha e Inglaterra, na rota habitual dos navios provenientes do Peru — a do cabo Horn — partiram do porto de Callao, no Peru, onde haviam sido carregados com uma quantidade enorme de produtos que ao longo desse tempo se foi amontoando, sem poderem ser escoados para a Europa.

Diplomatas e revoltosos incas entre os náufragos

Passageiros, diplomatas que haviam terminado as suas comissões no Peru e centenas de prisioneiros da revolta índia que eclodiu no Peru contra a administração espanhola em 1780, chefiada por Tupac Amaru II, faziam parte dos passageiros dos dois navios, o segundo dos quais, o «El Peruano» conseguiu chegar a bom porto, a Cadiz, em 1785.

Já o «San Pedro de Alcântara», que vinha demasiado carregado, fez uma viagem cheia de interrupções, tendo tido necessidade por mais de uma vez de aportar para reparações do casco.

Segundo relatos da época, o navio necessitava já de reparações aos seus fundos, que «metiam água de três polegadas por dia», pouco depois da partida de Callao, no porto de Lima.

Já no final do percurso, em Peniche, um erro de estimativa na rota a seguir — provocado por indicações erradas fornecidas pela carta disponível — fez com que na noite escura de 2 de Fevereiro o navio, que navegava com um mar calmo e vento favorável, fosse embater na península de Peniche, naufragando.

Foi nas falésias da praia da Papoa que o «San Pedro de Alcântara» naufragou, calculando-se que tenham então morrido cerca de 155 pessoas, cujos corpos começaram a dar à costa na manhã seguinte.

Pescadores e habitantes de Peniche participaram activamente nas operações de salvamento dos sobreviventes do naufrágio entre os quais se encontrava Fernando Tupac Amaru, filho do líder inca rebelde e que contava então 10 anos.

As investigações feitas pela equipa chefiada por Jean Yves Blot permitiram reconstituir o percurso de Fernando Tupac Amaru, que ainda vagueou pelas falésias de Peniche, mas que devido à fome e às dificuldades acabou por se entregar novamente às autoridades espanholas.

Esqueletos de 7 náufragos

Através de documentos encontrados em diversos arquivos consultados, esse percurso foi estabelecido até os 21 anos de Fernando Tupac Amaru, então em Madrid e que doente e debilitado escreve uma carta ao rei de Espanha, a quem pede auxílio.

Até hoje, os resultados das investigações efectuadas em Peniche desde 1986 permitiram já encontrar os esqueletos de sete náufragos, cinco dos quais no ano anterior e dois este ano, entre eles o de uma criança.

«Quantos mais se vão encontrar dos cerca de 80 que ali terão sido depositados, de acordo com a informação escrita recolhida, só o tempo o dirá» —acrescenta Maria Luísa Blot, que pacientemente continua a escavar o local onde se sobrepõem já restos mortais de vários náufragos.

Separar concretamente «quem é quem» é já tarefa para outros especialistas, nomeadamente no que diz respeito aos corpos dos descendentes incas, trabalho que deverá fazer deslocar a Portugal um anropólogo andino.

Entretanto,e até Setembro, Maria Luísa Blot e a sua equipa, que além do marido inclui um cineasta, Viriato José Costa, um funcionário do Museu de Arqueologia e mergulhador e dois jovens elementos, «móveis», em ocupação de tempos livres, vão prosseguir as escavações.

Curiosamente, e a recordar que de náufragos se trata, nenhum objecto pessoal ou vestígios deles foram encontrados junto aos corpos.

O que mais virá a surgir debaixo do solo de Peniche ou no seu mar «só o tempo o dirá», mas para Luisa Blot não seria descabido transformar a Papoa num local turístico, com uma estátua aos incas e a Tupac Amaru II.

Um dos esqueletos que estão a ser desenterrados na vala comum detectada junto à praia da Areia Norte, em Peniche

GNR preocupa-se com o aumento da sinistralidade

ACIDENTES NAS ESTRADAS MATAM 150 PESSOAS EM TRÊS MIL ACIDENTES MENSAIS (MÉDIA)

«Os acidentes nas estradas portuguesas tiveram um incremento preocupante nos seis primeiros meses do ano», disse o comandante da Brigada de Trânsito da GNR, Emídio Vicente. O mesmo responsável referiu que a Guarda Nacional Republicana está a registar, na área da sua responsabilidade, uma média mensal de 3 000 acidentes, com 150 mortos.

Os dados já recolhidos permitem dizer que este ano vão registar-se mais acidentes de viação e mortos do que o ano passado nas stradas do continente, acrescentou.

«Depois de conseguirmos de certa forma estabilizar e em certo sentido diminuir a sinistralidade automóvel» — acentuou —«ela está presentemente a preocupar-nos».

«Estamos a notar um crescimento substancial de sinistralidade nas estradas», acrescentou.

Num levantamento sumário das razões dos desastres, aquele oficial apontou o aumento de circulação de veículos e maior gasto de combustível.

Referiu que este fenómeno da sinistralidade não é exclusivamente português, antes se verifica noutros países europeus.

O coronel Emídio Vicente acrescentou que as «nossas penalidades para com o condutor que não cumpre as regras do trânsito são extremamente brandas».

Exemplificando, referiu que uma manobra perigosa em Portugal, é punida com uma multa de 1 500 escudos, enquanto que em França o prevaricador paga 55 contos, em Espanha 60 contos e que na República Federal da Alemanha lhe é deduzida uma percentagem no vencimento.

O comandante da Brigada de Trânsito da GNR referiu que «todos os anos Portugal enche um cemitério com sinistrados da estrada».

Acrescentou que «esta fatalidade que dizem ser histórica em Portugal vai manter-se».

Para Portugal não continuar a ocupar o primeiro lugar na Europa nas estatísticas destes acidentes, é necessário impor «penas mais gravosas» e substituir o parque automóvel velho.

Considerou contribuição positiva as inspecções periódicas que disse estarem prestes a fazer-se em Portugal.

O responsável pela Brigada de Trânsito sublinhou que o português «é um bocado adverso ao cumprimento das leis e extremamente indisciplinado nas estradas».

Todo o dispositivo da Guarda Nacional Republicana, vai utilizar a aparelhagem antiálcool, presentemente feito somente pelas brigadas de trânsito da GNR e PSP, disse.

Neste momento, estão a receber treinos com a aparelhagem seguido de um programa de manutenção e calibração dos aparelhos.

Segundo aquele oficial, a GNR pensa efectuar 400 mil testes antiálcool por ano.

A Brigada de Trânsito da GNR está presentemente a fazer teste anti-álcool obrigatoriamente quando se registam acidentes e quando o sinistrado pode ser testado.

«Presentemente, estamos também a efectuar testes quando o condutor faz uma manobra perigosa», acrescentou.

Com estas acções, o comandante da Brigada de Trânsito sublinhou que «procuramos dissuadir as pessoas que conduzem sob o efeito do álcool».

A Guarda Nacional Republicana e a sua Brigada de Trânsito, sãa responsável por todas as estradas do continente.

As estradas nacionais portuguesas têm cerca de 20 mil quilómetros.

As estradas Lisboa-Porto, Lisboa-Algar-ve, a EN 125 do Algarve e as estradas das Beiras, são patrulhadas 24 horas/dia.

Depois de comprar casas para os cinco filhos

Taxista que ganhou Totoloto vai "correr Mundo" com a mulher

O anónimo de Barroselas (distrito de Viana do Castelo), que, tal como ontem noticiámos, ganhou sozinho o 1.º prémio do Totoloto, no valor de 61 403 contos, acabou afinal por «dar a cara». Trata-se de José Meira, de 47 anos, taxista, que disse pretender aplicar o dinheiro na compra de casa para cada um dos cinco filhos e depois «correr mundo» com a mulher.

José Meira disse ainda que não pensa abandonar a profissão, embora vá exercê-la «com menos frequência». O novo milionário gastou 750 escudos ao adquirir um bilhete de 10 apostas para cinco semanas.

Faleceu antiga professora de Chissano e Samora Machel

Uma freira portuguesa, que fora professora de Samora Machel e Joaquim Chissano, respectivamente antigo e actual presidentes moçambicanos, morreu no sábado passado atropelada por um automóvel numa das ruas de Maputo.

A vítima, Maria Ângela da Cruz, de 75 anos, pertencia à Congregação das Franciscanas de Nossa Senhora. O funeral realiza-se hoje.

Em acidentes desde o início do Verão

Já morreram em Espanha dez emigrantes portugueses

António Martins Pereira, o décimo emigrante falecido vítima de acidente em estradas de Espanha desde o início deste Verão, encontrou ontem de manhã a morte quando o automóvel que conduzia foi abalroado frontalmente, em Tordesilhas, por um veículo com a matrícula do país vizinho.

Com a idade de 20 anos, e natural de Vila Nova de Ourém, António Martins Pereira, que residia em França, viajava com outros emigrantes que sofreram apenas ferimentos ligeiros, tal como os passageiros do carro espanhol.

De referir que devido à redução do tráfego, hoje é o último dia da campanha de assistência aos emigrantes que se deslocam de férias a Portugal, por parte da Direcção-Geral de Viação, Prevenção Rodoviária Portuguesa e Secretaria de Estado da Emigração.

No entanto, a operação continua por parte das autoridades de trânsito espanholas e as áreas de descanso protegidas junto das estradas, em Tordesilhas (Valladolid), Torquemada (Palencia) e Briviesca (Burgos), continuam abertas até ao início de Setembro, a fim de atender os emigrantes portugueses no regresso.

Já condenados ou a aguardar julgamento nas cadeias portuguesas

Detidos 369 estrangeiros envolvidos em tráfico de droga

As cadeias portuguesas têm neste momento encarcerados 369 cidadãos estrangeiros pertencentes a 31 países, condenados ou a aguardar julgamento por tráfico de estupefaciantes. A informação foi divulgada pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais que referiu que desses reclusos, 187 foram condenados e estão a cumprir penas, sendo 51 originários de Cabo-Verde, 26 de Espanha, 13 da Nigéria, e dez da Bolívia, entre as nacionalidades mais representativas.

Quanto aos presos a aquardar julgamento são provenientes de 24 países, entre os quais 51 de Cabo Verde, 37 de Espanha, 19 da República Popular de Angola e 18 da Colômbia.

A mesma fonte revelou que as cadeias existentes no nosso país têm presentemente uma população de 8.122 reclusos, portugueses e estrangeiros.

FUNDO DE RETIRO

Mário Castrim

FOI com um misto de espanto e indignação (como se dizia nos romances antigos que já não há, desaparece tudo quanto é om!) que li aquela notícia no jornal. Nada mais, nada menos: estava em preparação um curso de caceteiros.

Isto, só por si, já seria grave. Porém a notícia ia mais longe. Dizia que se tratava de um curso de reciclagem!

Estão a ver o **cocktail**: *caceteiros e ainda por cima em reciclagem, livra!*

Fiquei excitadíssimo. Muitos amigos meus temiam isso e aduziam razões fortes. Cá por mim, acalmei-os.

Sosseguem, isto não vai assim com essa facilidade, como dizia o poeta «não se arranca a cabeça a um homem como se arranca um nabo». Dizia eu isto e outras palavras tranquilizadoras. Agora não sei que pensar. Estou mesmo baralhado de todo. Ter-me-ei uma vez mais deixado ultrapassar pela realidade? Se o poeta é o guia da tribo, como queria Éluard, que raio de poeta sou eu que aos sinais evidentes e videntes fecho os olhos? De repente, apanho com uma destas pelas trombas. Mas no jornal, dobrado sobre a mesa (a notícia tirava-me coragem para ler o resto) lá estava: curso de reciclagem para caceteiros, estão abertas as inscrições. Ò tempos difíceis estes tempos! Julgava uma pessoa estar sempre livre das imunes traulitagens e de repente a ilusão cai por terra. Não, não merecíamos isto. E ainda por cima, com direito a curso! Ponho-me a imaginar as matérias, os processos, os professores. Nos cacetes, o plástico deve ter substituído o lódão.

Os alvos serão constituídos por boneccos de serradura, para efeito de estudos anatómicos. Os alunos receberão noções de Karaté, residindo aqui o aspecto mais inovador da reciclagem. Haverá cursos intensivos da conjuntura internacional dirigidos por Virgílio de Carvalho, Baptista Comprido, António Maria Pereira e outros. Movido talvez pelo gosto do sofrimento, volto a ler a notícia. Céus, tratava-se pura e simplesmente de um curso para **calceteiros!** Calceteiros e não caceteiros.

Uff!, que alívio. Por quanto tempo?

PROCURA DE HABITAÇÃO PRÓPRIA PRESSIONA PREÇOS DOS FOGOS

O mercado de habitação própria manteve, em 1986, a tendência expansiva da procura, já registada no ano anterior, sem que a oferta se mostrasse capaz de repôr o «stock» de fogos então disponíveis, gerando acréscimos de preços «não completamente justificados pelos custos de produção».

A afirmação é feita no Relatório e Contas da Caixa Geral de Depósitos, recentemente divulgado, onde se dá conta no movimento realizado em 1986, responsável por significativos acréscimos da procura de financiamento para compra de habitação própria.

Segundo o documento daquela instituição de crédito particularmente vocacionada para a concessão de crédito à habitação, a pressão da procura, motivada por uma «persistente carência de habitação» e encorajada por condições incentivadoras, esbarrou numa «oferta estagnada» incapaz de proceder à reposição do volume de fogos disponíveis para venda, frequentemente referido como ultrapassando as quarenta mil unidades.

Essa pressão traduziu-se pela entrada - só na Caixa Geral e Depósitos - de 58 286 novas propostas de financiamento, num total de 169,4 milhões de contos, tendo sido aprovadas 48 716 com um valor global de 129,3 milhões de contos.

Os números, agora publicados, representaram um acréscimo significativo relativamente aos verificados no ano anterior. Assim, os pedidos de financiamento subiram cerca de quatro quintos comparativamente a 1985 num montante global que ultrapassou o registado nesse ano em 132 por cento, enquanto os empréstimos aprovados quase duplicaram em número num valor total superior, ao daquele ano, em duas vezes e meia.

Esta tendência manifestou-se também no volume de contratação que totalizou 32 435 novas operações num valor global de 82,6 milhões de contos, representando respectivamente acréscimos de 40 e 86 por cento.

O total das novas operações efectuadas registaram uma progressão de 55 por cento, considerada como a mais elevada dos últimos anos, que se ficou a dever integralmente aos empréstimos para habitação própria bonificada, só por si responsáveis por um acréscimo de 53 e 109 por cento, respectivamente, em número e valor.

Nas restantes finalidades - Regime Não Bonificado e de Poupança–Crédito -, as novas operações registaram uma regressão comparativamente a 1985, especialmente no caso da Poupança–Crédito, regime que, entre Março e Junho, viu suspensos os respectivos empréstimos, tendo se criado em sua substituição, naquele último mês, o Regime Poupança–Emigrante. A redução de bonificações do novo regime explica, segundo o Relatório divulgado, a quebra sofrida pelos novos créditos para aproveitamento de energia solar.

Tendência semelhante verificaram-se nas operações a favor dos industriais de construção que registaram um valor de 21,3 milhões de contos, montante inferior ao de 1985 já de si em queda desde 1984.

As razões apontadas para a forte pressão da procura, tal como vem referido, relacionam-se, na sua maior parte, com políticas incentivadoras já adoptadas em 1985, das quais o Relatório destaca a desaceleração do índice de preços no consumidor sem habitação de 19,3 para 11,7 por cento, as descidas das taxas de juro em Novembro de 1985 e Março e Junho do ano passado, as possibilidades conferidas às instituições de crédito de adoptarem planos de rembolso flexíveis adaptadas às condições do mutuário, a isenção do imposto de sisa na aquisição de habitação própria permanente até dez mil contos e a concessão de crédito para quisição de terrenos destinados à construção. Do lado do funcionamento da Caixa, o Relatório salienta a aceleração do ritmo de contratação trazida pela adaptação de alguns procedimentos no processamento da documentação e alargamento da descentralização dos serviços a mais 25 balcões nas zonas de intensa procura, resultando na redução do tempo de espera.

OPEP pode aumentar preço de referência

A OPEP poderá aumentar o seu preço de referência do petróleo bruto para mais de 20 dólares o barril em Dezembro, se não houver sobreprodução no terceiro trimestre, indicou hoje o ministro Indonésio das minas e energia.

«Nada está formalizado», disse Subroto, acrescentando contudo que «se pudermos controlar a produção no terceiro trimestre, tendo em conta o nível da inflação e a situação do dólar, os preços poderão ultrapassar os 20 dólares em Dezembro». Note–se que o preço de referência de petróleo bruto é actualmente de 18 dólares o barril.

Os membros da OPEP tinham decidido, aquando da sua última reunião em Junho, limitar a produção a 16,6 milhões de barris por dia nos dois últimos trimestres de 1987. Segundo afirma um relatório da Agência Internacional de Energia (AIE), a produção da OPEP no segundo trimestre deste ano foi em média de 16,9 milhões de barris por dia, face a um limite fixado em 15,8 milhões.

A propósito da ameaça iraniana de encerrar o estreito de Ormuz, Subroto declarou que o Irão não arranjará problemas senão a si próprio.

Entretanto, e em estreita conexão com os acontecimentos do Golfo Pérsico, o dólar norte–americano voltou ontem a subir nas principais praças financeiras. Em Tóquio, o dólar fechou ontem a 151,65 contra 151,23 ienes na sexta–feira.

Operadores europeus apontam como causa desta evolução, além da crise do Golfo, a subida das taxas de juro norte–americanas. No entanto, o dólar poderá vir a baixar em consequência das intervenções do Banco da Reserva Federal (banco central dos EUA), do Bundesbank e do Banco de Inglaterra.

Por seu turno, o ouro manteve–se em baixa no mercado mundial. Em Lisboa a diminuição do metal precioso foi de 20,7 escudos.

Há carne de porco em excesso

O Iroma, Instituto Regulador e Orientador dos Mercados Agrícolas, tem neste momento armazenadas 2500 toneladas de carne de porco, fruto de intervenções recentes - disse ontem à Lusa um responsável daquele organismo.

A operação de armazenagem custa mais de 5 mil contos por mês, sabendo–se que o congelamento de um quilo de carne importa mensalmente em dois escudos, não se contando nesses cálculos o dinheiro empatado e respectivos juros.

As associações de produtores têm vindo a queixar–se, por um lado, da persistência da baixa dos preços, e por outro, de alegadas operações ilegais de importação de carcaças de suínos para a indústria.

Segundo Fernando Paisana, «a baixa de preços ficou a dever–se a um aumento da produção, o que demonstra que os preços eram compensadores».

Trabalhadores da Agência Portuguesa de Revistas vão reunir-se

Os trabalhadores da Agência Portuguesa de Revistas vão reunir–se no próximo sábado com vista a definirem uma atitude comum em relação às dívidas que a empresa tem para com eles. A empresa foi praticamente desactivada e os trabalhadores afirmam que o seu património foi todo transferido para outras sociedades igualmente pertencentes aos seus proprietários.

No total, a A.P.R. empregava 150 pessoas, das quais apenas meia centena continuam a apresentar–se ao serviço. Os salários não são pagos desde há quatro meses e a maior parte dos trabalhadores viu–se obrigada a procurar outros modos de vida, sem sequer receber o dinheiro que lhes era devido.

A reunião realiza–se às 10 horas da manhã do próximo sábado dia 15, na Voz do Operário, em Lisboa.

Podíamos produzi-la três vezes mais barata

Importamos "leca" de Espanha com fábrica parada em Ansião

A «leca», uma matéria-prima utilizada na construção civil para isolamentos térmicos e acústicos, é importada de Espanha a um preço quase três vezes superior ao que a Argilex Portuguesa poderia praticar — disseram à Lusa fontes destsa, sediada em Avelar.

Devido à ruptura financeira provocada pelo investimento precipitado numa segunda linha de fabrico, a Argilex — Sociedade de Argilas Expandidas, SARL — suspendeu a laboração em Novembro de 1984. Empregava nessa altura cerca de 700 pessoas, a maior parte das quais sobrevive, desde então, com base no subsídio de desemprego.

Outra parte — uma dezena de trabalhadores — assegura a preservação do património da empresa «de uma forma exemplar». Esta expressão foi usada pelo próprio presidente do conselho de administração da Argilex, Domingos Megre, e pelo presidente da Câmara Municipal de Ansião, em declarações à Lusa.

Manuel Júlio Marques considerou que a paralisação da fábrica do Avelar representa um duro golpe para a economia do seu concelho, fracamente industrializado, e para a própria economia nacional. «Por isso esta autarquia não se tem poupado a diligências para conseguir que a Argilex volte a funcionar e tenho esperança de que isso venha a suceder dentro de meses» — disse o presidente da Câmara de Ansião.

Sem se comprometer com tanto optimismo, Domingos Megre adiantou, por seu turno, que a administração da Argilex «é lutadora e prossegue negociações com grande empenhamento em ver as coisas andar para a frente». Sublinhou também o «óptimo entendimento que tem havido entre a administração e os trabalhadores», adiantando que a actual conjuntura nacional «é favorável ao desbloqueamento da situação».

Emídio Dinis, chefe do escritório fabril da Argilex disse à Lusa que o Laboratório Nacional de Engenharia Civil também tenta o desbloqueamento da situação, por considerar a «leca» o melhor produto, entre os vários análogos, para prefabricados e isolamentos.

O mesmo quadro da empresa referiu que a dezena de trabalhadores que se mantém no activo sobrevive do produto das vendas do stock em armazém, «vendas que se vão fazendo, mas que são irregulares».

A Argilx era, até 1984, a única fabricante, em Portugal, de blocos e abobadilhas de «leca», que vendia a 60 firmas, além de uito produto a granel.

Esses expandidos de argila, que a construção civil não dispensa, estão há três anos a ser importados de Espanha à razão de cerca de nove contos-/tonelada, podendo vir a ser comercializados pela empresa a cerca de três contos, quando esta ultrapassar a sua situação de ruptura financeira.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

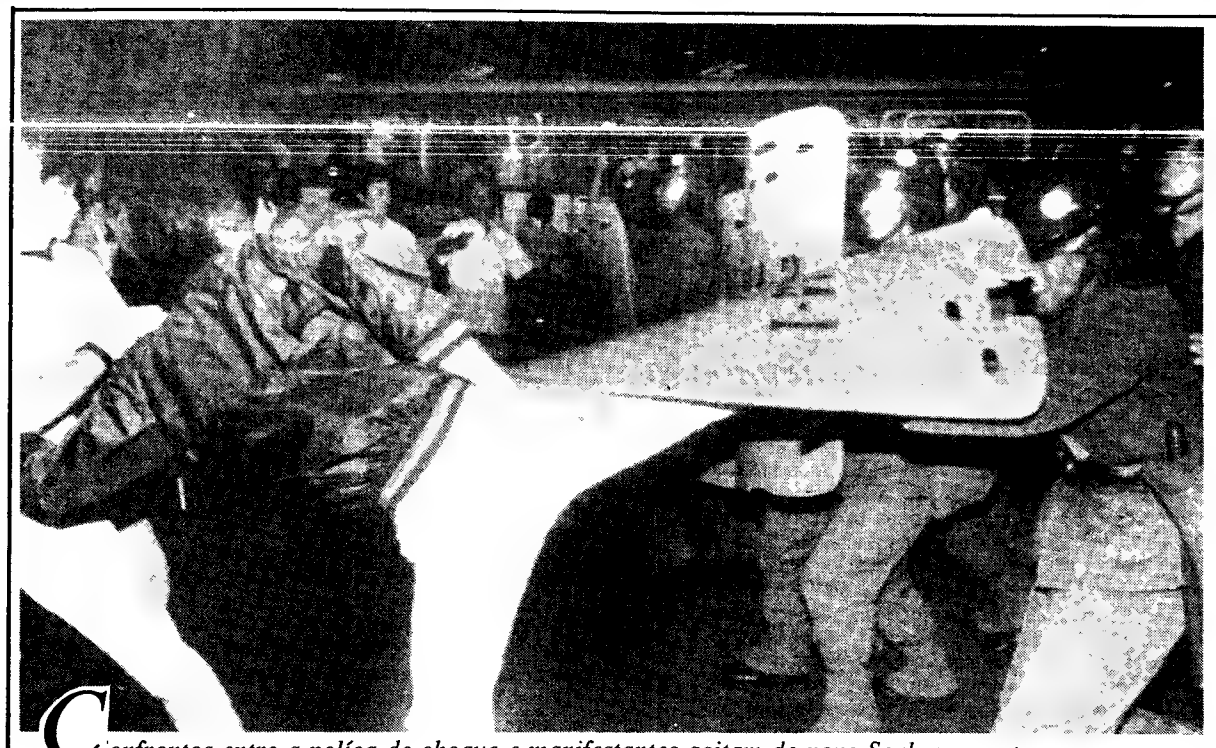
(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$80	57$80
ALEMANHA FED. (marco)	77$35	78$55
ÁUSTRIA (xelim)	10$95	11$15
BÉLGICA (franco)	3$525	3$775
BRASIL (cruzado)	2$100	3$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	109$95	112$45
(notas de 5 a 1000)	110$45	112$95
DINAMARCA (coroa)	20$35	20$75
ESPANHA (peseta)	1$108	1$228
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$05	149$55
(notas de 5 a 1000)	146$55	150$05
FINLÂNDIA (marka)	31$95	32$55
FRANÇA (franco)	23$20	23$90
HOLANDA (florim)	68$60	69$80
IRLANDA (libra)	208$30	212$30
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$921	$976
NORUEGA (coroa)	21$15	21$65
REINO UNIDO (libra)	230$15	234$65
SUÉCIA (coroa)	22$20	22$70
SUÍÇA (franco)	93$20	94$70
VENEZUELA (bolívar)	4$40	5$40

OBSERVAÇÕES:

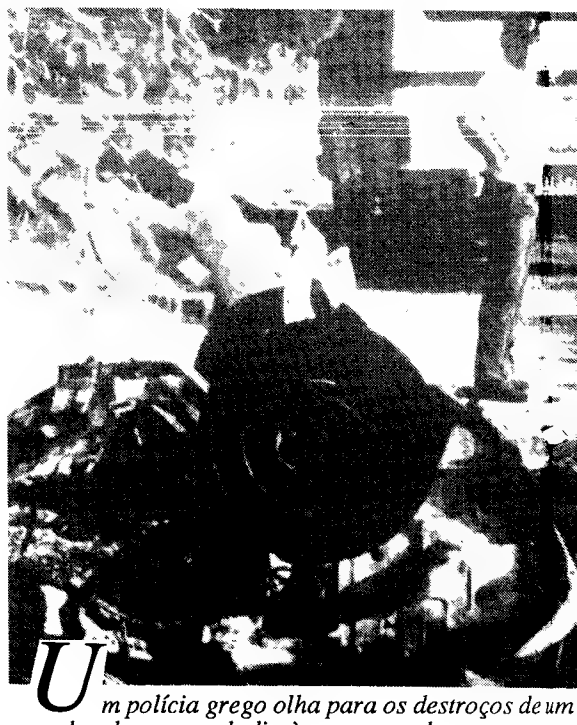
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Confrontos entre a políca de choque e manifestantes agitam de novo Seul, enquanto greves por aumentos salriais desencadeadas há seis semanas estão a afectar a maioria das indústrias sul-coreanas

O melhor «remédio» para evitar o contágio da Síndroma de Imunodeficiência Adquirida (SIDA) é um regresso rápido aos valores morais e éticos do Islão, concluiu um grupo de médicos turcos. Segundo a edição de ontem, do jornal «Tercuman», os «especialistas» reunidos num seminário de médicos muçulmanos realuzado em Ancara concluiram que a SIDA é uma advertência divina pela imoralidade, a perversão e a falta de ética das sociedades perante a homossexualidade. Um dos participantes do seminário afirmou que a SIDA é basicamente uma doença social e cultural, mais do que um problema clinico. Acrescentou que as sociedades que seguem normas de comportamento social contrárias aos principios do Islão correm o risco de sofrer vários flagelos, de que a SIDA é exemplo.



Um polícia grego olha para os destroços de um uma bomba que explodiu à passagem de um autoccar de uma base aérea dos EUA na Grécia. O atentado

Haiti: protestos continuam

Uma greve dos condutores de transpostes públicos paralisou ontem a capital haitiana, enquanto estudantes universitários boicotavam os exames finais, contestando o actual regime militar. Grande parte do comércio e restaurantes encerraram depois de uma semana de actividade normal. Soldados patrulhavam as ruas de Port-au-Prince, mas não houve notícia de incidentes ao contrário de semanas anteriores em que 37 civis foram mortos durante greves e protestos para pressionar a demissão do governo militar. Várias estações de rádio anunciaram que a calma se mantinha em muitas outras cidades onde a greve nem chegou a fazer-se sentir. Esta greve, convocada pelo Sindicato dos Condutores de Port-au-Price, visa protestar contra um aumento do preço dos combustíveis em sete por cento, anunciado pelo governo durante o fim-de-semana. Fontes diplomáticas garantiram o virtual sucesso desta greve dado que apenas um em 140 haitianos possui carro, estando por isso quase toda a população dependente dos transportes públicos para se deslocar para o emprego.

Fontes das escolas superiores da área da capital do Haiti revelaram entretanto que um em cada cinco estudantes não se apresentou aos exames finais que ontem começaram e se prolongam ate quinta-feira. Estes exames deveriam ter-se realizado em Junho, mas foram adiados devido a uma greve geral.

"Contras" não entregarão as armas

O dirigente dos «contras» nicaraguenses, Adolfo Calero, disse segunda-feira que a «Resistência Nicaraguense nunca entregará as armas». O dirigente da Resistência Nicaraguense (RN), nova denominação dos «contras», garantiu que só entregarão as armas quando a comissão internacional — encarregada pelo próprio «Acordo da Guatemala» — vigiar o cumprimento do acordo e a existência da democracia na Nicarágua. Calero afirmou que as armas da Resistência não serão entregues ao Governo nicaraguense, pois elas serão destruídas ou entregues a outros movimentos. O dirigente da RN disse que as declarações de Daniel Ortega de continuar a combaer os «contras» contrariam o espírito e a letra do «Plano Arias». Calero sublinhou que as reacções de Ortega evidenciam as diferenças internas que existem no directório dos comandantes sandinistas sobre a assinatura do «Plano Arias». Adolfo Calero encontra-se em Tegucigalpa, Honduras, para examinar com os membros do Estado-Maior do Exército rebelde os resultados e compromissos assinados sexta-feira na Guatemala.

EUA e URSS cooperam no espaço

Cientistas da União Soviética e dos Estados Unidos anunciaram ontem terem chegado a acordo para a realização de experiências médicas e biológicas espaciais conjuntas num satélite soviético que será posto em órbita em Setembro. Os Estados Unidos cooperarão num total de 27 experiências individuais no satélite, que transportará macacos, ratos, rãs, peixes e organismos unicelulares para estudar os efeitos da impoderabilidade nos animais, disseram os cientistas. Este projecto conjunto é o primeiro no âmbito de um tratado de cooperação de cinco anos assinado pelo secretário de Estado norte-americano George Shultz e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros Eduard Shevardnadze, em Abril passado, durante a visita que aquele efectuou a Moscovo. Os pormenores exactos das experiências foram analisados durante uma conferência de cinco dias que na semana passada reuniu cientistas soviéticos e norte-americanos na estância soviética de Nachik, no Cáucaso.

Iraque reinicia ataques contra o Irão

MAIS UM PETROLEIRO DANIFICADO POR UMA MINA PERTO DO GOLFO PÉ

Um superpetroleiro operado por uma companhia norte-americana, que viajava sob pavilhão panamiano,chocou ontem com uma mina perto do Golfo Pérsico. O Iraque pôs, entretanto, fim a 25 dias de tréguas nos seus ataques aéreos a instalações petrolíferas do Irão, intensificando assim o conflito bélico no Golfo.

O «Texaco Caribbean», que navega sob pavilhão panamiano, chocou com uma mina flutuante ao largo do porto dos Emirados Árabes Undios de Fujeira no Golfo de Oma. O incidente ocorreu numa zona onde os petroleiros que aí navegam não tinham sido ainda atingidos nos sete anos de guerra entre o Irão e o Iraque.

A mina provocou um buraco de um metro no casco, abaixo da linha de água, e fontes da navegação disseram que havia uma fuga nas 261.000 toneladas de petróleo iraniano que transporta va.

Referindo-se ao incidente, o comandante de um petroleiro salientou: «Esta mina coloca um grave problema para todos. Significa que as minas podem vaguear para qualquer lado, até para o Oceano Índico».

Entretanto, as autoridades do Iraque anunciaram que os seus jactos atacaram ontem seis refinarias e campos poetrolíferos do Irão em ataques simultâneos, porque Teerão recusou um cessar-fogo imposto por uma resolução do Conselho de Seguranca das Nações Unidas.

Fontes diplomáticas no Bahrain disseram que os ataques fazem surgir receios de retaliações iranianas.

Operações de escolta

Três petroleiros do Kuwait escoltados por quatro navios de guerra dos Estados Unidos estão hoje a navegar a baixa velocidade no Golfo Pérsico em direcção aquele pequeno Estado da região, depois de um atraso de dois dias causado pelo receio de embaterem em minas.

Um jornalista a bordo de um navio no Golfo disse à agência Reuter por rádio que a coluna de embarcações se encontra actualmente a 90 milhas a sul do Kuwait, onde deve chegar esta tarde.

Os navios estiveram ancorados ao largo da costa saudita desde domingo, enquanto era estabelecida uma rota segura livre do perigo de minas.

Em Washington, fontes da administracão e a imprensa revelaram, entretanto, que caças da marinha norte-americana dispararam pelo menos dois mísseis contra um susposto jacto iraniano que parecia ameaçar um avião de vigilância dos EUA.

Os mísseis não atingiram qualquer allvo, disseram as mesmas fontes.

Expulsão de diplomatas

Seis funcionários do consulado iraniano abandonaram Berlim Ocidental, obedecendo a uma ordem de expulsão decretada pelos países aliados que administram a cida-

Filipinas: governo ameaça com estado de emergência

O secretário filipino da Defesa, Rafael Ileto, afirmou hoje que o governo da presidente Corazon Aquino decretará o estado de emergência no país se a situação se detiorar mais.

Em comunicado divulgado pelo Departamento de Defesa, Ileto pretendeu esclarecer noticias de que recomendará a proclamação do estado de emergência na sequência do assassínio, no dia 2, do secretário dos governos locais, Jaime Ferrer.

A possibilidade de suspender o «habeas corpus», o que permitiria detenções sem mandado, ou de declarar a lei marcial está sempre à diposição do governo- frisou Ileto.

«Se a situação se detiorar mais e mais podemos aplicar esta opção em conformidade com as necessidades da situação existente», declarou o secretário da Defesa.

Em discursos proferidos após o assassínio de Ferrer, a presidente Aquino referiu pela primeira vez a possibilidade de recorrer a medidas de emergência. A presidente anunciou no domingo que as medidas para combater a violência incluiriam mais barragens de estrada e buscas e uma simplificação do processo para obtenção de mandados de captura.

Ferrer, de 70 anos, foi o primeiro membro do gabinete a ser assassinado nas Filipinas. Seis pessoas foram detidas para averiguações e mais tarde postas em liberdade. Até agora, não foram formuladas acusações relacionadas com o assasínio.

Mais de 600 soldados e polícias foram mortos este ano nas Filipinas, em ataques que têm sido atribuídos a rebeldes comunistas.

EUA e URSS chegam a a sobre controlo de armas

Os Estados Unidos e a União acordo quanto ao controlo mútu químicas, numa medida sem pre desarmamento, foi anunciado em

As duas delegações presentes ciações bilaterais sobre armas q de 20 de Julho a 7 de Agosto, inicativa.

No passado dia 23 de Abril, URSS uma visita á base de Too onde funciona uma fábrica dest destruição de armamento químico

Fontes soviéticas confirmaram a 19 de Outubro próximo.

Na quinta-feira, o ministro Estrangeiros, Eduard Shevard tes 39 países participantes na Co mento das Nações Unidas a visita to quimico de Shirajany, na marg

...os de um carro onde foi colocada ...autoccarro transportando pessoal ...tentado feriu 10 soldados

...O
...PÉRSICO

...de. A ordem de expulsão foi justificada por funcionários ocidentais pelos receios de que enviados do irão pudessem emprender acções extremistas em Berlim em retaliação pela presença militar norte-americana no Golfo.

Em Bona, o embaixador iraniano, Mohamed Salari, acusou a Casa Branca de enfrentar o regime do seu país em solo alemão-federal. Salari declarou ainda que a França, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha procuram comprometer o governo de Bona e destruir as relações amistosas entre a Alemanha Federal e o Irão.

O diplomata anunciou que os diplomatas expulsos de Berlim Ocidental se mudarão para o consulado do Irão em Hamburgo.

...am a acordo
...armas químicas

...a União Soviética chegaram a ...blo mútuo do fabrico de armas ...sem precedentes no processo de ...iado em Genebra.
...esentes na sexta ronda de nego... armas químicas, que teve lugar ...Agosto, divulgaram ontem esta

...e Abril, os EUA propuseram à ...e de Toole, no Estado de Utah, ...rica destinada essencialmente à ...químico antigo.
...rmaram que esta visita decorrerá ...o.
...inistro soviético dos Negócios ...evardnadze, convidou os restan... ...es na Conferência de Desarma... ...s a visitar a fábrica de armamen... na margem do Volga.

Líbia continua a bombardear Auzu

Novos confrontos no Chade provocaram 437 baixas

Os combates travados desde sábado entre forças líbias e tropas do Chade fizeram 437 baixas, incluindo 17 soldados chadianos, revelou a embaixada do Chade em Paris. Ontem, aviões líbios bombardearam, pelo segundo dia consecutivo, a faixa de Auzu, depois de as tropas de N'Djamena terem reocupado domingo a área, ocupada pela Líbia há 14 anos.

Num comunicado divulgado em Paris, a embaixada do Chade adianta que nos combates ficaram feridos 54 soldados chadianos e que 67 soldados líbios foram capturados.

Aviões líbios bombardearam, entretanto, o oásis de Faya Largeau e posições chadianas na faixa de Auzu, anunciou a rádio do Chade.

A emissão, captada em Abidjan, Costa do Marfim, adiantava que aviões líbios sobrevoaram, ontem de manhã, a cidade de Onianga Kebir, no nordeste.

Este foi o segundo dia de ataques aéreos de retaliação pelos ataques efectuados no fim-de-semana por soldados chadianos.

A rádio reevlou, durante o fim-de-semana, que soldados chadianos tinham ocupado Auzu, pondo fim a 14 anos de ocupação líbia.

A agência noticiosa líbia, Jana, anunciava ontem, por seu lado, a «determinação»de Muammar Khadafy de «repelir a agressão e de eliminar as suas causas».

A Rádio de Tripoli, captada em Londres, referia que o Chade foi «auxiliado pela França e por forças imperialistas».

O governo francês declarou, contudo, que os seus soldados não tinham tomado parte nos combates.

O presidente François Mitterrand, salientou, por seu lado, que a movimentação chadiana foi decidida apenas pelo presidente Hissene Habré. Falando aos jornalistas, Mitterrand disse que a França sempre defendeu a arbitragem internacional para resolver a disputa entre a Líbia e o Chade.

Auzu é uma faixa de terra que se estende ao longo da fronteira norte do Chade com a Líbia e é, supostamente, rica em urânio e outros minérios.

Tanto o Chade como a Líbia afirmam que Auzu é parte integrante dos seus territórios.

Em Março passado, com apoio logistico francês, as forças chadianas derrotaram e expulsaram as tropas líbias das bases que ocupavam no norte do Chade, ficando estas confinadas a Auzu.

«Solução pacífica»

O governo da Argélia condenou ontem o agravamento da luta entre a Líbia e o Chade e exortou os dois países a procurar uma «solução pacífica».

Uma declaração do porta-voz do Ministério argelino dos Negócios Estrangeiros salienta que o conflito tomou proporções preocupantes, compromete os esforços da Organização de Unidade Africana e contraria a sua carta, ideais e valores.

África do Sul: 340 000 mineiros em greve por aumentos salariais

Pelo menos 340.000 trabalhadores paralisaram hoje 44 minas de ouro e carvão na África dp Sul. afirmou o Sindicato Nacional dos Mineiros (NUM), no primeiro dia da maior greve salarial do país.

Os proprietários das minas contestaram este número, afirmando que a adesão foi de 230.000 e que foram poucas as minas que encerraram.

Um porta-voz da Anglo-American Corporation, a maior empresa mineira do país, admitiu a existência de um «amplo e significativo apoio» à greve ilimitada pelo aumento salarial de 30 por cento, melhores condições de trabalho, subsídio de risco, aumento das férias de 14 para 30 dias por ano e outras regalias.

Pelo menos sete mineiros e dois agentes de segurança das minas ficaram feridos e 11 tranbalhadores foram detidos pela polícia, entre acusações e contra-acusações de violência e intimidação de parte a parte.

O ministro do Trabnalo, Pietie du Plesis, afirmou, entretanto, que o governo não intervirá no conflito porque considera «as greves um assunto estritamente entre patrões e empregados».

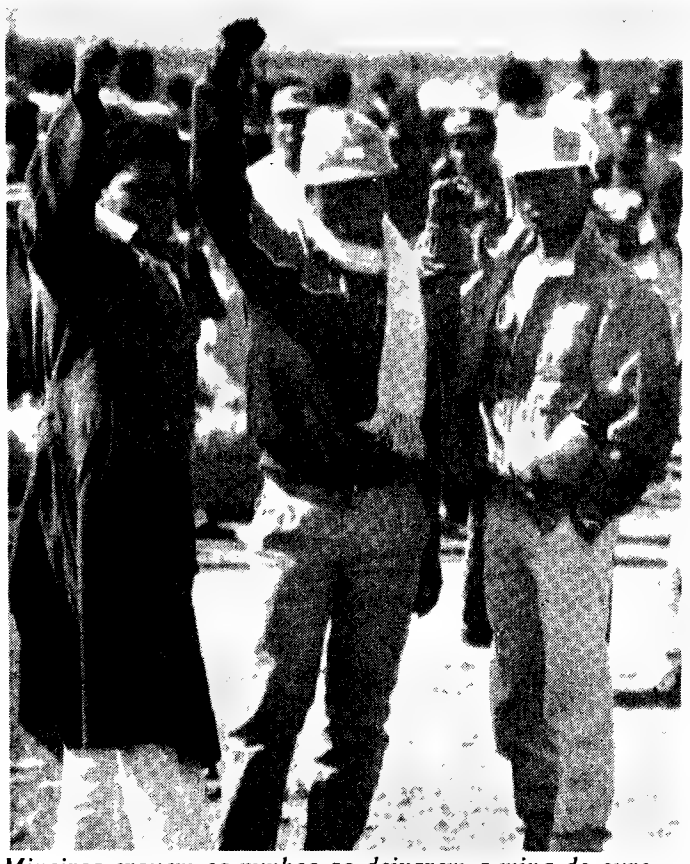
O lider do Sindicato Nacional dos Mineiros, Cyril Ramaphosa, declarou, por seu lado, que compete ao patronato dar passos positivos para por termo ao conflito laboral.

Um porta-voz da Câmara das Minas disse que era demasiado cedo para se avaliar o impacto da greve na produção, mas que a organização- que reúne as principais companhias mineiras- não tinha planos para recomeçar negociações.

Entretanto, o Parlamento sul-africano aprovou a eliminação de leis que proibiam o acesso dos negros a 13 postos chaves da industria mineira.

O Parlamento rejeitou as objecções do Partido Conservador e decidiu permitir que, pela primeira vez, os negros possam trabalhar com explosivos nas minas.

O acesso a esse tipo de trabalho constitui o passaporte para todos os postos de supervisão da indústria mineira e, em última análise, aos cargos de chefia.



Mineiros erguem os punhos ao deixarem a mina de ouro onde trabalham para iniciaram a greve em curso na África do Sul

24 HORAS

Itália: informações secretas sobre políticos

O ministro italiano do Interior, Amintore Fanfani, e o delegado do Ministério Público romano investigam oo suposto pedido, por parte de «particulares», de informações secretas sobre políticos durante a última campanha eleitoral. Ambas as investigações foram abertas com carácter de urgência, segundo se soube segunda-feira em Roma. Um antigo ministro do Interior, o democrata-cristão Oscar Luigi Scalfaro, revelou numa entrevista publicada sábado pelo diário «Corriere Della Sera», que essas informações estão em poder do SISDE (Serviços Secretos Civis) e que foram solicitadas por particulares.

Refugiados chegam a Hong-Kong

Patrulhas da Marinha de Hong-Kong interceptaram hoje 15 barcos repletos com 495 vietnamitas que se dirigiam para aquele território, um dia depois de um junco de pesca ter salvo quatro refugiados cujo barco, segundo disseram, se tinha afundado, afirmaram responsáveis. Acrescentaram que 296 dos refugiados foram transportados hoje de manhã para Hong-Kong a bordo de 10 barcos e que os restantes chegarão à tarde em cinco barcos. Estes indivíduos juntaram-se aos mais de 4000 refugiados vietnamitas que se deslocaram de barco da China para Hong-Kong, desde o princípio de Julho.

Angola: deslocação maciça da população

«Deslocados Angolanos, da Crise para a Catástrofe» é o título de um Relatório divulgado segunda-feira em Washington pelo Comité Americano para os Refugiados, uma agência privada com sede na capital norte-americana. A contínua guerra civil que assola o país tem provocado, segundo o relatório, a deslocação maciça da população rural angolana, provocando a movimentação de milhões de pessoas, 400 000 das quais procuraram nos últimos anos abrigo nos vizinhos Zaire, Zâmbia e Namíbia. A burocracia e as difíceis condições climatéricas levam a que as colheitas previstas para o ano de 1987 constituam menos de metade das necessidades de Angola para os primeiros seis meses do próximo ano. O deteriorar da situação, afirma Tom Brennan, autor do relatório, levará a que, em meados de Outubro, a maior parte do país seja afectada pelas carências alimentares tão sensíveis já nalgumas zonas e junto das populações.

Soldados israelitas feridos no Líbano

Seis soldados israelitas ficaram ontem feridos por fogo de morteiro no sul do Líbano, perto da fronteira israelo-libanesa, disse o Exército. Os soldados faziam parte de uma patrulha israelita do sector central da autodeclarada zona israelita de segurança, a norte da fronteira de Israel, disse um porta-voz. Os morteiros surgiram do exterior da zona e os israelitas responderam ao fogo tendo sido restabelecida a calma, acrescentou. A rádio de Israel, citando fontes militares, afirmou que helicanhões israelitas dispararam um míssil contra um veículo que se encontrava junto da localidade libanesa de Nabatiyeh, a 32 quilómetros da fronteira.

Banco de Caracas ocupado por assaltantes

Um grupo de assaltantes ocupou hoje um banco de Caracas, retendo dezenas de reféns no interior do edifício, cercado pela Polícia, informou a radiotelevisão da Venezuela. Quatro a cinco homens armados barricaram-se no banco, mantendo em seu poder mais de 60 pessoas que se encontram no edifício no momento do assalto, disse a televisão. A Polícia continua a manter mutismo sobre o caso, mas a televisão mostrou já imagens do estabelecimento, uma sucursal do Banco Mercantil da Venezuela, cercado por numerosos efectivos das forças de segurança.

Amnistia no Sri Lanka

O governo do Sri Lanka concedeu hoje uma amnistia aos manifestantes que danificaram dezenas de edifícios e veículos, nos protestos, do mês passado, contra a assinatura do acordo de paz com a Índia. Um comunicado governamental informou que os participantes naqueles actos de violência serão perdoados ao abrigo de uma amnistia geral desde que se entreguem à Polícia com as suas armas. O Sri Lanka libertou ontem mais 667 prisioneiros tâmiles ao abrigo do acordo de paz que põe fim ao conflito étnico do país. Muitos dos prisioneiros revelaram à agência noticiosa Associated Press terem sido duramente torturados durante o cativeiro.

MONTANHAS PARIRAM RATINHOS

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Exacto e confirmativo: a montanha pariu três ratinhos. E que talvez poucos apostassem que na diabólica ligação entre Manteigas e Gouveia, 150 quilómetros com o sol dardejando 85 corpos, iria assistir-se ao silvo final de um triunvirato que inscreve os nomes nas grandes proezas deste «Tour» interno.

Mas, já lá vamos. Um punhado de factos aflora a máquina do cronista. Um caso: as quatro desistências, Alfredo Gouveia com um dedo da mão direita partido e outros ligados, braço em gêsso, impotente para poder comandar a máquina a seu bel prazer. O homem do Salgueiros/Malhas/comax que esticou até à última a possibilidade de atingir Matosinhos, no grosso de coluna, a ser afastado pela lei da dor e do infortúnio. Consigo, outro trio de espadachins: Carlos Gouveia (Sangalhos/Recer), António Araújo (Garcia Joalheiro) e outro salgueirista (Paulo Brito) que diz adeus à equipa de Paranhos. O lote de concorrente a estreitar, o sangalhente a ser compormetido por um joelho quando até tenta uma escapada, o rapaz de Guimarães longe da forma que lhe autorizou uma vitória no Grande Prémio «O Jogo» e o jovem Brito com tempo para reflexão sobre como poderá tornar na próxima «Volta».

Depois, temos a tremenda azarina que escolheu Venceslau Fernndes: queda e (invertido) o tiro, que foi a bicicleta partida, um rombo dos diabos no seu pecúlio, uma rasteira pregada à sua tenacidade. E veio aquela súbita falência de José Santiago, perdendo o pulso aos competidores com quem voava para o último risco branco. Mais: o inconformismo de Fernando Carvalho vergastado pela inclemência do sobe-desce da estrada.

Ficaram na peneira os três heróis: Serafim Vieira, dando novo ar de graça aum Sporting/Vitalis ferido nas asas pelo adeus de Marco Chagas e Gomes, Joaquim Salgado revalidando (bem e claramente) a ideia de que a turma do Garcia Joalheiro é ousada e espelha a condiança com que o técnico Mário Miranda a recrutou, Orlando Neves mostrando à sociedade (se novo teste ainda fosse necessário) que o Feirense/Ruquita não tombou de paraquedas no ciclismo graúdo, bem pelo contrário .

Vamos a factos

Abra-se por um instante o livro que vai registar a charneira Manteigas-Gou-veia. Fogachos iniciais de Paulo Ferreira, logo prolongados pelo parceiro José Xavier (Sporting/Vitalis), José Poeira (Sicasal/Torreense), José Santiago (Boavista/sporlis) e Paulo Duque (Louletano/Vale de Lobo). Parecia o dia de S. José, não surgisse a intromissão de um duque no baralho real.

O certo é que o último quarteto deu ares de pegar de estaca, tantos os quilómetros que viajou sem rédea, apenas cá atrás Carlos moreira a tentar igualmente escapulir-se mas a pagar com desistência a sua demasiada ousadia.

Xavier e Santiago puxavam por Poeira e Duque, que não mexiam uma palha qundo se tornava obrigatório colaborar na galopada. E, a certa altura, à ordem de Leonel Miranda para o dorsal 48: e Poeira a ficar lentamente esperando o pelotão, com indicaçã de passar a apoiar directamente o chefe Manuel Cunha, senhor do «jersey» cor de sol.

Ao lado da estrada, uma larga dezena de casamentos, com emigrantes em fatos domingueiros e muitos carros-bizarmas com fitinhas brancas. Nas ondas hertzas que zarpam do carro do director da corrida, Serafim Ferreira endereça parabéns aos aniversariantes do dia: Alberto Leal (Louletano/Vale do Lobo) e Abel Figueiredo, que pertence à reportagem da Rádio Comercial, viaja com um dia de antecedência para cada final de etapa e, rodeado de família em Gouveia, nem uma sede de água curou a ninguém.

Uma queda de João Reis (Sangalhos/Recer) foi mais aparatosa que caústica. Começavam as endiabradas trepadelas até ao céu: quatro contagens para o Prémio da Montanha a fazerem tremendos lenhos no alongado bloco colorido. Os rostos do dia pontuando: Santiago, Orlando Neves e Joaquim Salgado embolsando pontos (e contos) antes de se atingir Sobral de S. Miguel, na primeira categoria antes de se descer para Seia, um óptimo bornal para lucro das suas iniciativas.

Na valeta, enfia-se um dos carros da Ajacto/Morphy Richards: nada de pior que um susto de todo o tamanho para quem lá ia dentro.

Américo Silva «fura» e por um triz não se enfia num despenhadeiro. Eduardo Correia (Sangalhos/Recer) e António Pinto (Garcia Joalheiro) verberando outros parceiros que pareciam siderados com a velocidade de quem pedalava na vanguarda. Fernando Carvalho (Louletano/Vale do Lobo) incentivado pelo pai Alberto, que fez proezas bonitas no tempo em que Ribeiro da Silva corria a seu lado, pelo Académico que era menina nos olhos de Jorge Lara.

É por alturas de Alvoco da Serra que o «leão» Serafim Vieira diz adeus à confraria. Em S. Romão, ultrapassada nova calibragem para a tabela dos melhores trepadores, já a pontuação estava dividida por Orlando, Serafim e Salgado. Santiago envolvido pelas esquadrilhas que faziam fogo sobre a dianteira,

Fernando Carvalho mostra o rebento ao francês Leonard Richard

era engolido pelos que cercavam Cayn e Cunha, em «entourage» de luxo aos perigos públicos ainda à solta.

Até ao traço em Gouveia, foi uma disparada. Serafim Vieira é logo rodeado por muitos que não acreditam que a embaixada de Alvalade esteja com as pernas tolhidas. O campeão nacional contava:

— Havia muita montanha, ataquei quando julguei conveniente, passei a fase mais dura e consegui uma vitória que dedico inteiramente ao meu colega e amigo Joaquim Gomes.

Orlando Neves: 20 anos, carpinteiro, estreia pelo Alguerra, presença na selecção de juniortes que, esteve na Alemanha Federal, já convocado para o Mundial, na Áustria:

— Vinha na fuga Valente e na ponta final dei tudo, ao menos para subir uns lugares. Mas, já não tive força para o «sprint» final. Sofri um grande desgaste, só peço que possa poupar-me amanhã, porque quero chegar a Matosinhos o melhor colocado possível.

Manuel Cunha: quase sufocava, rebentaria se alguém lhe tapasse a boca e a custo foi soltando:

— Etapa muito dura, estrada perigosa, muito calor. Todos a controlar. Foi um sacrifício que só eu sei.

Vão chegando mais ciclistas. Consideráveis perdas de tempo para Carlos Marta (Sangalhos/Recer), Joaquim Fernandes (Garcia Joalheiro), José Xavier (Sporting/Vitalis). Pior ainda, bem mais para o falhanço: Manuel Zeferino e Paulo Ferreira (Alvalade dançando na corda bamba ou apenas dando um sinal de vida quando um homem foge à rotina?); o Olhanense/Stand Custódio como um vime batido pelo vento (Joaquim Fonseca, Carlos Gago, Luís Vargues e Luís Filipe presos por arames?); o Garcia Joalheiro a sentir na carne o preço dos impulsos dos mais dotados (António Pinto, Manuel Abreu, Belmiro Ribeiro, Manuel e José Rodrigues em queda livre?); o conjunto da Sicasal/Torreense, a pagar o preço de uma supremacia que era sinal de favoritismo (António Fernandes, João Santos, Jorge Silva quebrando a aparente homogeneidade do grupo?); Feirense/Ruquita a sacrificar nomes em prol de Orlando Neves e Renato Ferraro mais António Gomes e Manuel Grilo já sem força nas («canetas»?); machadadas também desferidas na Ajacto/Morthy Richards (José Fernandes, Viriato Duarte e Carlos Pereira, ficando meninos de coro?); gente menor esbatida 25 minutos e picos para além do triunfante Serafim.

Júri sem contemplações

O júri reúne. E delibera: Dois contos de multa ao director des-

Continua na pág 15

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

49.ª Volta a Portugal

Continuação da pág. 14

portivo do Garcia Joalheiro por «abastecimento de corredor de forma irregular», penalização de um minuto a Bernardo de Sousa certamente por não ter querido emendar a mão ao seu chefe, multas de três contos aos directores desportivos do Salgueiros / Malhas Comax e Louletano / Vale do Lobo «por terem ultrapassado o director da corrida ou quem momentaneamente o substituía sem autorização». Gente mal comportada? Nem pensar. Simplesmente o afã de ir prontamente ajudar um corredor das suas cores, estendendo-lhe água ou somente uma palavra de incentivo, faz com que se ande à desfilada, pelotão em tangente. Daí que, se o leitor tiver paciência de contar, vinte e dois carros da caravana, já estão com mossas valentes, sem contar com quatro que já recolheram ao batechapas ou serão vendidos para sucata, aí pelo Alvito.

Prémio de combatividade: Orlando Neves. **Prémio do azar:** Luís Cruz. **Prémio da amabilidade** 9Troféu Idalino de Freitas»: Manuel Cunha, Paulo Pinto e Eduardo Correia nas primeiras posições. **O melhor companheiro:** Paulo Pinto, o futuro arquitecto. Santinho Pacheco (presidente da Câmara Municipal de Gouveia) abrindo fidalgamente as portas da edilidade para toda a Comunicação Social trabalhar perfeitamente à vontade. Pelas ruas, bandas de música sustentando o foguetório no encerramento das festas ao Senhor do Calvário.

Arrumação de valores

Hoje, à saída de Gouveia, a ordem de arrumação de valores na sua escala tem que se lhe diga. A Sicasal / Torreense confiando plenamente em Manuel Cunha, mas já com Fernando Fernandes e António Pinto como lugares-tenentes. Cayn Theakston também (numa emergência) a poder ceder a liderança do agrupamento de Orlando Alexandre a Fernando Carvalho, mais remotamente a Alberto Leal; axadrezados do Bessa em força e soltando pelos poros a decisão de se tornarem ainda mais altaneiros: Manuel Neves, António Alves, José Santiago, José Passos e Manuel Vilar na primeira dezena e meia. Orlando Neves com o facho da cidade da Feira enquanto António C. Araújo pedala na sua roda. Venceslau Fernandes com um pé no «Guinness Book of Records». Eduardo Correia empunhando o estandarte da Bairrada e confirmando as hipóteses que lhe eram outorgadas antecipadamente. Raul Terebentino sobressaindo da mediania antiga. Serafim Vieira e Jacinto Paulinho emergindo da tímida e despoletada formação de Alvalade, Joaquim Salgado procurando prémios pela estrada. O francês Bernard Richard pensando em arrumar segundo fogão, caso torne a vencer uma etapa para a Fagor.

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

De baixo para cima

Cerca de duas horas e meia separam o «lanterna vermelha» (Manuel Ferreira, Sport Lisboa e Marinh4 Terminorma) do líder e, se continuarmos consultando a tabelinha, de baixo para cima, fica no olhar a perturbação com que se confundem figuras como António Fernandes e o mano Zé, o mesmo Paulo Ferreira que inscreveu o nome na lista dos vencedores de etapas no mais difícil «Tour» do mundo (por terras de França), Luís Vargues (a acusar demasiado tempo de interregno sofrido na sua carreira), Benjamim Carvalho e Eugénio Passos, que devem ter desfilado a um palmo do portal da sorte. isto para não falar de Abel Coelho e Manuel Abreu, Zeferino e Adelino, o esperançoso Paulo Pinto e o veloz José Xavier, Carlos Marta, Joaquim Fernandes e Américo Silva que fornecem sangue revigorativo na jovem guarda que (por enquanto) se sente comodamente ao lado do experiente Benedito Ferreira.

Mas, onde as coisas estão mesmo complicadas é na ordenação colectiva: Feirense pedindo meças à Sicasal, Boavista jogando cristas com o Louletano, Joalheiros de Guimarães apostados em tomarem o pulso dos sportinguistas para ainda chegarem mais alto. Neste momento apenas a Fagor sem mais que um homem na estrada.

Decididamente, estamos perante uma das mais disputadas «Voltas» dos anos últimos. Sem o susto que sempre representava Marco Chagas, desbaratado o Sporting (que alinha com todas as pretensões para limpeza de uma época infeliz) e perdidas as esperanças de antigos laureados revalidarem triunfos (Zeferino e Adelino afastados da sua plenitude e Venceslau sem qualquer laivo de apoio entre os seus discípulos) é obrigatório mudar muitas apostas e começar a fazer pontaria para nomes que bruscamente saltam na peneira. O reinado dos senhores do castelo terminou: a hora é terçar armas por uma dama chamada fama. Com a pequena glória e o esboço de fortuna que sempre carrila nos seus braços volúveis.

Neves de Sousa

Serafim Vieira na galopada para Gouveia

Classificações

12.ª ETAPA
Manteigas-Gouveia
150 km

	H	M	S
1.º Serafim Vieira (Sporting/Vitalis)	3	58	37
2.º Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro)	3	58	41
3.º Orlando Neves (Feirense/Ruquita)	3	58	47
4º Eduardo Correia (Sangalhos Recer)	4	00	17
5.º Manuel Cunha (Sicasal/Torreense)		m.t.	
6.º Manuel Neves (Boavista/Sportlis)		m.t.	
7.º António Alves (Boavista/Sportlis)		m.t.	
8.º Cayn Theakston (Loulet./V. do Lobo)		m.t.	
9.º Raul Ter. (Olhan/V.M.S.S.Cust.)		m.t.	
10.º Fernando Fernandes (Sicasal/Tor.)		m.t.	
11.º Venceslau F. (Ajacto/M. Richards)		m.t.	
12.º António C.A. (Feirense/Ruquita)		m.t.	
13.º Fernando Car. (Loulet./V. do Lobo)	4	00	20
14.º Manuel Vilar (Boavista/Sportlis)		m.t.	
15.º Américo Silva (Sporting/Vitalis)		m.t.	
16.º António Pinto (Sicasal/Torreense)	4	00	23
17.º José Passos (Boavista/Sportlis)		m.t.	
18.º Jacinto Paul. (Sporting/Vitalis)		m.t.	

Geral individual

	H	M	S
1.º Manuel Cunha (Sicasal/Torreense)	47	27	40
2.º Cayn Theakston (Loul./ V. Lobo)	a	00	19
3.º Manuel Neves (Boavista/Sportlis)	a	02	15
4º Fernando Fernandes (Sicasal Torreense)	a	02	51
5.º Orlando Neves (Feirense/Ruquita)	a	03	03
6.º Venceslau Fer (Ajacto M. Richards)	a	03	25
7.º António Alves (Boavista/Sportlis)	a	03	32
8.º Eduardo Correia (Sangalhos Recer)	2	03	52
9.º Raul Ter. (Olhan/V.M.S.S.Cust.)	a	04	01
10.º Fernando Carvalho (Loul. V do Lobo)	a	04	20
11.º José Santiago (Boavista Sportlis)	a	04	37
12.º António Pinto (Sicasal/Torreense)	a	05	46
13.º Serafim Vieira (Sporting/Vitalis)	a	05	49
14.º José Passos (Boavista/Sportlis)		m.t.	
15.º Manuel Vilar (Boavista/Sportlis)	a	05	55
16.º Joaquim Salgado (Garcia/Joalheiro)	a	06	01
17.º António C. A. (Feirense/Ruqita)	a	06	05
18.º Alberto Leal (Loul./V. do Lobo)	a	06	14
19.º Jacinto Paulinho (Sporting/Vitalis)	a	07	55
20.º Bernard Richard (Fagor)	a	09	05
21.º Joaquim Carv. (Feir./Ruquita)	a	11	14
22.º Luís Sequeira (Loul./V. do Lobo)	a	12	20
23.º Rui Duro (Loul./V. do Lobo)	a	12	26
24.º Alexandre Rua (Boavista/Sportlis)	a	13	19
25.º Sérgio R. (Olha./V.M.S.S. Cust.)	a	14	30

Por equipas

	H	M	S
1.º Feirense/Ruquita	142	18	25
2.º Sicasal/Torreense	a	12	34
3.º Boavista/Sportlis	a	13	25
4.º Louletano/V. do Lobo	a	13	38
5.º Garcia/Joalheiro	a	15	29
6.º Sporting/Vitalis	a	17	52
7.º Sangalhos/Recer	a	31	31
8.º Olha./V.M.S.S. Cust.	a	37	55
9.º Ajacto/M. Richards	a 1	02	00
10.º Salgueiros/Malhas Comax	a 1	36	03
11.º Esmaltina/Tavira	a 1	52	52
12.º S.L. Marinha/Terminorma	a 3	12	36

Pontos

1.º Serafim Vieira (Sporting/Vitalis) 30
2.º Paulo Pinto (Ajacto/M. Richards) 28
3.º José Fernandes (Ajacto/M. Richards) 24

Prémio da Montanha

1.º José Santiago (Boavista/Sportlis) 39
2.º Orlando Neves (Feirense/Ruquita) 38
3.º Manuel Grilo (Feirense/Ruquita) 30

Metas Volantes

1.º José Fernandes (Ajacto/M. Richards) 14
2.º Pedro Silva (Sangalhos/Recer) 14
3.º Paulo Pinto (Ajacto/M. Richards) 11

Prémio Combinado

1.º Serafim Vieira (Sporting/Vitalis) 20
2.º Orlando Neves (Feirense/Ruquita) 27
3.º Bernard Richard (Fagor) 28

Prémio da Juventude

1.º Cayn Theakston (Louletano/Vale do Lobo
2.º Orlando Neves (Feirense/Ruquita)
3.º José Santiago (Boavista/Sportlis)
4.º Serafim Vieira (Sporting/Vitalis)
5.º Joaquim Salgado (Garcia/Joalheiro)

Amanhã: contra-relógio

Os 81 «resistentes» do nosso «Tour», partiram de Gouveia pelas 10 horas para a dura tirada de 225 quilómetros (com quatro contagens de montanha), que liga aquela localidade a Macedo de Cavaleiros, onde a chegada está prevista para o horáio compreendido entre as 15.45 e as 16.25.

Amanhã haverá novos «reajustamentos», já que a partir das 9 horas terá início a 14.ª tirada disputada no sistema de contra-relógio nas ruas de Macedo de Cavaleiros, na distância de 22 quilómetros e pelas 16 horas toca a andar para Vila Pouca de Aguiar (96 quilómetros) com escala por Mirandela (16.42 horas), Palheiros (17.24), Murça (17.32), Fonte Fria (17.54), Alvarela de Jales (18.09) e chegada pouco depois das 18.30 horas.

DL

NO ALGARVE

LOCAIS DE VENDA SAZONAL EM AGOSTO E SETEMBRO

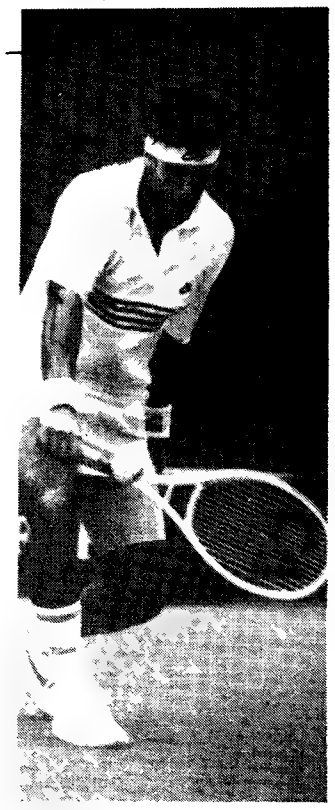
O **"Diário de Lisboa"** está à venda no Algarve em cerca de **200 postos habituais,** que o recebem durante todo o ano.

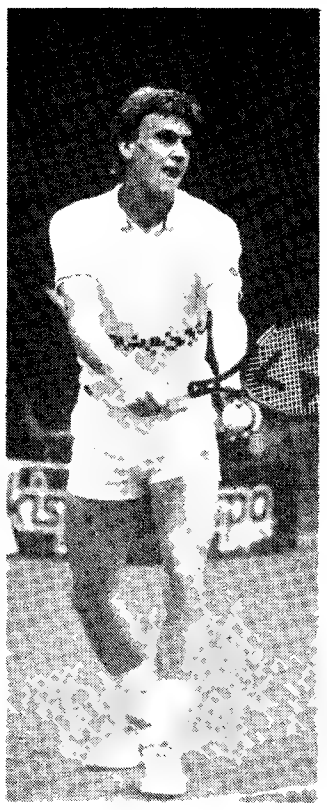
A relação a seguir indicada refere **apenas** postos de venda sazonal (entre Junho e Setembro) que devem ser acrescentados aos postos de venda habituais.

Praia da Salema	- Quiosque Salema – Junto à Praia
Praia da Luz	– Boutique Capricho – Rua da Praia
Praia da Luz	– Tab. Valverde – Parque de Campismo
Lagos	– Parque de Campismo – Estr. de Porto de Mós
Alvor	- Apartamentos Torralta – Torre C
Alvor	– Tab. El-Rei – Rua Marquês de Pombal, 3-A
Alvor	– Barroqueiro & Barroqueiro – Rua Dr António José Almeida, 4
Ferragudo	– Francisco A.R. Ferreira – Parque de Campismo
Ferragudo	– Maria Vieira B Reis – Rua Vasco da Gama, 40
Ferragudo	- Pap. Papiro – Rua da Hortinha, 20
Estômbar	– José Francisco Alcaide – Rua D. Paio Peres Correia, 2
Praia do Carvoeiro	– Artes-Artesanato Carvoeiro – Rampa N.ª Sr.ª Conceição
Praia do Carvoeiro	– Casa Globo – Rua do Barranco
Armação de Pêra	– Tab. Parque de Campismo
Areias de S. João	– Tab. Oura
Areias de S. João	– Galeria Ivette
Areias de S. João	– Artesanato Tamariz – Casa 26
Areias de S. João	- Santa Eulália-Supermercado – Estrada de Santa Eulália
Praia da Oura	– Helena Maria Fagulha Edifício Oura r/c F
Praia da Oura	Tab Pap. Il Laccio – Edifício Oura Praia, Loja 8
Olhos D'Água	Lilas Shop – Apartamentos Bela Vista, Bloco 1, Letra G
Montechoro	Tab Pap. Quiosque Alibábá – Av Francisco Sá Carneiro
Montechoro	– Boutique Pepa - Hotel Montechoro
Montechoro	– Barateiro de Vila Magna Centro Com Vila Magna, Loja 62
Açoteias	– Tab. O Parque – Estrada acesso Aldeia das Açoteias
Açoteias	– Tab. Açoteias – Aldeia das Açoteias
Quarteira	– Raul Fernando C Represas Parque de Campismo Orbitur
Quarteira	- Quiosque Ele e Ela – Av. Infante de Sagres
Quarteira	- Quiosque Mateus – Av Infante de Sagres
Quarteira	Liv Tab. Beira Mar – Centro Com. Avenida Mar, Loja 5
Vila Moura	– Tab Triana – Pavilhão das Pirâmides, Loja 1
Vila Moura	– Supermercado Aldeia do Mar – Aldeia do Mar
Vila Moura	- Tab Vilamoura – Lote 1-A, E/5 – Loja 9
Vila Moura	– Centro Comercial Marina, Lojas 28-29
Vila Moura	– Quiosque Posto 2 – Junto Bombas Galp
Ilha de Faro	– Quiosque Bertrand – Praia de Faro
Pedras Del Rei	– Maria de Fátima F. Raposo – Aldeamento Pedras Del Rei
Cabanas de Tavira	– Papelaria Aladino – Rua Mouzinho de Albuquerque, 2
Altura	– Tab. Netel – Largo do Mercado Municipal
Alagoa-Altura	– Quiosque Ana Cristina – Estrada Alagoa
Vila Nova Cacela	– Pap. Guta
Praia da Manta Rota	– O Bazar
Praia Verde	– João Marta Mateus "Quiosque" – Parque de Campismo Praia Verde
Pinhal do Gancho	– Alexandre Maria C.B. Santos – Aldeamento Retur
Monte Gordo	– António Fernando B. Oliveira – Parque de Campismo
V. Real St.° António	– Quiosque S. Luís II – Av. Ministro Duarte Pacheco
V. Real St.° António	– Quiosque Guadiana – Av. da República

Lisboa, 28 de Julho de 1987

SERVIÇOS COMERCIAIS





Cunha e Silva e Nuno Marques: dois tenistas lusos na «alta roda»

Ténis

MARQUES E CUNHA SOBEM NA "TABELA"

Nuno Marques juntou-se a Cunha e Silva no acesso ao quadro principal do torneio de ténis Knokke, na Bélgica, aencer o norte-americano Matthew Litsky na última ronda do «qualifying», com os parciais de 7-5, 2-6 e 6-1.

Com a presença no quadro principal do torneio belga, Nuno Marques, e Cunha e Silva, que antes derrotou o espanhol Daniel Marco por 6-3 e 6-4, somaram já dois pontos «ATP».

Os dois tenistas portugueses voltam a jogar amanhã e os seus respectivos adversários só podem sair dos seguintes atletas: o argentino Eduardo Masso, cabeça-de-série número um, o brasileiro Givaldo Barbosa, o italiano Alberto Paris ou o belga Bart Wuyts.

Chuva trava «duelo» Lendl-McEnroe

A final do torneio aberto de ténis de Stratton Moutain, nos Estados Unidos, dotado com 315 000 dólares de prémios, entre o checoslovaco Ivan Lendl e o norte-americano John McEnroe, foi segunda-feira anulada devido ao mau tempo, numa altura em que McEnroe tinha o serviço a seu favor e o marcador indicava 7-6 (7-3) e 1-4.

McEnroe e Lendl, que já não se enfrentavam há dois anos, e que na próxima semana tomam parte no torneio de Montreal, mostraram interesse em jogar a final, mas os organizadores parece não terem sido sensíveis às suas pretensões.

Tanto Lendl com McEnroe receberam 20 000 dólares por terem chegado à final de Stratton Moutain e um total de 210 pontos cada para a classificação do grande prémio.

prémios monetários

O checoslovaco Miloslav Mecir (com um total de 718 669 dólares) lidera a classificação dos prémios monetários já obtidos na presente temporada, que é a seguinte: 1.º Miloslav Mecir (Checoslováquia), 718 669 dólare; 2.º Stefan Edberg (Suécia), 557 884; 3.º Mats Wilander (Suécia), 498 456; 4.º Ivan Lendl (Checoslováquia), 458 840; 5.º Pat Cash (Austrália), 329 174; 6.º John McEnroe (EUA), 303 008; 7.º Andrés Gomez (Equador), 277 848; 8.º Boris Becker (RFA), 272 887; 9.º Yannick Noah (França), 264 893; 10.º Emilio Sanchez (Espanha), 236 309.

Manniche com pé afinado

O futebolista dinamarquês Michael Manniche, que deixou o Benfica na última época, foi o autor de três golos e o melhor jogador em campo na estreia pelo B 1903 que goleou o Kastrup por 5-0 em jogo do campeonato dinamarquês.

Dois dos golos de Manniche foram apontados de cabeça, mas para além do «hat-trick» o ex-avançado do Benfica foi figura influente no encontro e esteve ainda nos lances dos outros dois golos da sua equipa.

Tratou-se do primeiro jogo de Manniche (28 anos) pela sua nova equipa de Copenhaga que pagou 35 mil dólares (4900 contos) por um contrato de seis meses.

Regimento de Infantaria do Porto espera por ele no dia 7 de Setembro

Futuro (próximo) de Paulo Futre nas "mãos" de Firmino Miguel

Paulo Futre é, segundo seu pai, **um jogador sem medo, um óptimo filho e bom rapaz, que ainda não é milionário e que espera não ir à tropa.**

Para José Paulo da Silva Futre, de 57 anos, progenitor da «estrela» mais brilhante do futebol português, da actualidade, o seu famoso descendente sentia-se profissionalmente insatisfeito em Portugal, pelo que «decidiu aceitar a oferta do Atlético de Madrid, por quatro anos e depois se verá». José Futre é natural do Montijo, empregado de escritório, abandonou o seu emprego e a sua residência portuguesa há poucas semanas, para se transferir para a capital espanhola, onde para além, do apoio afectivo directo que prestará a Futre, funcionará também como administrador dos seus interesses materiais, «já que ele só pensa na bola e nas quatro linhas do campo». E os referidos interesses não são nada para desprezar, bem pelo contrário, pois Futre assinou com o Atlético de Madrid, um contrato, por quatro temporadas que envolve cerca de 500 milhões de pesetas, além de um ordenado mensal, prémios de jogos, contra partidas publicitárias e outros «biscates» de importância menor, como sejam um automóvel «Porsche» e uma residência.

Tudo isto, claro, criou para os «Futres» outras perspectivas de vida, bem mais ambiciosas do que as anteriormente cultivadas, em Portugal, embora o «superstar», no dizer do seu pai e, simultaneamente, «seu maior admirador e adepto», continua a ser **o bom e humilde rapaz de sempre.**

Os números exactos do contrato ninguém os sabe, pois quantos os conhecem com precisão escusam-se a referi-los, uma vez que o fisco, tanto de um lado como do outro da fronteira, demonstra um invejável apetite nestes casos de transferências de futebolistas.

José da Silva Futre garante que ainda não existem planos concretos sobre a forma como vai ser investida a «dinheirama», afirmando-se muito mais preocupado com a resolução do problema do serviço militar do seu «bambino», porquanto se lhe não for concedido novo adiamento, no dia 7 de Setembro próximo, terá de apresentar-se no Regimento de Infantaria do Porto.

Paulo Futre enviou há poucos dias um requerimento ao Chefe do Estado-Maior do Exército, general Firmino Miguel, de quem depende a decisão final, a solicitar oficialmente um adiamento por quatro anos, período que corresponde à vigência do contrato com o Atlético de Madrid. **O meu filho não quer ser nem mais nem menos do que os outros, e só pretendemos que sejam consideradas as condições especiais em que se encontra e que, de resto, estão previstas na lei,** afirma o seu pai e assessor, que na semana em curso se deslocará a Lisboa para tratar do assunto e que, entretanto, já mobilizou à distância as pessoas que o podem ajudar nesta questão, entre as quais o presidente do FC Porto, Pinto da Costa.

Pai de Futre conversa, em Madrid, com Manuel Lopes (Lusa)

«A rapidez da mudança para Madrid provocou o atraso no pedido de adiamento, pois até ao último momento pensámos que continuaríamos no Porto, e neste caso seria a direcção do clube a tratar de tudo. Mas como as relações entre o meu filho e o Futebol Clube do Porto se mantêm excelentes, espero que eles nos ajudem neste assunto», explica José da Silva.

O argumento legal utilizado no pedido de adiamento apoia-se no exercício de uma actividade no exterior do País, o que está contemplado na lei em vigor, conforme explicita José da Silva Futre, que se nega a requerer vantagens especiais para seu filho, como sejam as do interesse do futebol português ou da imagem do País. «Mas pensamos queele tem todo o direito ao adiamento e, embora o ideal fosse a sua passagem imediata à situação de disponibilidade, estamos certos de que o general Firmimo Miguel não deixará de atender às circunstâncias específicas em que Paulo Futre se encontra», adianta José da Silva, que se nega a enfrentar, para já, a hipótese do requerimento vir a ser indeferido.

«Espero que não lhe cortem as pernas», diz, utilizando uma imagem, que, dado tratar-se de um futebolista, se nos afigura bastante apropriada.

Entretanto, Futre já se desloca ao volante do seu «Porche 944 S», último modelo da série, de cor amarela, e hoje tomará posse de uma vivenda, na Urbanização Monte Carlo, uma das mais luxuosas de Madrid, com seis quartos, jardim, salões e outras dependências, onde passará a habitar com os pais, a noiva e, provavelmente, dois amigos.

Destaques

Alves Henriques

O último fim-de-semana foi dominado por importantes acontecimentos no domínio desportivo e talvez valha a pena se retomar, ainda que com o recomendável poder de síntese determiado pelo factor espaço, a sua abordagem.

● Lá para as bandas de Portalegre houve borrasca ná «Volta» com o honestíssimo profissional da pedalada Marco Chagas, a ser acusado de ingerir produto proibido, sendo, por isso, impedido de discutir a subida ao degrau do pódio cimeirò em Matosinhos. O caso já aqui foi contado com o pormenor do «chefe» Neves de Sousa, e apenas espero e desejo que o seu apelo para que o nosso mais categorizado ciclista não faça vingar os preceitos de renúncia anunciados quando ainda sofria os efeitos de penosa emoção tenha chegado a Pontével.

● No dia imediato, acontecia a grave queda do jovem Joaquim Gomes que o remeteu para o hospital com susto para toda a caravana velocipédica que a esta hora serpenteia as estradas de Gouveia a Macedo de Cavaleiros, com Manuel Cunha a vestir a camisola da cor do sol e agora mais do que nunca bem perto de inscrever o seu nome no «quadro de honra» da mais prestigiada competição ciclista cá da lusa terra.

● Na Corunha, a turma futebolística do Benfica, sob a batuta do dinamarquês Ebbe Skovdahl, conseguiu arrecadar o valioso Troféu «Teresa Herrera» ainda que não vencendo qualquer dos dois encontros disputados (frente ao britânico Everton e ao espanhol Desportivo da Corunha) e tendo apenas rematado certeiramente uma vez.

● Em Amesterdão, esteve presente o campeão europeu, em compita com o Dinamo de Kiev, Ajax e Torino na disputa de um torneio internacional e perante arbitragens nefastas, melhor não foi possível aos «dragões», do que ceder (0-1) perante os soviéticos e averbar um «nulo» frente ao Ajax local. Na pauta classificativa os portistas foram remetidos para a derradeira posição mas, pelo padrão futebolístico exibido, o seu crédito em nada foi mexido.

● Por cá, jogaram Belenenses e Sporting. No Restelo, os azuis realizaram o 10.º encontro após o retorno das «vacances» e o triunfo primeiro continua em «stand- by». Depireux já evidencia sintomas de certo pessimismo. Em Alvalade, a dupla Burkinshaw/Fernando Mendes «aposta» forte na juventude e perante o MTK de Budapeste, lá estiveram, entre os «consagrados», os jovens Rui Correia com o peso da camisola de Vítor Damas, Vítor Santos e Cadete. O Sporting venceu convincentemente por 3-0 e pela amostra feita, durante o período inicial, temos equipa.

● Em Wembley, estiveram presentes as maiores estrelas do futebol mundial, escolhidas por Terry Venables para formar a selecção do Resto do Mundo, e, na constelação, via-se Paulo Futre, junto de Maradona, Dassaev, Josimar, Salvatore, Platini, Belanov, Detari, Glen Hysen, Júlio Alberto e outros mais de brilho idêntico. Uma distinção jamais esquecida.

● No atletismo, o «destaque» maior veio de Birmingham onde a portista Fernanda Ribeiro conseguiu a medalha de ouro na prova dos 3000 metros.

● Em Oliveira de Azeméis, confirmou-se a supremacia hoquista do FC Porto que, depois da Supertaça nacional, Supertaça europeia e título nacional, não permitiu a fuga da Taça de Portugal. Deste modo, no painel das Antas, ficaram todos os troféus nacionais em que os comandados de Cristiano participaram na época ora terminada.

● E isto não foi tudo, porque de norte a sul o desporto esteve em intensa actividade, com relevância para o futebol com jogos a esmo, já que se aproxima o mais longo campeonato do seu historial.

Rescaldo do torneio da Costa Azul

Barreirense e Portimonense dois pólos sem contacto

O I Torneio de Futebol da Costa Azul, realizado em Setúbal, no Estádio do Bonfim, serviu, para além do mais, para revelar um Barreirense completamente diferente, para melhor, do que nos vinha habituando nos últimos anos, que em dois dias eliminou o Vitória sadino e obrigou o Sporting de Espinho a jogar 120 minutos se quis levar o troféu para a Costa Verde.

Depois de, na sexta-feira, contrariando todas as previsões, o Vitória de Setúbal ter sido eliminado, houve quem se apressasse a justificar o êxito barreirense com o facto dos sadinos não terem apresentado aquela que pode ser considerada a sua principal equipa. Para esses, a resposta veio no domingo, quando os comandados de Rogério Dias, não apenas obrigaram o Espinho, que dois dias antes vencera categoricamente o Portimonense por três bolas sem resposta, a um prolongamento de meia hora, como realizaram um exibição concludente, apresentando-se como uma equipa esclarecida, bem preparada fisicamente, a saber explorar o contra-ataque e que, em largos períodos dos 120 minutos da partida, melhor futebol praticou.

Muito embora estejamos no princípio da época, não arriscaremos muito se afirmarmos que este Barreirense, a jogar como jogou no fim-de-semana em Setúbal, é um sério candidato a vencedor da Zona Sul da segunda divisão nacional e, consequentemente, à subida ao escalão maior do nosso futebol.

Quanto ao Sporting de Espinho que venceu o torneio, como é hábito nas equipas orientadas por Quinito, apresentou-se como um conjunto personalizado, também bem preparado fisicamente, que mesmo somente com dez elementos, como aconteceu no domingo contra o Barreirense, por expulsão do brasileiro Alemão, soube sempre contornar os obstáculos. Dois dias antes, como acima se referiu, eliminara o Portimonense com a maior das facilidades, demonstrando, tal como o Barreirense, um fio de jogo agradável e uma alegria enorme, digna de realce.

Mas,o I Torneio de Futebol daCosta Azul serviu igualmente para demonstar que o Vitória de Setúbal, pese a circunstância de ter ficado em penúltimo lugar, tem não apenas uma equipa bem apetrechada, onde o húngaro Szentes vai ser certamente a estrela da companhia, como várias soluções para a temporada que o seu técnico, o britânico Allison, sabe difícil. E isso ficou provado, quando, na sexta-feira, jogando com uma equipa que não será a principal, à base de jovens, perante um Barreirense que, nunca é de mais frisar, foi a surpresa da prova, conseguiu, assim mesmo, depois de estar a perder por 2-0, chegar ao empate e somente perder a um minuto do fim, devido a uma infelicidade do guardião Neno. Este Vitória de Setúbal tem já uma equipa para disputar tranquilamente o próximo campeonato, desde que sejam corrigidos alguns pormenores defensivos, alternativa para ela e uma outra na forja, da qual fazem parte, entre outros, os jovens Cobra, Miguel Ângelo e Paulo Antunes. Quantas das turmas que vão disputar o próximo Nacional da I Divisão se poderão dar ao luxo de ter no banco jogadores como Neno, Flávio, Ademar, José Rafael?

A grande decepção foi o Portimonense, a única equipa que participou neste torneio que o ano passado disputou o Campeonato Nacional da I Divisão e que, a jogar como o fez agora em Setúbal, irá dar, certamente, muitos dissabores aos seus adeptos e ter enormes dificuldades em manter-se entre os grandes do nosso futebol.

Luciano Rocha

Bonfim "arruma" jornalistas

O Estádio do Bonfim vai ter novos camarotes para a Comunicação Social, revelou um dirigente do clube sadino.

Os camarotes deverão entrar em funcionamento no dia 23, altura do primeiro jogo do campeonato e serão funcionais e de rápido acesso dos jornalistas às cabinas.

Actualmente, existem no Estádio do Bonfim somente dois camarotes para a Comunicação Social, os quais não oferecem condições de trabalho.

Em breve entrará, também, em funcionamento uma sala de Imprensa apetrechada com telefones e telexes.

A "rebeldia"

As Associações de Futebol de Setúbal, Aveiro, Lisboa, Coimbra, Santarém e Viseu reuniram-se em Setúbal para analisar o comportamento das «novas associações rebeldes», lideradas pela Associação de Futebol do Porto, bem como o procedimento a tomar.

Um dirigente que pediu o anonimato referiu que «as associações reunidas em Setúbal voltam a encontrar-se na sede da Associação de Futebol de Lisboa convidando somente para estarem presentes as associações que aderirem aos seus pontos de vista».

A referida reunião visa traçar a estratégia para a assembleia geral da Federação Portuguesa de Futebol marcada para o próximo domingo.

A mesma fonte revelou que «as Associações de Setúbal, Aveiro, Lisboa, Coimbra, Santarém e Viseu admitem que possa haver uma adesão da Associação de Futebol de Faro à linha da Associação do Porto visto haver promessas de lugares federativos à associação algarvia».

À atenção do Sporting

Em jogo a contar para a 5ª. jornada do campeonato austríaco o FC Swarowski Tirol - proximo adversário do Sporting na Taça das Taças — venceu por 3-1 o seu opositor Voest Linz. O Tirol ocupa a 7ª. posição do campeonato, com apenas 5 pontos no bornal, enquanto o Rapid de Viena (líder) já conta com uma dezena.

Na sua agenda

Estrela da Amadora: apresentação

Joaquim Meirim «mostra», na noite de amanhã (21 horas), a turma do Estrela da Amadora, em encontro que terá como parceiro o Colo Colo (campeão do Chile e que anteontem derrotou o Marialvas por 3-0, na Figueira da Foz) e que se realizará no bonito campo do Estrela.

Hoje:sorteio da divisão 2

Realiza-se esta tarde (18,30 horas), nas instalações do ISEF (Cruz Quebrada), o sorteio do campeonato nacional da II divisão. Refira-se que mesma hora de 5ª. feira terá lugar o sorteio da divisão 3 e da primeira eliminatória da Taça de Portugal.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	17	15	0,0	P. núb.
V. Castelo	13	13	0,0	Nevoeiro
Vila Real	15	15	0,0	P. nub.
Porto	15	14	0,0	Nevoeiro
Coimbra	15	14	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro	17	14	0,0	Encob.
C. Branco	21	21	0,0	Bruma
Portalegre	27	24	0,0	P. nub.
Lisboa	18	18	0,0	Neblina
Evora	18	18	0,0	Neblina
Beja	19	18	0,0	Limpo
Faro	21	21	0,0	M. nub.
Sagres	19	18	0,0	Limpo
P. Delgada	22	22	0,0	M. nub.
Funchal	19	19	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 28, Porto 22, Faro 30, Ponta Delgada 25, Funchal 26.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	19	18	P. nub.
Londres	11	10	Nevoeiro
Paris	13	12	Pouco nub.
Bruxelas	13	11	M. nub.
Amesterdão	12	6	Neblina
Genebra	14	13	Muito nub.
Roma	22	21	Neblina
Oslo	11	11	M. nub.
Copenhaga	12	11	Aguaceiros
Estocolmo	11	9	Muito nub.
Berlim	12	12	M. nub.
Viena	14	11	P. nub.
Varsóvia	12	12	Aguaceiros
Atenas	27	24	Limpo
Moscovo	16	7	P. nub.

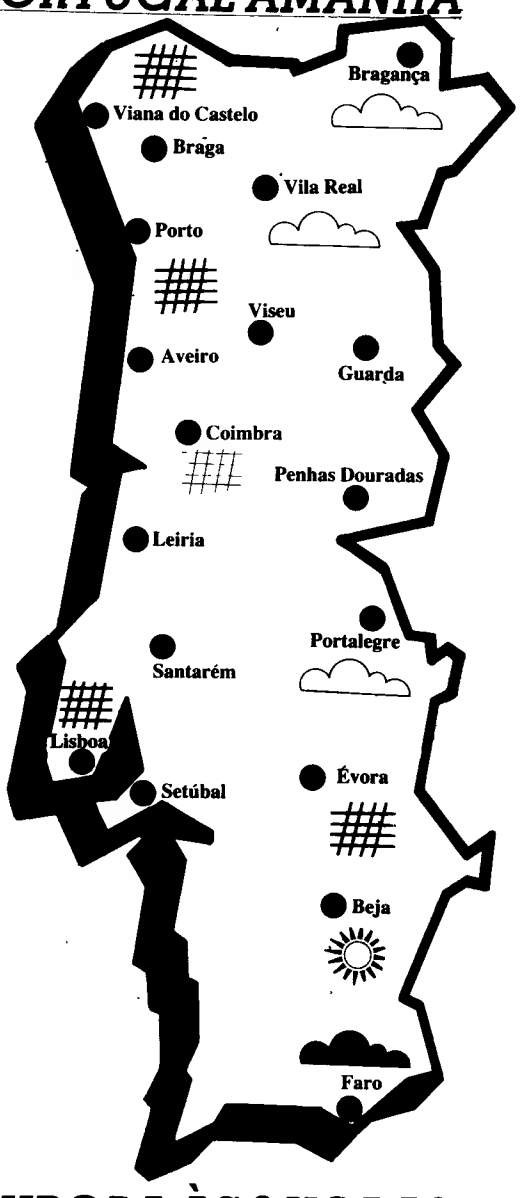
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	15	28	Nublado
Joanesburgo	4	18	Limpo
Los Angeles	17	30	Nublado
Montreal	11	23	Chuva
Nova Deli	30	41	Limpo
Nova Iorque	21	28	Chuva
R. de Janeiro	10	23	Limpo
S. Francisco	15	21	Nublado
São Paulo	6	18	Nublao
Téquio	–	–	—

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS

TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado e com nevoeiro durante a madrugada e manhã no litoral a norte do Cabo Carvoeiro. Vento fraco, soprando moderado de noroeste durante a tarde na costa ocidental. Pequena subida da temperatura nas regiões do interior.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de 1 a 2 metros.

Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de sudoeste de cerca de um metro.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste na costa ocidental durante a tarde. Neblinas e nevoeiros durante a madrugada e manhã no litoral oeste. Pequena subida da temperatura.

DEPOIS

Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral oeste durante a tarde. Neblina e nevoeiros matinais.

Nos Açores:

Grupos Ocidental e Central: Céu geralmente muito nublao. Vento moderado a fresco de sudoeste. Períodos de chuva em especial no grupo ocidental. Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento bonançoso a moderado de sudoeste.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação oeste de um a dois metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de norte.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de um a dois metros, sendo inferior a um metro de sudoeste na costa sul.**

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
5.20	4,1 m	10.53	0,7 m
17.35	4,4 m	23.25	0,6 m

Amanhã

6.02	4,1 m	11.36	0,8 m
18.18	4,4 m	24.07	0,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Mundo musical veraneia nos campos do Norte da Alemanha

Os gansos grasnam na relva, enquanto damas em trajo festivo e sapatos altos e elegantes «limusines» chegam a um celeiro donde assoma um reluzente piano de cauda: o mundo musical mudou-se este Verão para os campos do norte da Alemanha.

Até fins de Agosto, mais de 150 concertos por grandes estrelas mundiais da música clássica vão reunir 180 mil pessoas em celeiros e palácios, igrejas, cavalariças e casas senhoriais de Schleswig-Holstein, o estado mais setentorial da RFA.

O Festival de Schleswig-Holestein celebra-se este ano pela segunda vez mas já quase se tornou numa lenda. A imprensa mundial, incluindo o «New York Times», não regateia elogios a esta festa musical cheia de celebridades.

Já aqui chegou Leonard Bernstein, de 69 anos, o grande músico e maestro norte-americano, que se afirmou «enamorado com o Schleswig-Holstein».

Estão também presentes os pianistas Svjatoslav Richter e Andrei Gavrilov, os maestros Sergiu Celibidache, Claudio Abbado e Giuseppe Sinopoli e os violinistas Yehudi Menuhin e Gidon Kremer.

A «alma» do Festival é o pianista alemão Justus Frantz, de 43 anos, sempre optimista, sorridente e ubíquo, que teve a ideia deste festival numa conversa tida, em férias, com o ex-chanceler Helmut-Schmidt.

Para fazer um festival popular, os preços dos bilhetes variam entre os dez a 18 marcos, de modo a que «também os jovens e veraneantes possam desfrutar da cultura das elites».

Alguns espectáculos vão decorrer em localidades tão pequenas que só aparecem em mapas de grande escala.

Justus Franz percorre-as constantemente para controlar as montagens dos cenários, o que recentemente lhe valeu um grave acidente: seguindo numa autoestrada a 220 kms/hora o seu carro voltou-se e deu oito cambalhotas.

Saiu ileso do desastre e, numa prova de nervos de aço, nessa mesma tarde sentou-se ao piano para interpretar um concerto de Mozart.

O Festival criou já a sua própria orquestra, composta por 140 jovens músicos de todo o mundo que durante um mês se exercitaram com Bernstein e Celibidache.

Frantz pensa já em completar o Festival com exposições e representações de ópera e, até, em abrir uma «sucursal» em Berlim Leste.

Michael Isador em Sintra

O pianista norte-americano Michael Isador, director do Town Hall de Nova Yorque, e os agrupamentos Trio Da Vinci e Broyhill Chamber Players darão concertos no âmbito de um mini-festival a realizar em Sintra de 16 a 30 de Agosto.

Denominada «Primeiros Encontros Musicais» e promovida por uma marca de produtos alimentares, a iniciativa, a decorrer no Palácio Nacional de Sintra, é dirigida pelo violinista Max Rabinovitsj, maestro residente da Orquestra Gulbenkian, e pela pianista Elizabeth Aleen, sua mulher.

O programa inclui concertos por alunos de escolas superiores de música e por jovens profissionais.

O Trio Da Vinci é constituído pelos próprios Rabinovitsj e Elizabeth Allen e pelo violoncelista britânico Donald Mccall.

Compõem a Broyhill Chamber Players os norte-americanos Robert Chumbley, compositor, Shirley Irek, pianista, James Kreger, violoncelista, e Gil Morgenstern, violinista.

Igualmente em Sintra estará o maestro e flautista francês Philippe Bender.

Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE UM VEÍCULO DE INSPECÇÃO DE TÚNEIS

A CP recebe propostas até às 16 h do dia 1987-11-13 para o funcionamento em epígrafe.

O processo do Concurso pode ser consultado na Estação de St.ª Apolónia em Lisboa, na Secretaria da Direcção de Instalações Fixas, 2.° andar, Porta 260, onde se encontrará o respectivo Caderno de Encargos.

A abertura das propostas será efectuada pelo Serviço de Túneis a quem o veículo se destina, no dia 1987-11-16 às 15 h.

Steve Martin em **«Três Amigos»:** *ele é um dos factores que contribuem para mais um falhanço de Landis.*

"TRÊS AMIGOS"

de John Landis

Jorge Leitão Ramos

Jerry Lewis, nos anos 60 e os primeiros filmes de Woody Allen deram uma vitalidade ao burlesco que Landis pareceu, em certo momento, poder herdar. Mas não.

Há, na carreira de John Landis, uma espécie de surpreendente simetria: começou sob o signo do mau-gosto, do **gag** desarticulado, da energia sem objectivo mas ridente; evoluiu para o jogo com os materiais e a memória do cinema, deu origem a dois dos mais interessanes filmes sobre o riso («O Dueto da Corda» e «Um Lobisomem Americano em Londres»); semeou, depois, num tom bem sucedido mas que já anunciava uma certa paragem («Os Ricos e os Pobres»); entrou, então, em progressiva desarticulação, um processo involutivo que faz com que «Três Amigos» seja já uma balbuciante colagem de **gags** desiguais onde, ao lado de momentos absolutamente delirantes (como a canção dos três heróis, um céu pintado, animais que falam, um gozo quase marionético com a memória do **western**), tropeçamos a cada passo com a incapacidade de discurso e com o cabotinismo insuportável dos dois mais insuportáveis actores americanos e comédia: Steve Martin e Chevy Chase.

O falhanço de «Três Amigos» é tanto mais espantoso quanto a ideia-base do filme tinha pernas para andar (uma aldeia mexicana convida três actores do cinema mudo de aventuras, julgando estar a convocar os três heróis que eles faziam no ecrã, para os libertar das garras de um bandido terrível, El Guapo). A duplicidade entre a realidade e a representação, tanto mais produtiva quanto Landis estereotipa os vilões até eles se parecerem com personagens de cinema barato, podia ser uma pedra de toque para uma ficção de largos voos (e a memória de «A Rosa Púrpura do Cairo» confirma a hipótese). Só que Landis se limita a organizar o filme em «números», como um show de Televisão ou um espectáculo de night-club, pouco se importando com a estrutura global da fita. O resultado é de uma pobreza confrangedora e, depois dessa coisa desastrada que se chamou «Espiões como Nós», ajuda a afastar Landis do lugar de destaque que, um dia, se julou fosse o seu.

FICHA:

Título original: Three Amigos!
Realização: John Landis (EUA-1986)
Argumento: Steve Martin, Lorne Michaels e Randy Newman.
Fotografia: Ronald W. Browne.
Cenários: Richard Sawyer.
Música: Elmer Bernstein.
Montagem: Malcolm Campbell.
Produção: Lorne Michaels, George Folsey Jr.
Interpretação: Chevy Chase (**Dusty Bottoms**), Steve Martin (**Lucky Day**), Martin Short (**Ned Nederlander**), Patrice Martinez (**Carmen**), Alfonso Arau (**El Guapo**), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.
Cinemas: Condes, Hollywood e Las Vegas.
Classificação: Maiores de 6 anos.

Paquito Cardinali

O SEGREDO E O SONHO DO DOMADOR

Paquito Cardinali, nome artístico de Francisco Garcia Hierro Cardinali, é, de alguns anos a esta parte, o melhor domador de leões a apresentar-se em pistas portuguesas.

Descendendo de uma das mais conhecidas famílias circenses do nosso meio, Paquito iniciou-se num número de equilíbrios sobre bicicleta, com os seus irmãos, no circo do pai (Vítor Hugo), o «Cardinali». Tinha então oito anos e uma forte atracção pela pista, luzes e a aventura a que a vida no circo conduz.

Como ciclista se manteve até casar com Mirrene Viene, domadora, que o iniciou nas lides com os animais e lhe ensinou o segredo fundamental a um bom entendimento homem-animal: nenhum animal é igual ao outro, todos têm a sua maneira de ser, mas todos preferem a ternura, ao bastão.

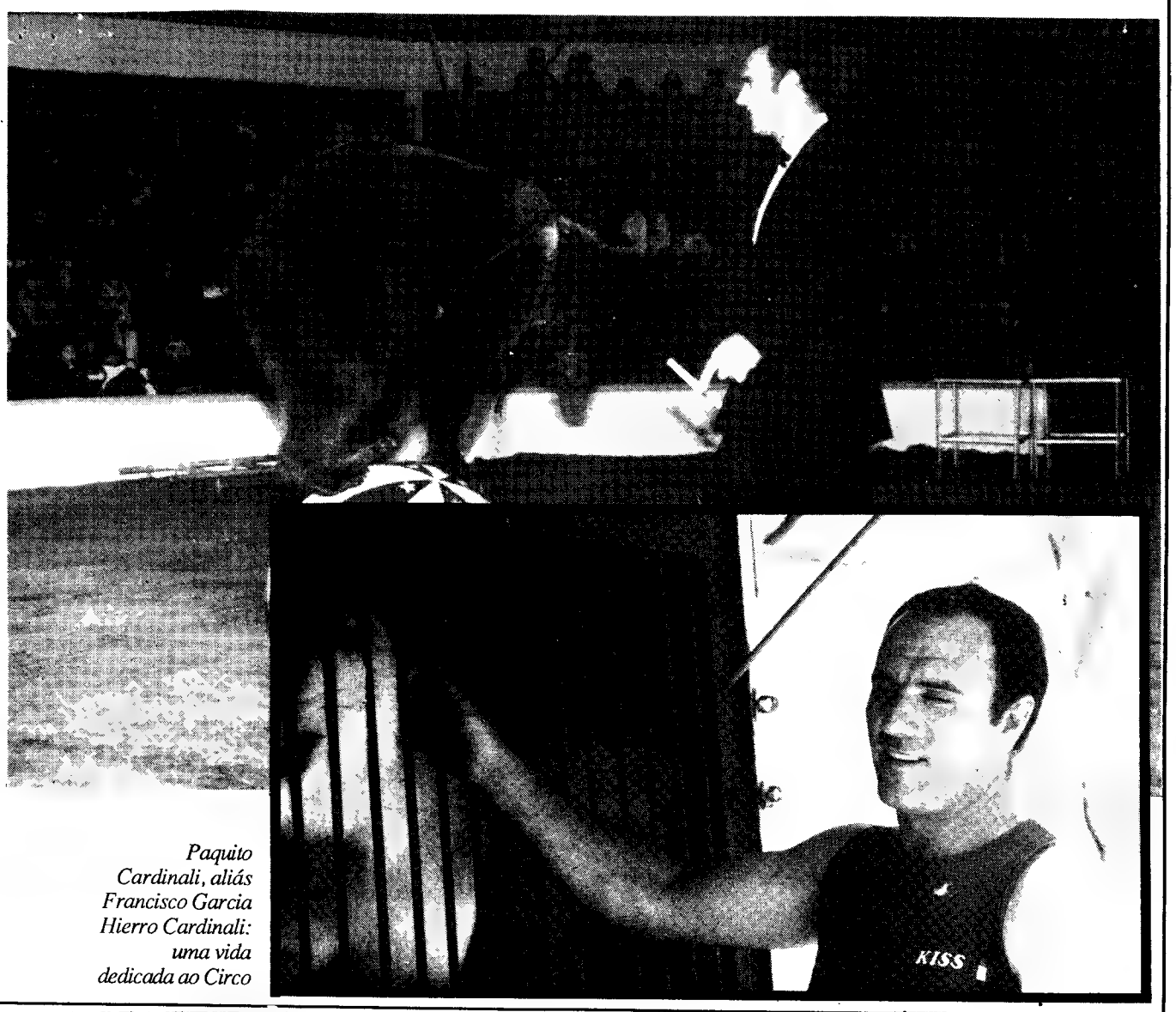
Então, como todo o iniciado, Francisco Garcia, começou por tratar dos animais, alimentá-los, lavar jaulas, escovar dorsos, etc., até que o impedimento temporário da esposa em se apresentar em pista, por alturas do nascimento do filho, colocou, pela primeira vez, a questão a Paquito: entrar, ou não na jaula? Entrou, e vencidos os receios e a inexperiência inicial, o equilibrista em bicicleta vira apresentador de animais, até hoje.

E apresentador de animais porque, sem falsa modéstia, Paquito entende que ainda não é domador: «Serei quando me apresentar em pista com animais criados e trabalhados por mim. Não é o caso já que estes animais, que agora apresento, foram criados e trabalhados pela minha mulher.»

No entanto, e mesmo com esta ressalva — que transformaria todos os domadores portugueses em apresentadores de animais, já que todos compraram os animais e os números «já feitos» —, Paquito Cardinali pelas alterações que introduziu à sequência, pela maneira como está em pista, pela ternura que transparece entre ele e os seus leões e ursos, pode, sem qualquer dúvida ou favor, ser considerado como um extraordinário apresentador de animais, a quem o título de domadoor não desmerece.

Entretanto, há três temporadas, Paquito dirige o seu próprio circo («Paquito Cardinali»), que já se guindou ao escasso grupo dos «grandes» portugueses, e que futuramente dará que falar. É que o sonho de Francisco Garcia, empresário, passa pela transformação do actual programa, num outro apenas, ou essencialmente, preenchido com números em que entrem animais:

«Seria uma novidade entre nós, seria a grande diferença do meu circo, seria a minha homenagem aos animais e às crianças.»



Paquito Cardinali, aliás Francisco Garcia Hierro Cardinali: uma vida dedicada ao Circo

A família sax

O Zé Duarte alertou: «Atenção, na minha crónica, em vez de sopranino ponham saxofone curvo». Conhecedor profundo, crítico e cronista conscencioso, o Zé gosta de ser preciso, de chamar as coisas pelos seus nomes. A correcção foi feita, tal como ele tinha solicitado. Mas neste labirinto que são os jornais, entre a Redacção e os Serviços Técnicos as emendas sumiram-se. E o sopranino apareceu impresso no lugar do saxofone curvo. Coisas que acontecem todos os dias neste mundo dos jornais. O Zé Duarte sabe bem — quantas não lhe sucederam já! — como é. De qualquer modo, para ele e para os seus muitos leitores, as nossas desculpas.

Jornadas de Cinema e Vídeo da Galiza

A Federação Galega de Cineclubes e o Cineclube de Carballiño organizam de 1 a 8 de Agosto as Jornadas de Cinema e Vídeo da Galiza, na estância termal de O Carballiño. Esta iniciativa, que conta com o apoio da Junta da Galiza, integra a exibição de 7 filmes portugueses de produção recente, filmes galegos e de outras regiões do Estado espanhol, comunicações e exposições sobre a história do cinema na Galiza, cinema para a infância e antestreia de filmes não ibéricos.

Haverá também um encontro de cineclubes luso-galaicos para o qual foram convidados alguns cineclubes do Norte de Portugal e representantes da Federação Portuguesa de Cineclubes.

Um dos objectivos destas jornadas é precisamente o estreitamento dos laços culturais entre a Galiza e a região de Entre Douro e Minho, cujas afinidades históricas, linguísticas e étnicas importa valorizar.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

PRIMAS
(n/acons. m. 18 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

REGRESSO À TERRA O CAMINHO DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Cine

T. 763319

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

REGRESSO À TERRA O CAMINHO DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

ACADEMIA DE POLÍCIA – IV (A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

RASPUTINE
(porno)
(interdito men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21:30 h

Berna

— T. 776098

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Melhor da Vida» realizado por Renaud Victor com a interpretação de Sandrine Bonnaire (a revelação de «Aos Nossos Amores») e Jacques Bonnaffe, em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

SEXO ESPACIAL
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

TARADA SEXUAL
(porno)
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

O GUARDA
(n/acons. m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

AS AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O ABISMO
(m/12 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Azul

PROCURA-SE MORTO OU VIVO
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Silva

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÃO

City Cine

— T. 549999

TAXI DRIVER
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O MISTÉRIO DE GORKY PARK
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON
(maiores 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Fórum Picoas

— T. 541037

MONICA E O DESEJO
(n/acons. m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Fonte Nova

— T. 7145109

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

A MANHÃ SEGUINTE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

A COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

ARMA MORTIFERA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

HUMILHAÇAO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 3

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

MULHER EM FÉRIAS AMANTE EM CASA
(Int. m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

MASSAGENS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

O DESTRAVADO DO TÁXI AMARELO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

OS GANSOS SELVAGENS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

SID E NANCY
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

IMPÉRIO CONTRA-ATACA
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 h

TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO
(Interdito m. 13 anos)
23.45 h

Sala 3

O MELHOR DA VIDA
(maiores 16 anos
15.00, 17.09, 19.00, 21.30 h

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 4

O EXPRESSO DA MEIA-NOITE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
23.45 h

Roma

T. 889192

GELADO DE LIMÃO VI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

OS CARRASCOS NUNCA MORREM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

REGRESSO À TERRA / O CAMINHOS DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

A COSTA DE MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e **21.45 h**

7.ª Arte

— T. 730715

ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CURTO-CIRCUITO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA – A PATRULHA DO CIDADÃO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

MONA LISA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

MULHERES DA RUA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «007 — Alvo em Movimento», às 21.15 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Maxie e a Outra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Arma Mortífera» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Terror na Auto-Estrada», às 21.30 h (maiores 18 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — Encerrado p/descanso do pessoal.

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Operação Orion», às 21.30 h (maiores 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Cujo — O Novo Símbolo do Terror», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Startreak — O Caminhos das Estrelas», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Primas», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. m. 18 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Porky's», 15.30 e 21.30 h (int. m. 13 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Comando», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «Veludo Azul», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Academia de Polícia IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Três Amigos», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «A Costa do Mosquito», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Mad Max as Motas da Morte», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Filhos de Um Deus Menor», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «A Lei de Murphy», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Porky's», às 15.45 e 21.30 h (Int. m. 13 anos)

Sala 2 — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — Encerrado para férias.

SHAKESPEARE EM TOMAR

«Hamlet», de William Shakespeare, é a peça que o grupo «Fatias de Cá de Tomar» apresenta nos próximos dias 14 e 15 no Claustro de D. João III do Convento de Cristo, em Tomar.

Depois de ter levado o mesmo espectáculo ao International Amateur Theatre Festival — Olympiad/87, nos Estados Unidos, o grupo faz apenas duas representações em Tomar (pelas 21 e 30 horas), antes de se apresentar ao júri de selecção da Associação Portuguesa de Teatro Amador, no I Festival Internacional de Teatro de Amadores, que decorrerá em Setembro no Teatro Nacional D. Maria II.

O grupo conta que a carreira de «Hamlet» se prolongue até ao Outono do próximo ano, tendo previsto a sua apresentação na Bienal de Vila Nova de Cerveira, uma digressão à Galiza e a participação no Festival Internacional de Teatro Amador do México, em 1988.

«Hamlet» tem encenação, dramaturgia e direcção de actores de Carlos Carvalheiro, tradução de Graça Afonso, cenografia de José Rodrigues, música de António de Sousa e figurinos de Alice Aurélio. A interpretação está a cargo de Ana de Carvalho, Alice Aurélio, Ana Paula Eusébio, Ana Themes, António Aparício, António Calvet, Augusto Portela, Carlos Carvalheiro, Eusébio Paulino, Graça Afonso, Henrique Sapatinha, Isabel Borges, João Mourão e Paula Borges.

«Fatias de Cá de Tomar» começou a sua actividade em 1979. Em 1982 organizou o Festival de Teatro de Tomar, no Convento de Cristo.

Desde a sua formação estreou já 26 espectáculos, levando à cena, entre outros, autores como Karl Valentim, Tchekov, Pitigrilli, Dario Fo, Gil Vicente e Shakespeare.

O grupo apresentou–se um pouco por todo o país, num total de 177 espectáculos. Em 1986 participou numa co–produção de 20 grupos de teatro de amadores do distrito de Santarém, teatralizando o romance de Mário Zambujal «Crónica dos Bons Malandros», estreada no Teatro da trindade, em Lisboa.

Este ano participou, em representação nacional, no 1st. International Childen´s Theatre Festival (Almelo, Holanda), além do International Amateur Theatre Festival Olympiad/87, nos Estados Unidos.

O «Fatias de Cá de Tomar» pertence ainda à direcção da Associação Portuguesa do Teatro de Amadores (APTA).

Actualmente, o grupo é constituído por 35 elementos, divididos em três grupos etários (dos 8 aos 15 na Oficina de Teatro, dos 16 aos 25, e dos 26 em diante) repartidos por três montagens: «A Fuga de Wang–Fo», baseado no conto de Marguerite Yourcenar; «Hamlet», de William Shakespeare e «Homlete (de Carne)», musical de Carlos Carvalheiro (a estrear em Novembro).

MÚSICA

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: pelas 21 e 30 horas, recital de guitarra clássica pelo francês Jean-Baptiste Farraigue, actualmente em digressão pelo nosso país. Do programa constam obras de O´Carolan, Carlos Seixas, Bach, Villa-Lobos, Brower, Berkeley e do próprio intérprete.

Jean-Baptiste Farraigue: recital nas Caldas da Rainha

RUÍNAS DO CARMO (Lisboa): A Orquestra Sinfómnica da RDP cá um concerto, com início às 21 e 30 horas.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (Anfiteatro de Ar Livre): integrado no Festival «Jazz em Agosto/87» realiza-se esta noite, pelas 21 e 30 horas, mais um concerto, desta vez com «Mário Laginha Decateto». O grupo é composto por Mário Laginha (p, sint.), Tomás Pimentel (tp), Edgar Caramelo (st, sb), José Nogueira (sa, ss), Jorge Reis (sa), Eduardo Abreu (fl), Mário Franco (ctb), Pedro Barreiros (ctb), Mário Barreiros (bat) e José Salgueiro (perc). Mário Laginha é conhecido pelo seu trabalho com o Quinteto de Maria João e o Sexteto de Jazz de Lisboa, que se estreou na primeira edição do Ciclo Jazz em Agosto da Fundação Gulbenkian em 1984. Concluíu o curso de Piano no Conservatório Nacional este ano. Em paralelo desenvolve actividade na área do jazz e da música clássica.

EXPOSIÇÕES

CASA DO BOCAGE (Setúbal): está patente ao público uma exposição de pintura da autoria de Maria João Franco até ao dia 6 de Setembro. A artista é natural de Leiria, onde nasceu em 1945. Vencedora do recente concurso de gravura «Como os artistas sentem a poluição do ar» organizado pela Câmara Municipal de Setúbal em colaboração com o munícipio de Beauvais — com quem Setúbal mantém um acordo de geminação — no âmbito do Ano Europeu do Ambiente, Maria João FRanco possui o 5º ano do curso de pintura da ESBAL e frequentou o curso de Arquitectura da ESBAP. a mostra pode ser visitada das 9 às 12 e das 14 às 17 e 30 horas nos dias úteis (excepto segunda-feira) e das 15 às 18 horas aos fins-de-semana.

POUSADA D. DINIS (Castelo de Vila Nova de Cerveira): está patente até 10 de Setembro, uma exposição de azulejos. Tendo por tema o Alto Minho, os painéis artísticos em azulejo são executados por Argila Atelier. Nas Caldas da Rainha, o atelier dedica especial atenção à azulejaria ornamental, murais e painéis artísticos totalmente pintados à mão, segundo as antigas técnicas de pintura do azulejo, de forma a preservar os originais tons da tão famosa azulejaria portuguesa. A mostra, que decorre paralelamente à Bienal de Vila Nova de Cerveira, apresenta trabalhos executados pelos artistas plásticos Ana Paula Marques, Ricardo Roque e Luís Guerreiro.

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO ESTORIL (Arcadas do Parque, Estoril): 26 obras de pintura a pastel e óloeo do artista plástico Figueiredo Sobral estão expostas até 8 de Setembro neste local, das 9 às 19 horas.

GALERIAS DE ARTE CETÁRIA (JUNTA DE FREGUESIA DE S. JULIÃO, SETÚBAL): estão patente até 29 de Outubro duas exposições: Felícia apresenta «Além Tejo» (pintura) e Cuca tem expostos «Os Animais» (cerâmica). A mostra pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 9 às 12 e d as 14 às 18 horas.

CASTELO DE LEIRIA: está patente até Setembro uma exposição sobre «A Talha em Portugal». Organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian com o patrocínio da Câmara Municipal de Leiria, a mostra consta de peças em talha, algumas delas de talha dourada, fotografias e transparências e ainda de documentos sobre a evolução do fabrico do artigos em talha. A exposição já esteve em paris e noutras cidades europeiase ainda em Pequim e Hong-Kong.

CHAVES (Galeria de Arte do Posto de Turismo): até 20 de Agosto está patente ao público uma exposição de pintura da autoria de Espírito Santo Neves.

CASA-MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): «Os Fios e os Frutos» é a

Exposição de azulejos na Pousada D. Dinis

designação da exposição colectiva de Graça Delgado, Ana Gonçalves, Evelyne Martin, Maria José Oliveira e Vítor Pomar. A mostra pode ser visitada até 15 de Agosto, de terça a sexta-feira, das 16 às 20 e das 22 às 24 horas.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (Centro Artístico Infantil): está patente uma exposição de trabalhos de expressão plástica e literária da autoria ce crianças dos 5 aos 12 anos, trabalhos esses que resultam de um concurso organizado pela Fundação junto das escolas oficiais do país. A mostra está aberta todos os dias das 15 às 17 horas, excepto às sextas-feiras, até 25 de Setembro.

JUNTA DE FREGUESIA DA CHAMUSCA: «Ver e criar para mostrar e ver» é a designação da exposição retrospectiva que o fotografo Aníbal Sequeira tem patente ao público neste espaço até 15 de Agosto, todos os dias das 14 às 19 horas. O autor, nascido em Lardosa (Castelo Branco) em 1937, é licenciado em Economia pelo Instituto Superior Técnico de economia e quadro técnico da EPAL. Desde 1960 que se dedica à fotografia como forma de expressão artística.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO (Lisboa): até ao dia 9 de Outubro pode visitar a exposição Ano Lectivo 1986/87 dos alunos da escola. A escola organizou núcleos de exposição nas áreas de cerâmica, metais, equipamento, artes gráficas, desenho têxtil e imagem e comunicação, integrando trabalhos de alunos de frequentaram o estabelecimento de ensino durante o ano lectivo 86/87. A mostra pode ser visitada das 9 às 20 horas, excepto sos sábados e domingos.

INSTITUTO JOSÉ DE FIGUEIREDO (Rua das Janelas Verdes): até finais de Setembro, todos os dias úteis das 14 às 20 horas, pode ser apreciada a exposição subordinada ao tema «Conservação e Restauro no Instituto José de Figueiredo». As actividades do Instituto, que se exercem no domínio da pintura, têxteis, escultura, pintura mural e documentos gráficos, cobre todo o País e procura dar resposta aos pedidos que lhe são dirigidos quer por parte da Igreja, dos museus, autarquias locais ou mesmo de particulares que possuam obras de arte classificadas.

GALERIA MUNICIPAL DE AVEIRO: está patente até 16 de Agosto a exposição de tapeçaria de Claude Mengo, das 14 às 19 e das 21 às 23 horas. Trata-se de uma mostra de tapeçaria que tem, vincadamente, na opinião do artista, duas conotações: uma, com a arte; outra, com o artesanato, pois a tapecaria é bordada, sendo Claude Mongo o responsável pela criação dos desenhos, escolha e opção da cor e execução manual e total da obra e montagem até ao produto final. Claude Mongo já expôs no Rio de janeiro, S. Paulo e Washington, e está representado no Museu de Arte Moderna do Rio de janeiro e em colecções particulares no Rio de janeiro, S. Salvador da Baía, Porto Alegre, Ouro Preto, Buenos Aires, Ciudad del México, Porto, Constâncio e Mindelo.

GALERIA DE ARTE ESPIRAL (Centro Comercial das Palmeiras, Nova Oeiras): está patente de segunda a domingo, das 14 às 22 horas, a exposição colectiva de Ilda Reis (gravura), Isabel Bomba (óleos), Isabel Laginhas (desenho e pintura), João Duarte (escultura), Laranjeira Santos (escultura), Manuela Pinheiro (óleo), Paulo Cardoso (desenho) e Vítor Belém (desenho e pintura). A mostra pode ser visitada até 15 de Setembro.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 31 de Agosto podem ser apreciadas neste local várias peças de cerâmica da autoria de Eduardo Filhó. A exposição é subordinada ao tema «Os Saloios». A artista tem ainda patente ao público, na Sala de Etnografia do mesmo museu, até 28 de Setembro, uma mostra intitulada «Um Olhar sobre Caneças».

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AREEIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO DE OURIQUE: Castro Fonseca**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA: Galeno**, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE: Guimarães Morais**, R. Neves Costa, 33-35 (T. 7140081); **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **IGREJA DE ARROIOS - CHILE: Oriental de Lisboa**, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira**, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES: Branquinho**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÉ: Santa Luzia**, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **CODIVEL - ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja E, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE: Roma**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO: Labor**, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE: Imparcial**, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS: Banha**, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFÂNIA: Universal**, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **MARQUÊS D POMBAL: Ribeiro & Castro**, R. Braamcamp, 52-C (T. 543409); **MARTIM MONIZ: Tavares**, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAIS SUL: Higiene**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2900020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu CARDOSO**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Mra**, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22487). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (T. 23211). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112080). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2440037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Barro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. do Regimento 19, 41 (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Permanente; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Permanente; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 926006). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

TEATROS

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

Porto — Sala do Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31

De terça a domingo, às 21.15; domingo, às 16.00

«O TIO VÂNIA», de Tchekhov. Pela Seiva Trupe. Encenação: Fernando Umaña.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de LuísMiguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS», de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

«BELA-CALÍGULA», de Augusto Sobral. Encenação: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Intérpretes: Manuel Cintra e Silvina Pereira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA», de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneádr. Paulo Borba — Tel. 29 130

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA» e **«O DIPLOMA»**, de Luigi Pirandelo. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César. Interpretação de Rui Paulo, Nuno Mello, Maria Simões, Gil António, Pompeu José e João Victor, entre outros.

Teatro Galeria Monumental

Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«JOGOS DE PRAIA», de E. A. Whitehead. Pela Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 291 30

Quinta, sexta, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA» e **«O DIPLOMA»**, de Pirandello. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação: Carlos César.

Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 60 20 21

De 3.ª a domingo, às 21.30. Até dia 31

«AUTO DO FÍSICO PRODIGIOSO», adaptação da novela de Jorge de Sena. Pelo Teatro Triângulo. Encenação de André Nuno. Interpretação de Sandra Martins, Jorge Alonso, Alexandra Melo, Filipe Costa, Jorge Tavares e André Macedo, entre outros.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Démarcy. Encenação: João Mota. Música: Domingos Morais e José Pedro Caiado. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro. Manuela Couto e Paulo Ferreira.

Sala 1

Quartas, quintas e sábados, às 22.30

«O URSO NA CAMA», de Zé Gouveia. Pelo Gurpo Sete Ofícios. Encenação de Geraldo Tuché e Zé Gouveia. Interpretação de Geraldo Tuché e Octávio Rocha.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

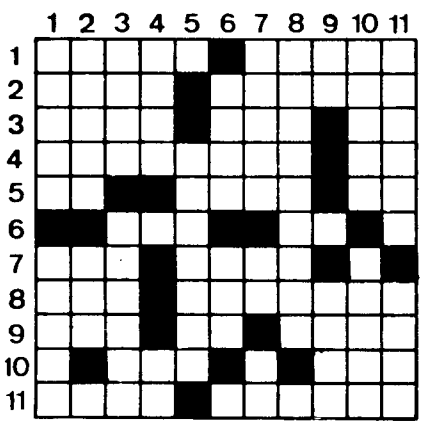
«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17106

HORIZONTAIS:

1 Mais cedo. Cidade de tália.
2 Undécimo mês do calendário árabe. Chegarias.
3 Imperador romano, vencico em Bedríaco pelas legiões de Vitélio e que se matou. Ilha do Estado da Baía. Bário (s.q).
4 Peneiravam. Caminhar.
5 O lado do vento (inv). Domestica. Preposição e artigo (inv).
6 Naquele lugar. Rubídio (s.q).
7 Felicidade. Neste lugar.
8 Nome de fruto. Chupados.
9 Chefe etíope. Pronome reflexo. Nome de mulher.
10 Ecoe. Sufixo que designa pequenez.
11 Vazias. Recados.



VERTICAIS:

1 Idoso. Jumento.
2 Natalício. Nome de mulher.
3 Irmãs da mãe. Mistura.
4 Divindade do amor entre os gregos. Ósmio (s.q).
5 Transferisse para outro dia.
6 Esperto. Pronome relativo.
7 Escavam. Árvore da serra Leoa. Mil e cinco em romano.
8 Guarnecerias de arames.
9 Nota musical. Ofereceis.
10 Erudito. Defunto.
11 Guarneceram de asas: Saudáveis.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17105**

HORIZONTAIS:

1 A. QUEM. MAL.
2 Vou. Melaram.
3 Amadora.
4 Ralos. Mim.
5 Astro. Noiva.
6 Roer. Sião.
7 Miara. TSF.
8 Variada. Aer.
9 Ira. Rasgo.
10 Va. Matas. Ut.
11 Empatara. Ea.

VERTICAIS:

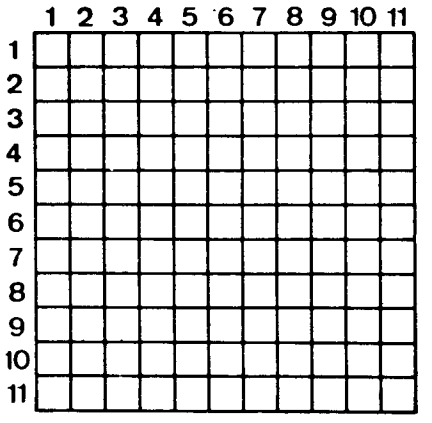
1 Avisar. VIVE.
2 O. Somaram.
3 Quarteira.
4 Marrai Ma.
5 Emalo. Rabat.
6 MEDO. Dão. Ta!
7 Losna. Arar.
8 Mar. Oi! Asa.
9 Aramistas.
10 Lá. IV. SEGUE.
11 Mima. Frota.

PROVÉRBIO: A quem mal vive, o medo o segue.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15931

HORIZONTAIS:

1 Parte de uma casa onde se guarda o vinho ou o azeite envasilhado. Pequena rede com que as mulheres amparam o cabelo.
2 Predestinara. Saem frequentemente à rua.
3 Fértil. Preposição latina que designa movimento. Cálcio (s.q).
4 Interjeição que exprime nojo ou desprezo. Seguir o rasto ou a pista de.
5 Cidade de Itália. Cousa nenhuma.
6 Acreditei. Ocultar.
7 Tribo de indígenas brasileiros. Fortaleza da antiga Messénia.
8 Falta de dinheiro (gir). Nota musical. Centímetro.
9 Âmio. Pátrio.
10 Cingidouro de couro ou de outra substância que se põe ao pescoço de alguns animais (pl). Vossa Santidade.



11 Ósmio (s.q). Gritos (Bras). Hólmio (s.q).

VERTICAIS:

1 O soprar da serpente. Acometo.
2 Moeda de cobre, que corria em Damão. Gravura a cores (pl).
3 Cidade dos Páises Baixos. República federativa e maior Estado da América Meridional.
4 Caloiros (fig). Európio (s.q).
5 Limpar metais. Velho.
6 Fecha as asas para descer mais depressa. Anel.
7 Átomo. Ementas.
8 Mandarias.
9 Palmeira do Brasil. Esteira tecida de folhas de palmeira (Bras).
10 Golpe de faca. Verso.
11 Poisaremos no mar (o avião).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15930**

HORIZONTAIS:

1 Babar. Sanas.
2 Riem. Catá.
3 Ari. Avá. Sem.
4 Sá. Opaca. Ro.
5 Adora. És. Rs.
6 Acusara.
7 Ciara.
8 Assoe. Pás.
9 Rei. Narram.
10 Ira. Trair.
11 Ao. Moca.

VERTICAIS:

1 Brasa. Maria.
2 Airada. Ser.
3 Bei. Ocasião.
4 Am. Uro.
5 Apascenta.
6 Eva. Aro.
7 Acercara.
8 AC. Asai. Rim.
9 Nas. Aparo.
10 Aterraram.
11 Samos. Ás. Sá.

Radio

Antena Um

16.00: Rocklândia; **18.00**: Regressos; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.25**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.17: Oito motetes, de Poulenc; **15.40**: Compositores portugueses; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: A voz dos instrumentos; **17.25**: Concerto de câmara; **18.40**: «Suite Lírica», opus 54, de Grieg; **19.00**: Integrais; **19.26**: Música de bailado; **20.40**: Obras, para clarinete; **21.00**: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; **21.20**: Música, para piano, de Liszt; **21.30**: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto, pela Orquestra Sinfónica da RDP; **00.00**: «In Terra Pax», de Frank Martin; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 37m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.30**: Bola branca; **18.30 Transmissão do terço; 19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

TELEVISÃO

RTP1

14.55 - Matinée
«A Vitória de Jess Hallan»

16.30 - Tery Toons

17.00 - Ponto por Ponto

18.00 - Sumário

18.05 - Brinca Brincando
«Fábulas da Floresta Verde»

18.35 - A Família Bellamy
Albert Stckbridge está apaixonado por Georgina e pede-a em casamento, facto que nem por todos é visto com bons olhos... Ruby, cansada de aturar Mrs. Bridge, abandona Eaton Place

19.25 - Trânsito

19.50 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.45 - Dona Santa

21.45 - Telemundo
22.40 - Brigada Especial
Uns miúdos da rua matam e roubam um homem sem saberem que ele tinha assaltado um carro que transportava 60.000 dólares. Mas O'Keefe, um criminoso profissional, está também interessado em deitar mão ao dinheiro. Resta saber quem chega primeiro: se o S.S., se O'Keefe.

23.30 - Notícias
23.40 - Estádio
Volta a Portugal em bicicleta

«A Família Bellamy», às 18.35

«Mamaia», em Cinemadois. às 21.35

RTP2

17.17 - Os Imigrantes
60º Episódio

18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.05 - Hitchcock apresenta
20.30 - Um Família às Direitas
Archie está tentado a entrar para uma sociedade secreta, sem saber que Mike é o próximo alvo do grupo

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Cinemadois
«Mamaia», de José Varela

Na véspera do seu casamento, Nana conhece os elementos de uma popular orquestra de rock. É a revelação de um outro mundo, e também de outros sentimentos. Sente-se atraído por um dos músicos, mas parte ao encontro do seu futuro marido.

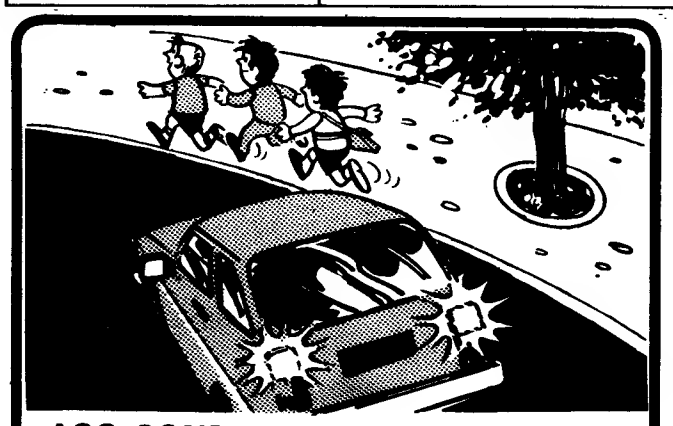
AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.55 - Foi Êxito na TV
14.55 - Clipomanias
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.30 - A vida dos insectos do norte
19.25 - Ciência – Invenção do Futuro
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.40 - Vamos Jogar no Totobola
20.55 - Dona Santa
22.05 - Lotação Esgotada: «Herói Precisa-se»
00.05 - Notícias
00.20 - Estádio

RTP-2

17.15 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.10 - Simon Show
20.05 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Um Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Coração a Quanto Obrigas
22.00 - Clube de Imprensa
22.50 - O Som da Surpresa



AOS CONDUTORES

"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."

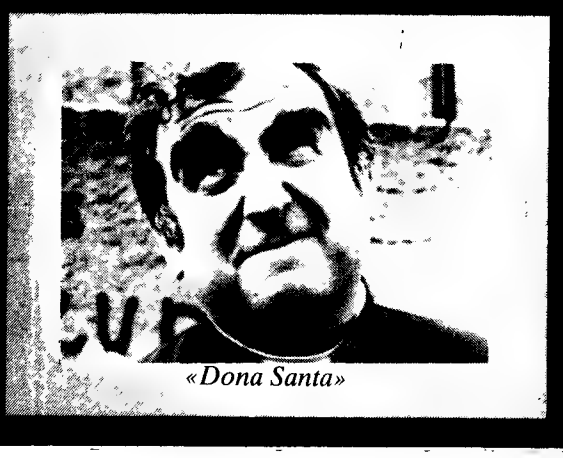
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 Brigada Especial

RTP2 Cinemadois: «Mamaia»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570


«Dona Santa»

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 - 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira. 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

O Governo argelino comprometeu-se a uma maior colaboração com a Espanha na vigilância dos membros da ETA militar residentes no seu território, de acordo com os resultados da visita que um responsável espanhol efectuou ontem a Argel. Assim, foi decidido criar uma comissão coordenadora, composta por um comando policial de cada um dos países, que se encarregará de vigiar o cumprimento do pacto, uma vez que a Argélia se comprometeu a receber no seu território três dezenas de elementos da ETA e a prestar contas dos seus movimentos.

Ao fim da manhã de ontem na estação do Rossio

Rapariga morreu entalada em porta de carruagem

A administração do Metropolitano de Lisboa, mandou instaurar um inquérito às circunstâncias em que ocorreu o acidente (o primeiro mortal na história da empresa, exceptuando os suicídios) que, ao fim da manhã de ontem, vitimou uma rapariga de 16 anos, residente no Bairro das Galinheiras.

De acorco com a versão de testemunhas oculares confirmada pelo Serviço de Relações Públicas do Metro, a jovem, Gabriela Maria Pereira, ficou com a metade superior do corpo de fora da segunda carruagem quando a composição partiu da estação do Rossio. Logo de seguida o seu corpo ao bater com a cancela de protecção do cais foi projectado e apanhado pelo comboio, ficando decepado e em pedaços.

Removido do local, após terem sido cumpridos os trâmites legais, o cadáver destroçado da infeliz rapariga foi levado para o Instituto de Medicina Legal.

Suicídios por enforcamento de jovem e septuagenário

Uma jovem de 21 anos e um septuagenário suicidaram-se por enforcamento, respectivamente em Agrocilhe, Vila Nova de Gaia, e no lugar de Além do Rio, no concelho de Paços de Ferreira.

De acordo com as participações feitas na GNR, Maria de Fátima da Costa Nogueira, casada, doméstica, ainda foi transportada pelo marido ao Hospital de Gaia, onde chegou já cadáver. Quanto a Manuel Joaquim Nunes foi encontrado já sem vida suspenso de uma ramada existente no quintal da sua casa.

Hospitais Civis de Lisboa procuram mais sangue

A carência de sangue nos Hospitais Civis de Lisboa, que já por diversas vezes originou situações difíceis, levou os responsáveis a diligenciarem no sentido de obterem dadores. Nesse sentido, mais uma vez um carro do Instituto Nacional de Sangue foi cedido aos HCL para que seja possível uma recolha extraordinária.

Assim, o referido carro do INS mas em serviço dos Hospitais Civis de Lisboa, estará durante quatro dias (a partir de hoje e até ao dia 14) na Avenida da República da Bolívia, no Lumiar, em frente do Centro Comercial. Horário de funcionamento: entre as 9 e as 15 horas.

Fogo desalojou famílias

Um incêndio de origem ainda não determinada, destruiu, pelas 16 horas de ontem, quatro barracas localizadas na Quinta da Holandesa, próximo da Avenida Gago Coutinho, em Lisboa.

Não se registaram vítimas mortais, mas um dos moradores teve de ser transportado ao Hospital de S. José.

LOTARIA POPULAR

1º—165742	1 000 000$00
2º—149734	250 000$00
3º—298439	150 000$00
4º—509532	100 000$00
Terminação em 742	50 000$00
Terminação em 734	10 000$00
Terminação em 439	2 500$00
Terminação em 532	1 000$00
Terminações em 15, 27, 53 e 82	400$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

/D/E/C/A/R/A/S/

TRAVADINHA, de nome próprio António Vicente Lopes, o mais famoso violinista da música tradicional de Cabo Verde, morreu este fim de semana em São Vicente, de doença incurável. Natural da ilha de Santo Antão, Travadinha morreu com 49 anos de idade em consequência de doença cancerosa que já há vários anos o afectava e o trouxe diversas vezes a Lisboa, para tratamento. Travadinha tinha apenas a instrução primária, mas possuia um estilo ímpar de tocar e improvisar música genuinamente caboverdiana no seu violino. Apesar de esperada, a morte do popular músico provocou consternação no país, e praticamente todas as autoridades oficiais participaram, directamente ou através de representantes, no funeral, que se realizou no domingo, na cidade do Mindelo. Travadinha gravou apenas um álbum («Futecera de Cor Morena») e uma cassete, existindo outras gravações suas em banda magnética nos arquivos da Rádio Nacional de Cabo Verde.

ALBERTO JOÃO JARDIM participa, no próximo fim-de-semana, em Boston (Estados Unidos) na festa de Nossa Senhora do Monte, promovida pelo clube português daquela cidade. O presidente do Governo Regional da Madeira terá contactos, durante a sua estada nos EUA, com autoridades locais, e tem agendados encontros com a comunidade portuguesa de Boston e New Bedford, zona onde se regista maior presença de emigrantes madeirenses.

VÍTOR SÁ MACHADO, candidato português à Direcção-Geral da UNESCO, participa hoje à noite num debate que se realiza no Clube de Empresários em Lisboa, durante o qual o tema central será a sua candidatura àquele organismo internacional. Vários embaixadores acreditados em Lisboa, nomeadamente dos cinco países africanos de expressão oficial portuguesa e Brasil, foram convidados a assistir.

LEONARD BERNSTEIN, compositor, foi distinguido com a Medalha Edward Macdowell, atribuída em anteriores edições a figuras como RThornton Wilder, Aaron Copland e John Updike. O galardão, este ano na vigésima oitava edição, premeia um escritor, compositor ou artista cuja contribuição para a cultura americana seja considerada importante. Na alocução que proferiu ao receber a medalha, Bernstein declarou-se «profundamente comovido» por tratar-se de um prémio que o considera na sua vertente de compositor. Autor de óperas, sinfonias, espectáculos da Broadway e música para filmes, Bernstein é sobretudo conhecido pela música de «West Side Story».

FERNANDA RIBEIRO tornou-se campeã europeia nos 3000 metros nos campeonatos da Europa de juniores, que decorreram em Birmingham, Inglaterra. A atleta portuguesa conseguiu a marca de 8.56.33, novo recorde nacional de juniores e quarta melhor marca nacional de sempre. Para Fernanda Ribeiro este foi o objectivo conquistado e pelo qual já vinha lutando há alguns anos.

AMANDIO CESAR, escritor, faleceu ontem de madrugada na sua residência em Lisboa, com 66 anos. O funeral sai esta tarde, pelas 15 e 30 horas, da Igreja da Basílica da Estrela para o cemitério do Alto de São João. Nascido em 1921 em Arcos de Valdevez, Amândio Cesar licenciou-se em Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras de Coimbra e foi jornalista, poeta, contista e ensaísta. Entre os vários livros que escreveu, «Batuque de Guerra», de 1945, obteve o Prémio Antero de Quental, instituído pelo SNI (Secretariado Nacional de Informação). «Natal», um dos mais conhecidos poemas que escreveu, está traduzido em várias línguas.

Moradores do Bairro da Petrogal querem comprar as casas

Os moradores do Bairro da Petrogal, na Bobadela, expressaram junto da Câmara Municipal de Loures, através da Comissão de Moradores, o desejo de adquirirem as casas em que residem e que actualmente ocupam em regime de aluguer àquela empresa.

A Comissão de Moradores contactou já a administração da Petrogal, que admitiu a hipótese de venda das habitações, colocando como única condição que a Câmara Municipal de Loures assuma a responsabilidade pela conservação das ruas do bairro.

O desejo agora expresso pelos moradores do bairro surge da situação de insegurança que representa o regime de ocupação das habitações imposto pela Petrogal. Com efeito, apenas são considerados inquilinos, com direito a habitação, aqueles que mantiverem laços de tipo laboral com a empresa. Se aí deixam de trabalhar, é-lhes retidaro o direito à habitação, facto que se repete relativamente aos filhos dos trabalhadores que contraem matrimónio e que são, por esse motivo, impedidos de permanecerem em casa dos pais.

Um grito de alarme

Continuação da pág. 1

sões hepáticas, traumas do sistema nervoso, problemas do aparelho respiratório — são conhecidas. Não bastará retirá-las do mercado, controlar as vendas, informar que são perigosas. É necessário impedir que a sua utilização, como drogas, em substituição das drogas, cause vítimas.

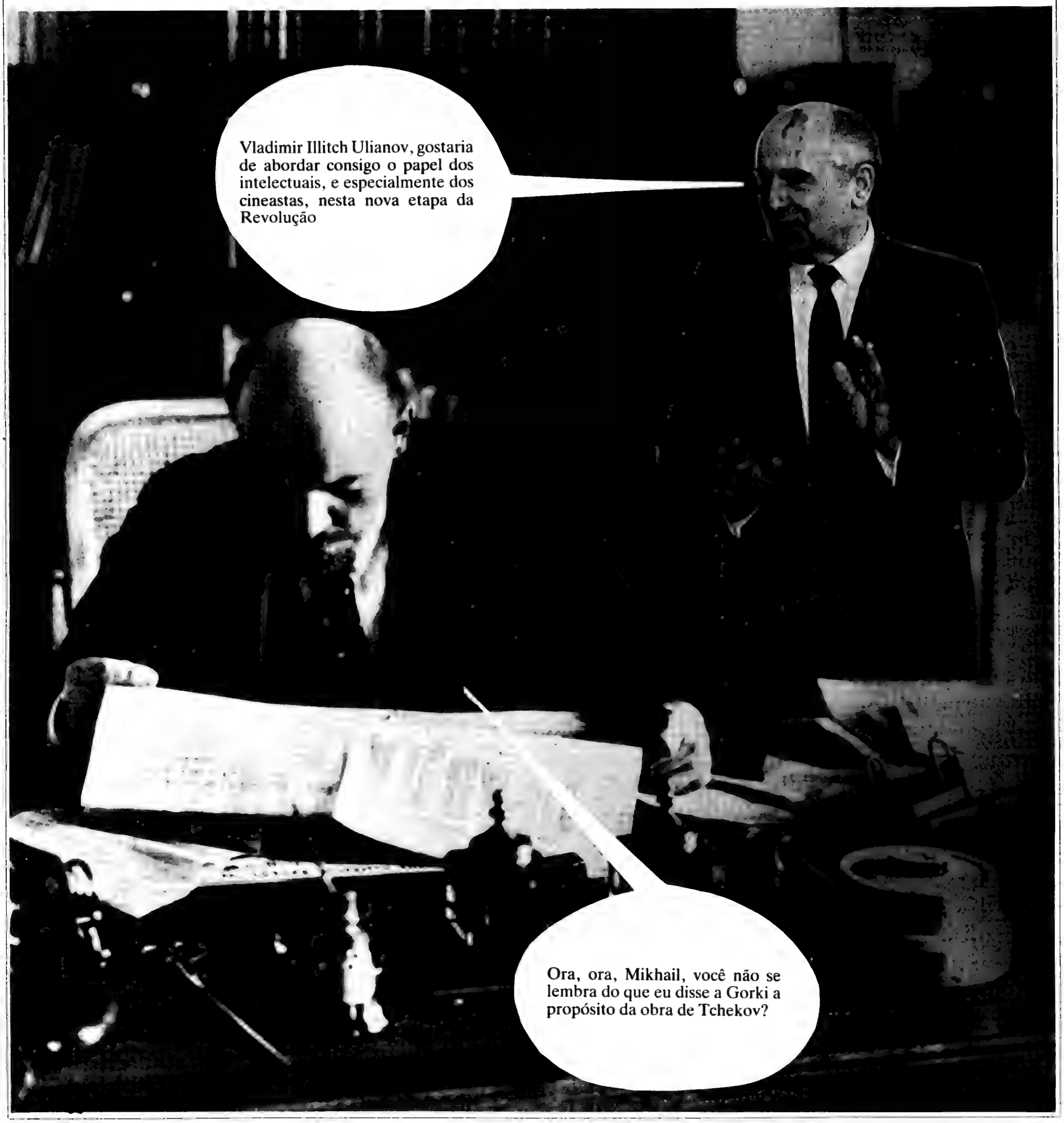
É a defesa da vida, e não só a satisfação de exigências sociais de tranquilidade e moralidade, que nos leva a denunciar situações e a colocar os responsáveis — os do Governo, os da Saúde, os da Educação, os da Ordem Pública, e também as Famílias — perante um drama: não podemos ser indiferentes, não podemos assistir sem agir. Há crianças e jovens que se drogam para iludir a vida. Há crianças e jovens que procuram a morte.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Febre alta no Festival de Cinema de Moscovo

■ *Os filmes proibidos começam a sair da gaveta*



O 15.º Festival de Moscovo

O cinema soviético perdeu o medo das palavras

O Festival de Cinema de Moscovo, que se realiza de dois em dois anos, surgiu naturalmente, na sua 15.ª edição, como o segundo *round* da política de mão estendida aos intelectuais, que Mikahil Gorbachev inaugurou em Fevereiro com o seu grande encontro a propósito do desarmamento, e no qual participaram alguns dos anjos e pequenos deuses mais em destaque do Gotha ocidental. O *slogan* do Festival — «por um humanismo no cinema, pela paz e amizade entre os povos» — quase não se separava da monocórdica tradição. E de facto, na aparência, nada mudou: a mesma burocracia invasora, as mesmas perdas de tempo devido à ausência de informação, a mesma multidão de programas (filmes infantis, curtas-metragens) dispersa pelos quatro cantos da enorme cidade.

E por toda a parte, nas declarações oficiais como nas brochuras distribuídas nos hotéis e nos aeroportos, o mesmo elogio incondicional do novo chefe da URSS, de quem se distribui massivamente cada novo discurso oficial. Em nenhuma parte a menor reserva, a menor dúvida. Como dantes e como sempre, o país é dirigido por um homem sem medo e sem mancha.

No entanto, o meio cinematográfico agita-se. Elem Klimov, eleito há um ano para a direcção da União dos Cineastas e próximo do novo poder, está decidido a ter pressa: inaugurando o Festival diante de seis mil espectadores que enchiam a grande sala de projecção do hotel Rossia, ele apresentou, num discurso de uma reconfortante brevidade, o presidente do Júri, Robert de Niro, sublinhando o valor excepcional do actor «de quem não vimos nenhum filme na URSS, mas isso vai mudar». Apenas um presidente, pois, e estrangeiro ainda por cima. Mais: um único grande prémio. Dantes, três grandes prémios eram atribuídos, o que permitia sempre dar um a uma obra soviética, de tal modo que o cinema local saía sempre vencedor.

Este ano, foi a soberba «*Interview*», de Fellini (que fora visto em Cannes extraconcurso), quem ganhou, e diga-se em abono da verdade que ele não enfrentou concorrência propriamente dita. Mas desta vez, o filme vai mesmo ser passado na URSS, e não terá o triste destino de «8 1/2», que, coroado em Moscovo há um quarto de século, ainda hoje espera a oportunidade de ser mostrado ao público soviético...

Outra mudança: a selecção. Contrariamente a Cannes, Moscovo quis-se sempre mais quantitativo e diplomático. Nenhuma cinematografia estrangeira era excluída, e a direcção do Festival jogava sempre a carta do convite generoso e da sedução internacionalista. Desta vez, 27 filmes em vez de 45 estiveram em competição, e a União dos Cineastas fez saber que, de futuro, um maior rigor é desejado. Alguns filmes já tinham sido vistos na Croisette, em especial na selecção «Um certo Olhar», mas mesmo assim houve curiosidades. Como aquele «*Pássaros de passagem*», afegão, que mostra as divisões entre os adversários do poder e a lutar contra os rebeldes.

Pôde verificar-se, uma vez mais, até que ponto a boa consciência é selectiva. Se, em plena guerra do Vietname, o Festival de Nova Iorque tivesse apresentado, diante de um areópago internacional, uma obra sul-vietnamita mostrando as divisões no Vietcong, que escândalo e que indignação isso não teria provocado! Em 1978, as delegações dos países do Leste abandonaram o Festival de Berlim para protestarem contra a projecção de «*Viagem ao fim do Inferno*».

Mas em Moscovo, o interesse estava noutro lado. E, se a delegação americana era composta de 120 convidados (contra 10 em 1985), se jornalistas de todo o mundo acorreram, foi evidentemente por causa da abertura, da possibilidade de ver antigos filmes soviéticos em parte libertos, e alguns novos.

Desde há um ano, essas obras não param de ganhar prémios: Grande Prémio do Júri de Veneza para «*A pomba selvagem*» de Serguei Soloviev, Urso de Oiro em Berlim para o «*Tema*» de Gleb Panfilov, Grande Prémio do júri de Cannes para «*Arrependimento*» de Tenguiz Abuladze, Camera de Oiro para «*Robinsonada*» de Nana Djordjadze, enquanto os festivais de Quimper, de La Rochelle e de Pesaro organizavam, este ano, homenagens e retrospectivas.

Nada testemunha melhor este novo ambiente do que o Domkino, a casa dos cineastas que, pela noite dentro, com todas as suas luzes acesas, contrastava gritantemente com a paisagem escura da Moscovo nada noctívaga: uma atmosfera de casa da cultura na febre de Maio 68.

Quadros abstractos nas paredes, panos decorando portas e janelas, videoclips americanos passando, uns ao lado dos outros, numa série de monitores, concertos de jazz à noite, cantores rock e, como banda sonora, o lancinante «I want to be in America», do velho «*West Side Story*»... Numa palavra, coisas nunca vistas, nunca ouvidas...

Além disso debates, mesas-redondas em quantidades industriais. Uma jornada das mulheres e a criação da Associação Internacional das Mulheres Cineastas. Um inevitável simpósio sobre o papel do cinema na dissuasão nuclear. Um encontro sobre o novo cinema soviético onde um estudante agarra o microfone para dizer a vontade que tem de se exprimir através da câmera, e o medo de tropeçar em entraves. Ficamos a saber que, em 130 ou 150 filmes «retidos» desde há 25 anos, há ainda uma centena por «libertar», e que a «comissão dos litígios», que percorre a URSS, está a ocupar-se activamente deles. Por todo o lado, uma sinceridade evidente, uma liberdade de tom pouco habitual.

Mesmo clima no encontro com a direcção da União dos Cineastas: atrás de uma mesa rectangular, Elem Klimov, cinquentenário, belo homem magro e elegante, de rosto grave, que responde com humor e conheceu, no passado, o seu quinhão de filmes postos de lado, de «*Agonia*» a «*Adeuses a Matiora*». Ao seu lado, doze apóstolos.

A situação é saborosa: Klimov e os seus camaradas falam com pragmatismo, medem o caminho que falta percor-

Continua na pág. 3

Fotomontagem Sete Ponto Sete

Lenine em casa de Gorki, jogando xadrez com A. Bogdanov (Capri, Itália, Maio 1908). Gortachev acrescentou ao «chiché» original. Fotomontagem Sete Ponto Sete

Continuação da pág. 2

rer e as falhas do sistema, querem ouvir tudo o que o estrangeiro pode oferecer-lhes.

Em face deles, uma assistência composta de *compagnons de route*, de simpatizantes, de nostálgicos da Revolução.

Um australiano lê um texto que estigmatiza a podridão de Hollywood. Uma pasionaria sul-americana reclama aos «companeros» filmes de agit-prop. Klimov responde-lhe evocando o velho debate em que Lénine defendeu a obra de Tchekov, útil à revolução, contra os ataques de Gorki, que a considerava reaccionária. Vanessa Redgrave diz que espera, para o 70.º aniversário da revolução, biografias filmadas dos heróis de 1917, de Lénine e, *naturalmente, de Trotski*. O actor e realizador Roland Bykov comenta, rindo, que lhe propuseram o papel de Staline e que ele o interpretará, eventualmente, se as suas ocupações administrativas lhe deixarem tempo para isso. Uma jornalista de San Francisco pergunta se estão a encarar a hipótese de fazer um filme sobre a SIDA. Klimov, com um sorriso, passa a palavra ao especialista do cinema... científico. Um crítico holandês pensa que se está a assistir ao nascimento do culto de Klimov. «O ministério do Interior e a segurança do Estado ainda não estão nas mãos dele», responde um cineasta presente.

Mas esta resposta não consegue fazer esquecer que alguns lamentam a omnipresença de Klimov na frente internacional, o seu verdadeiro dom da ubiquidade. O cineasta não esconde, aliás, os seus sentimentos, como se viu no último Festival de Cannes, onde, membro do júri, não se mostrou um fervoroso admirador de «*Olhos negros*», do seu compatriota Nikita Mikhalkov. Em Moscovo, ele confessava, não ter ideias comuns com Mikhalkov em matéria de co-produções com o estrangeiro, e Mikhalkov, por seu turno, declarava, na sua conferência de Imprensa: «Há gente que não se sente obrigada a mudar, e eu sou um deles... quero poder andar ao meu próprio ritmo... não é lá porque toda a gente começou a dizer que se tem mantido calada que eu comecei a ver mais claro. E não é lá por a conjuntura ser diferente que eu vou aderir aos ajustes de contas pessoais».

A franqueza destas e de outras declarações levou os soviéticos a lamentarem-se da timidez dos seus convidados ocidentais, da sua ausência de críticas e da sua passividade. Klimov evocava, por contraste, os debates vivíssimos e ruidosos que animam, em geral, as reuniões da sua associação, naquela mesma sala onde agora os cineastas soviéticos recebiam os seus hóspedes...

No Domkino, o santo dos santos é a sala de projecção, onde passam os filmes «libertos», muitos deles desconhecidos dos próprios profissionais do país. Ali se consome — mas álcool não — diante do ecrã, que passa filmes consecutivamente durante dez dias.

Duas doenças típicas ameaçam então o festivaleiro:

A primeira é a caça febril à obra-prima desconhecida, desde sempre escondida. Ora, se muitos dos filmes são interessantes, por vezes apaixonantes, não se revela ali um novo Tarkovski, um novo Iosseliani. A interdição não basta para fazer génios, e seria errado minimizar os filmes que puderam ser vistos sem problemas. Aliás, a mais bela das obras retidas permanece «*A felicidade de Assia*», o segundo filme de Andrei Kontchalovski, de 1966, que actualmente trabalha nos EUA.

Assia continua invisível, embora tenhamos, numa outra viagem, há dez anos, podido apreciar a sa força lírica, o seu realismo cru, a constante inspiração deste melodrama amoroso filmado num Kolkhose e digno de um Dovjenko.

Uma segunda afecção, que se manifesta através de dores de cabeça regulares, é provocada pela decifração das obras enfim projectadas. Porque razão as guardaram durante tanto tempo na prateleira, que leituras alegóricas justificam tal ostracismo? A maior parte destes filmes parecem tão pouco perturbadores no seu conteúdo, que somos obrigados a perder-nos em conjecturas. Foi o ciúme de um colega, a perversão de um burocrata, a recusa de alguma interdição formal ou a desconfiança diante de toda e qualquer pintura um pouco fiel da realidade que os proibiram?

Terá sido meramente a sátira da burocracia que levou, por exemplo, *Uma anedota estúpida*, de Alov e Naúmov, inspirado numa novela de Dostoievski, a ser proibido durante 21 anos? O seu tom faz sobretudo pensar em Gogol, os retratos evocam Daumier... será justo ver, ali, um olhar destinado ao exercício do poder propriaente dio?

O caso de *Intervenção*, de Genadij Palocka, é mais claro: realizado para celebrar o 50.º aniversário da Revolução de Outubro, ele *talvez* venha a ser visto no 60.º...

Trata-se de um manifesto de vanguarda contra a canonização do acontecimento: «Vi — diz-nos o cineasta — os filmes revolucionários clássicos; fizeram-me todos pensar na literatura, sãotodos conformes a uma linguagem universalmente aceite. Geralmente considera-se que um actor representa bem quando o facto de ele estar a *representar um papel* se torna invisível. Eu decidi, pelo contrário, mostrar o mecanismo da sua interpretação. E, do mesmo modo, recusei-me a representar a textura das coisas.»

De facto, o filme inspira-se na tradição teatral à Maiakovski, no «cabaret» de vanguarda dos anos 20. Cenarios e figurinos, estilizados. Raparigas tipo Busby Berkeley. Calão dos subúrbios.

Assim, as grandes escadas de Odessa de *O Couraçado Potemkine* tornam-se, ali, numa grande escadaria de «music-hall». Exaltando a revolução, o filme afasta-se, assim, dos cânones do realismo.

É uma obra irreverente: actores excêntricos como o cantor e poeta Vladimir Visotski (morto em 1980) dão ao filme um rítmo sacudido, um *charme* insólito e cáustico. O público é directamente interpelado: «Riam-se à vontade, chorem à vontade, porque se não fizerem nem uma coisa nem outra quer dizer que gastaram mal o vosso dinheiro»...

Outra carreira cortada: a de Kira Muratova (nascida em 1934), de quem pudemos ver *Breves Encontros* (1967) e *Os longos adeuses* (1971), cujos méritos se segredavam até à data. Inspirada pelas obras da *nouvelle vague* francesa, em seus princípios, a realizadora tinha feito, com estes dois filmes, rupturas de tom, parêntesis, atribuía a pormenores uma atenção que interrompia a narrativa, produzia um sentido poético nas relações privadas. *Entre as pedras cinzentas*, que teve de assinar com pseudónimo, permanece invisível, Muratova, a quem o próximo festival de Lucarna vai homenagear, acaba de terminar em Odessa (onde sempre trabalhou) um novo filme: é uma «jovem» cineasta descoberta, de súbito, com 53 anos!

E que dizer do destino de Askoldov, autor de uma só obra, *A Comissária*, realizada em 1967 e que, nestes vinte anos, nunca foi invocado, nem uma só vez, e nem sequer em conversas privadas? A projecção deste filme depois de todo este silêncio, na presença dos actores ainda vivos, teve lugar no Domkino numa atmosfera febril, interrompendo o público frequentemente para aplaudir com paixão e longamente.

Alexandre Askoldov vem da literatura. Fez a sua tese sobre Bulgakov, teve entre mãos o manuscrito de *Mestre*

Continua na pág. 4

«A felicidade de Assia», de Andrei Kontchalovski

«Arrependimento», de Tenguiz Abduladze

«É possível ser jovem?», de Julius Podnieks

Festival de Cinema de Moscovo

e Margarida. O seu filme evoca a vida de uma família judia em 1920, durante a guerra civil, e também a de um comissário do povo que essa família alberga. Grávida de um homem morto na guerra, a rapariga dá luz e volta à frente de batalha. Foi a crueza de certas cenas, ou a ressurreição das danças hassídicas que valeram tanto opróbrio a este filme? Não se trata de uma obra-prima, longe disso: enquadramentos enviesados, montagem paralela insistente, lirismo amiúde puxado pelos cabelos. Mas a obra comove, quanto mais não seja pela interpretação da comediante Nonna Mordiukova e também pela convicção do autor, reduzido ao silêncio durante 20 anos. Talvez apenas ele não devesse ter convidado Vassili Grossman para colaborar no *script*?

O voo dos pardais (1979), do georgiano temuraz Barbuani, que acabou recentemente *O Sol dos que não dormem*, é talvez o mais interessante de todos quantos foram retidos. A sua crueza, a violência física do afrontamento final entre os dois homens num espaço deserto, devem ter ofuscado mais do que um censor. Antes disso, uma câmara particularmente ágil filma as animadas conversas dos passageiros num compartimento de comboio, fazendo pensar no John Ford de *A cavalgada fantástica*, que por sua vez se inspirara na *Boule de Suif* de Maupassant.

O mais surpreendente é que um absoluto segredo tenha podido envolver, durante tanto tempo, obras que, diferentemente de um quaro ou de um romance, são o produto de um trabalho colectivo onde se implicaram dezenas de actores, de técnicos... Uma verdadeira tampa de chumbo abateu-se portanto sobre toda uma região da criação artística, obrigando-nos a uma acrobacia temporal para repormos alguma ordem na cronologia e na história do cinema soviético.

Decidida a que tais dramas não se repitam, a União dos Cineastas quer-se parte interessada em todas as decisões. Simbolicamente quis homenagear Andrei Tarkovski, nunca recompensado no seu próprio país, e de quem os dois filmes que realizou no estrangeiro, *Nostalghia* e *O sacrifício*, estão, ainda, inéditos na U.R.S.S.

Uma retrospectiva completa da sua obra foi organizada no cinema «Outubro», que encerrou com a estreia mundial da versão completa de *Andrei Roublev* (três horas e quarenta minutos). O seu nome reapareceu na *Enciclopédia do Cinema* e o livro que a crítica Maya Turaskaya lhe dedicou está finalmente publicado em Moscovo, dez anos depois de ter sido escrito!

Doravante, a União dos Cineastas discute ponto por ponto com Alexandre Kamchalov, protegido de Gorbachev, nomeado em Janeiro último director do Goskino, o Ministério do Cinema. Kamchalov substituiu Filip Yermash, um *aparatchnik* hostil, desde sempre, aos cineatas invadores. Não são de excluir, para o futuro, fricções entre os dois organismos, ciosos das suas prerrogativas e com interesses por vezes divergentes. Em Moscovo há agora uma frase muito citada, que terá sido dita por um produtor de Hollywood quando Chaplin, Fairbanks, Pickford e Griffith criaram, em 1921, os *Artistas Associados* (A Associated Artists): «Os loucos apropriaram-se da direcção do asilo.»

Os cineastas querem defender os seus direitos de autor, obter que cada estúdio (existem 39, espalhados pelas 15 repúblicas) tenha a sua própria independência financeira e a sua autonomia artística. Eles terão de comunicar os temas dos seus filmes para evitar «repetições», mas o organismo central perderá o direito de veto que exerceu no passado. Em certos estúdios, os diversos conselheiros artísticos (para a ficção, a animação, o documentário, etc.), e cujo papel consiste em escolher os «scripts», os actores, os realizadores serão doravante eleitos pelo pessoal, o que não acontecerá sem pf alguns problemas. Os projectos serão em seguida enviados ao Goskino, que organizará a administração e o financiamento. Trata-se, é preciso dizê-lo, de um progresso decisivo na descentralização, de um princípio de autogestão e de uma defesa dos autores.

Ora, as possibilidades cinematográficas da U.R.S.S. são imensas. Existem 5.257 cinemas permanentes, mas dezenas de milhares de salas podem projectar filmes segundo as necessidades. O bilhete custa 27 Kopecks (salário médio: 120 a 150 rublos) e o soviético vai e média 15 vezes por ano ao cinema (o francês, por exemplo, vai 3). Como o número de filmes de ficção produzidos em cada ano (156) tem a preferência de 70 por cento dos espectadores, são milhões as entradas vendidas para algumas obras, e os verdadeiros sucessos são sucessos gigantescos.

Sucesso ambíguo, por exemplo, para *Plumbum*, que o Festival de Veneza vai descobrir. Realizado por Vadim Abdrachitov, cineasta de 40 anos que gosta de atacar problemas sociais, como em *Parou um comboio* ou *Tem a palavra a defesa*, ele trata aqui um assunto explosivo, servido por uma encenação eficaz e fluida, à americana. Um jovem de 15 anos, sósia, em mais novo, do Malcolm McDowell de *Laranja Mecânica*, liceal modelo de um meio pequeno-burguês, quer exercitar-se na justiça socialista e ajuda voluntariamente a milícia do Estado na caça aos criminosos. É um perfeito cidadão, um «homem de chumbo» (donde o seu nome), atraído pela pureza, que pratica a delação e chega a preencher uma ficha sobre o seu próprio pai. Uma parte do público soviético parece ter aderido ao comportamento desde rapaz inflexível, que provoca suores frios.

Mais anódino, *Marçano*, de Karen Shakhnazanov, apresentado em competição no Festival de Moscovo, debruça-se, quanto a si, sobre um jovem que trabalha numa redação, e sobre as suas relações com os adultos. Muito mais directo é o *Será possível ser jovem?*, reportagem de cinema-verdade realizada em Riga por Juris Podnieks (o Báltico é uma estufa de óptimas médias metragens documentais). Jovens são entrevistados num pensionato ou numa escola de línguas, no campo ou em subúrbios, e falam do seu futuro, das dificuldades do presente, dos antigos combatentes regressados do Afeganistão. É uma janela aberta sobre a realidade, como aconteceu com o «free cinema» em relação ao cinema britânico dos anos 50.

É estranho que o cinema soviético mostre tão pouco a vida quotidiana, o desnudamento, os apartamentos sobreocupados, as bichas intermináveis, as lojas de alimentação vazias de quaisquer produtos. Um crítico moscovita a quem fiz este reparo declarou-me: «O cinema não é a fotografia da realidade!» E no entanto, o realismo socialista continua a ser a referência última oficial da arte soviética.

Este «realismo» não é, frequentemente, mais do que *maquilhagem* do real, à boa maneira de muitas das produções de Hollywood. Uma anedota célebre circula em Moscovo nos meios artísticos: «O expressionismo pinta o que sente, o impressionismo o que vê, e o realismo socialista o que ouve».

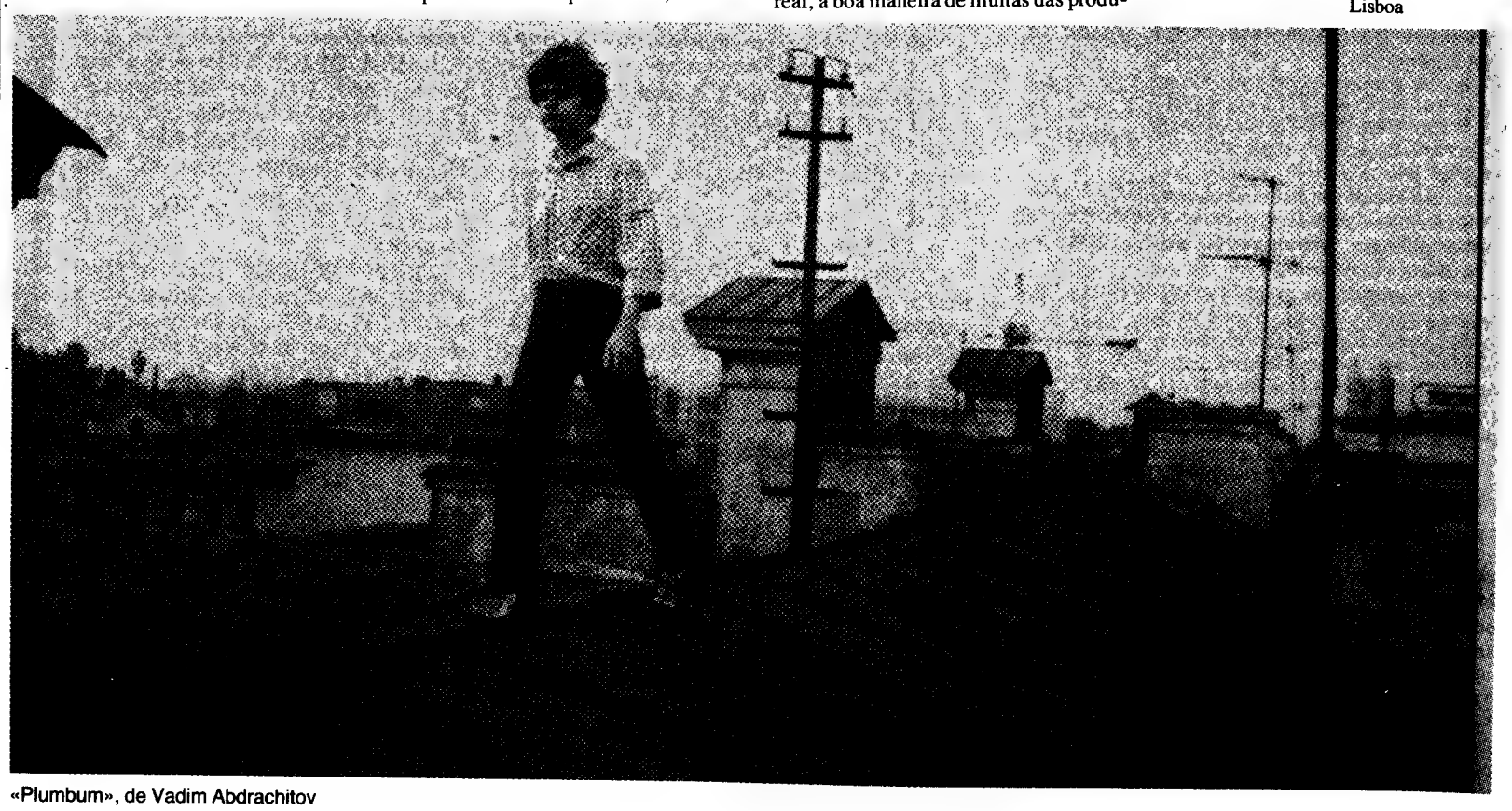
A profusão de talentos no cinema soviético, a riqueza potencial dos temas a tratar, o entusiasmo que anima os artistas criam as condições para um renascimento da criação. Está-se consciente disto na Arménia, na Geórgia, onde ouvimos os cinestas locais rejubilarem-se com a maior autonomia que esperam vir a obter...

O isolamento cultural ainda relativo a que a U.R.S.S. vota um talento excepcional como Pelechian, autor de documentários admiráveis sobre o povo da Arménia *(Nós, De início, As estações do ano, A nossa época)*, torna-os praticamente desconhecidos fora das fronteiras do país. Os filmes de Pelechian, sem comentários, com montagens dinâmicas de sequências fortes e inesquecíveis, associadas a rimas e a leitmotivs visuais, são dignos dos maiores nomes do documentário, como Dziga Vertov ou Flaherty.

Que sentido atribuir à política cultural actualmente em curso? Incontestavelmente, Mikhail Gorbachev, mestre em relações públicas, tem necessidade dos intelectuais e dos artistas para servirem de correia de transmissão e insuflarem no povo uma confiança e uma energia que lhe faltam há muito, muito tempo. Estas reformas são, ao mesmo tempo, uma sedutora montra para Ocidente ver, como testemunha a entusiástica adesão dos estrangeiros. De Fellini a De Niro, era vê-los rivalizarem nos elogios à política proposta pela nova direcção. E isto constitui uma arma com a sua importância, na guerra psicológica junto das opiniões públicas nacionais, em matéria de desarmamento sobretudo.

Em Helsínquia, em 1975, a U.R.S.S. comprometeu-se a favorecer a livre circulação dos homens e das ideias. Vasto programa, que ainda espera ser empreendido. É a tarefa a que deitaram mãos os cineastas. Para que eles tenham êxito, a própria sociedade soviética tem de começar a «mexer». É pelo menos essa a esperança que anima os profissionais da sétima arte.

Michel Ciment
Exclusivo Le Monde/Diário de Lisboa



«Plumbum», de Vadim Abdrachitov

■ Que sentido atribuir à política cultural actualmente em curso? Incontestavelmente, Mikhail Gorbachev tem necessidade dos intelectuais e artistas para servirem de correia de transmissão.

■ Os estrangeiros entusiasmam-se: Fellini e De Niro rivalizaram nos elogios à política de abertura proposta pela nova direcção soviética.

■ Em muitos casos é difícil compreender a razão por que tantos filmes se mantiveram na prateleira, por vezes por mais de vinte anos.

■ A caça febril à obra-prima desconhecida e a difícil decifração das razões da proibição são as doenças típicas do festivaleiro visitante.

■ Há quem tema a omnipresença de Elem Klimov: o homem que está à cabeça da actual direcção da União de Cineastas concentra nas mãos um poder que parece excessivo.

■ Também o Ministério do Cinema foi reorganizado, e agora existe um programa de descentralização da iniciativa, e um esboço de autogestão nos estúdios soviéticos.

Retratos no Teatro

Inês de Medeiros

Por Manuel Cintra

Tocam à campainha. O jornalista entra. Convidam-no a entrar para uma sala ampla, de onde nascem dois tipos de sons. Um, em voz baixa, de música clássica, que se deixa embalar pelo sol de Agosto, através da persiana. Outro, em voz mais alta: a voz da actriz que veio entrevistar. Uma actriz muito nova, que fala agitadamente, com o entusiasmo que uma conversa telefónica às vezes tem. Em dias bem dispostos. O jornalista senta-se. Ela faz-lhe sinal para que se sente, mas ele, meio desnorteado, já se sentou. Então ela pede desculpa, que a conversa não vai demorar. Depois há-de pousar o telefone, propor que se sentem à mesa. E quando ele carregar no botão do gravador talvez saiba já que é só formalidade.

ELA tem uma voz límpida, cheia de frescura. E ele tenta registar as frases na memória. No fim, vai lembrar-se muito de tudo isso: da música clássica em voz baixa, da melodia firme do discurso da actriz e mesmo do sabor do chá. E na rua, entusiasmado, pensando mais uma vez na energia e precisão das pessoas jovens, não saberá muito bem como dar parte ao leitor de tudo isso, por receio de se repetir. Então guarda o gravador, vai para casa e põe-se a escrever.

Foi em Viena de Áustria, em 1968, que Inês de Medeiros nasceu. O pai, compositor, tocava horas a fio coisas que lhe pareciam a ela muito repetitivas, mas o som do piano não parece ter deixado de a embalar. Nascer em Viena, viver até aos seis anos rodeada de valsa, de grandes jardins, de música e de uma irmã um pouco mais velha, parece coisa de sonho, quando se junta a tudo isto uma imagem da Inês, com quatro ou cinco anos, em frente de uma mesa, ao lado de uma árvore de Natal, sorrindo com o sorriso delicado que nunca mais perdeu, e tendo à sua frente uma linda casa de brinquedo, de madeira vermelha e amarela, como são vermelhas as velas e os enfeites de Natal. Dessa infância me fala como de uma preciosidade. Em toda a conversa Inês de Medeiros mostrará uma enorme segurança, assumindo-se como actriz por um lado, e dando parte por outro lado de trazer em si tudo o que a construiu como uma espécie de castelo sólido, cheio de música e de alegria. Ser actriz é, para esta mulher, uma profissão com características específicas que lhe parecem, pela maneira como as exprime, rigorosas e específicas. O que torna a sua voz muito fina e muito jovem estranhamente adulta e amadurecida. A certeza do que quer, a seriedade com que assume essa atitude, tudo isso me deixa desconcertado, eu que há momentos me sentia sonhar com as imagens encantatórias que a descrição da sua infância me trouxe. Mas talvez o sonho seja, afinal, de carne e osso, e não haja melhor do que este, palpável e verdadeiro.

Quando veio viver para Portugal, aos seis anos, estava já a começar os estudos no liceu francês de Viena, continuando-os no de Lisboa, onde, mais tarde, o teatro lhe havia de surgir, através de um grupo extremamente activo que sob a direcção do encenador Phillipe Fridmann, tem vindo a desenvolver uma acção intensa de construção de espectáculos em língua francesa, não só para os alunos do estabelecimento, mas para o público em geral.

Conta-me que gostava em pequenina, como tantas outras raparigas, de se fechar num quarto a contar histórias a si mesma, fazendo todas as vozes, inventando, mascarando-se, fazendo de verdade em vez de fazer de conta. Lembra-me, a propósito, que está aí a grande diferença entre a arte de representar das crianças, para quem não há de facto distinção entre a realidade e a fantasia que mostram nesses momentos, e aquilo que mais tarde um actor ou uma actriz devem fazer: já sem essa capacidade para fundir a magia inventada no real, fabricar magia, tornando-a tão verdadeira se possível como a vida um pouco fria que a rodeia.

Mas nesta sala onde estamos a conversar, nada parece frio, quero eu dizer desse frio a que acima me referi. Como a conversa é interrompida alguns minutos, por a terem chamado à porta, eu aproveito para olhar melhor: a casa dos pais rodeia-me de lembranças, de fotografias antigas e menos antigas, que vão contando à sua maneira aquilo que a Inês já me contou: duas irmãs quase da mesma idade que crescem, primeiro em Viena e depois em Lisboa, e que um dia começam, primeiro a mais velha e depois ela, a fazer teatro e cinema. O pai, compositor, a mãe, jornalista, correspondente de um jornal de Lisboa durante o período passado na Áustria. Claro que nada disto está textualmente sobre as estantes. Mas são pequenos pormenores que vêm juntar-se à conversa anterior e aos quadros de pintores amigos com que as paredes se mostram mais vivas. Entretanto a Inês regressa, e voltamos a conversar.

Foi portanto no liceu francês, em Lisboa, quando entrou para a classe de Seconde, o antepenúltimo ano do curso francês dos liceus, que Inês tentou fazer teatro pela primeira vez, participando, como acima referi, no grupo de teatro daquele liceu que várias iniciativas de interesse teve nos últimos anos. Refira-se aqui a coragem de Phillipe Fridmann que, assumindo-se como francês, tem continuado o seu percurso numa linha acusável por alguns de elitista, mas que tem a sua total coerência: as peças são montadas, embora com alguns actores portugueses, como foi o caso da Inês, num estabelecimento de ensino onde a língua é de facto o francês, e sempre ou quase sempre que isso acontece aquele grupo torna-as públicas, fazendo-as viver aquém das grades do Charles-Lepirerre, como passarei a descrever. Caso este um pouco à margem do restante teatro, talvez, mas então direi que qualquer teatro que se faça, se for especial e de qualidade, estará à margem de todos os restantes, e só assim poderá ser criativo.

A primeira experiência teatral de Inês de Medeiros, inserida num conjunto de duas peças de Michel de Ghelderode, teve um episódio trágico, ao qual ela se refere dando-lhe um tom cómico, como convém, quando as feridas já sararam: a uma semana de se estrear no palco, foi atropelada, partindo uma perna e sendo substituída, tendo que esperar um ano para recuperar essa alegria, estreando-se na mesma peça quando da sua reposição para uma «tournée» (que levaria este conjunto de duas peças de **Ghelderode,** respectivamente **Trois Acteurs, Un Drame** e **Escurial** a Toulouse, Barcelona e Madrid). O papel que interpretava era em **Trois Acteurs, un drame,** e fala dessa primeira experiência com todo o entusiasmo. Refere-se também à viagem inesquecível que essa «tournée» foi para si; ao trajecto, em três automóveis, que o pequeno grupo fez, indo sem parar de Lisboa a Toulouse, onde, sem ter dormido na noite anterior e cheia de febre, pois adoecera no caminho, Inês pisou o palco pela primeira vez.

Fala-me do fenómeno bonito que pensa dar-se em todos os actores, quando, após meses de ensaio, ao enfrentar o público, fazem sem querer como se esquecessem tudo o que o rigor e a metodologia seguida lhes trouxe, construindo o papel. É como se de repente tudo isso fosse posto de parte, esquecido, e no entanto integrado no corpo e na memória, nascendo então a personagem, viva, móvel, autónoma.

As experiências seguintes, ainda inseridas no contexto do grupo de teatro do liceu francês, foram igualmente ricas em acontecimentos, dos quais aquele que mais a parece ter marcado foi a estreia mundial de um texto de Arrabal, apresentada no Instituto Franco-Português, e da qual o leitor talvez se recorde. Como actriz, coube-lhe nessa altura mais um desafio pouco habitual, pelo menos no nosso país: a peça foi ensaiada paralelamente em português e em francês, e apresentada, conforme os dias, em ambas as línguas.

A sua mais recente experiência, a nível de palco, viria a ser a peça de Marguerite Duras que recentemente tivemos ocasião de ver, também no Instituto Franco-Português em Lisboa, e na qual contracenava, tal como na peça de Arrabal, com a actriz Anne-Marie Pradines, franco-portuguesa, e a quem Inês se refere com entusiasmo e admiração, torcendo para que, embora de momento não lhe conheça perspectivas de trabalho, a sua carreira continue com toda a força.

Mas voltando um pouco atrás, tinha sido entretanto, enre estes dois espectáculos, chamada pelo cinema: muito antes em A CULPA, realizado por António Victorino de Almeida, seu pai, e depois no filme de José Fonseca e Costa SEM SOMBRA DE PECADO. Mas foi no terceiro filme em que participou, a segunda longa-metragem de Christine Laurent (inteiramente rodada em Cabo Verde) que Inês sentiu pela primeira vez com mais consciência a presença da câmara, referindo-se a essa sensação como algo de mais fácil, para si, do que o teatro. Tal foi o impacto que parece ter tido naquela realizadora francesa que, há poucos meses, o telefone tocou: chamavam-na para um teste de um dos papéis principais no próximo filme de Jacques Rivette, a ser rodado no próximo Outono, e para o qual foi seleccionada, segundo consta, sem hesitações. Diz-me isto a rir, e eu pergunto-lhe qual é a graça... A graça é que ainda não acredita. Por isso, cada vez que fala do assunto, quase larga a rir. A graça é talvez estar feliz, ter a certeza, saber já, aos 19 anos, qual a direcção.

Sim, porque não há já dúvidas possíveis. Quem a viu representar, seja em francês ou em português, que o diga: esta mulher já tem o teatro na pele. E se algum dia a vida a fizer parar de ser actriz, nunca mais me falem de crimes perfeitos.

Vou terminar com um episódio não incluído na entrevista; vou sair desta sala alegre e tranquila, afastar-me uns momentos do som de orquestra com que ela me acolheu e da luz quente e melancólica que o mês de Agosto trava, com as listras secas da persiana, atrás da mesa onde ainda estamos os dois sentados, agora que as chávenas estão vazias, que o chá chegou ao fim, que a conversa ainda não acabou.

Conheci a Inês de Medeiros durante a rodagem, faz agora um ano, do mais recente filme de Paulo Rocha, O DESEJADO, a ser estreado dentro de dias no festival de Veneza. Tinha-lhe então sido dado o papel de criadita, contracenando em várias cenas com Luís Miguel Cintra, o protagonista.

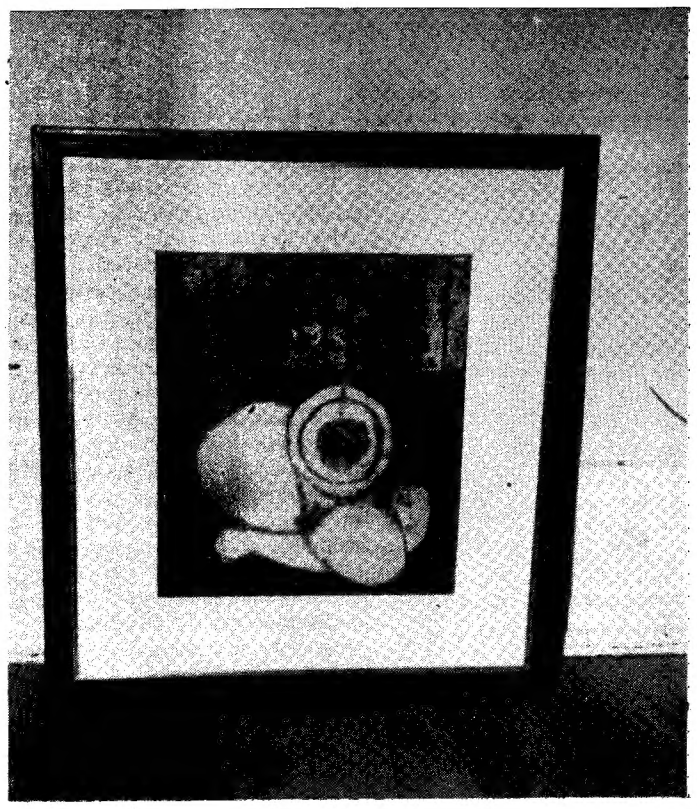
Um dia, durante a rodagem, havia uma cena em que lhe competia, num corredor do mosteiro de Tibães, perto de Braga, onde grande parte do filme foi rodado, estar no alto de uma escada, segurando os plásticos cheios de água que a chuva trouxera, através de um velho tecto que no filme faz esse mesmo papel: de tecto muito velho. Inês, no alto da escada, devia despejar a água de um dos plásticos, quando Luís Miguel Cintra, no papel de João, ao chegar de viagem, passasse pelo corredor onde a criadita, de avental branco, estava a trabalhar. O chão tremia pois o soalho é muito antigo. A escada tremia também. O actor, após anos de «calo», talvez tremesse pouco, mas sabe-se lá. Só sei que no alto da escada vi uma actriz muito jovem, muito bonita, muito tímida, e que nesse instante, acocorado que eu estava atrás da câmara, e talvez por causa da distância, pareceu-me que ela, ao contrário do soalho e da escada que a segurava mal, não tremeu. Mas suponho que era mentira, como o cinema e o teatro são sempre mentira. Sei agora mais qualquer coisa: a verdade terrível que dessa mentira nasceu. E se terrível for adjectivar de mais, arranjem vocês substituto.

De repente, toca o telefone. Inês vai atender. Pede de novo desculpa dizendo que não demora. E eu, de novo atrapalhado como quando entrei, saio para a rua com o meu gravador.

Na quinta-feira

LER ESCREVER

Hamid Kalmoune



Casablanca

A luta pela arte contemporânea

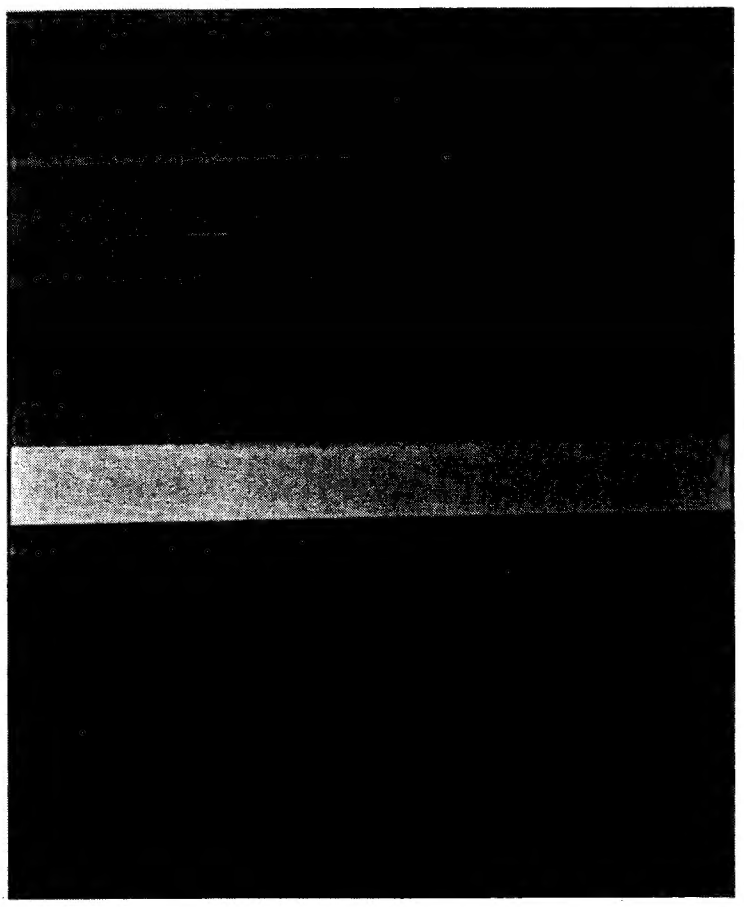
JÁ não há grande ventilador, e o eco de um «Hello Sugar» Bogartiano, torna-se doravante, inaudível. Em alguns pontos nevrálgicos, Casablanca joga a carta da modernidade e até, na arquitectura, a da pós-modernidade como mostra o novo edifício da *Wafabank*, cujo agenciamento decorativo interno, nos pisos da direcção, contradiz infelizmente o alcance do discurso arquitectónico pela escolha de objectos pouco originais e de cores muito «kitsch».

Algumas galerias de Casablanca (mas também de Rabat e de outras cidades de Marrocos) procuram promover uma arte contemporânea que seja marroquina, mas que seja sobretudo arte «tout court», isto é capaz de ultrapassar as fronteiras do nacionalismo para penetrar no domínio do universalismo que é o próprio da arte. Neste sentido, seria possível delimitar dois grupos genéricos, um primeiro onde os artistas, aproveitando da ignorância estética do público, trabalham os lugares-comuns patriótico-religiosos nas suas versões «naives» (Ben Allal, Fátima Hassan), decorativa (variações a partir de sinais caligráficos ou simbólicos: Hariri, Miloudi e Kacimi que, ele, consegue desviar o signo da sua lisibilidade primeira), figurativa (e Hassan El Glaoui seria, segundo Alain Flamand, o único pintor de valor desta vertente, na medida em que torna presente na sua obra uma atmosfera de velho mundo em via de desaparecimento). Outros utilizam os lugares-comuns do academismo ou das escolas. Assim, Hamidi, com os pombos de Braque; Meheli, e os seus exercícios de cores no género de Itten, Mondrian ou Delaunay; Miloud e o seu psicologismo que esvazia a obra.

Ao segundo grupo pertencem aqueles que, sem renegar as suas raízes, revelam uma outra dimensão porque utilizam elementos culturais para os transformar, os transcender. A arte bruta como a de um Dubuffet ou de um Tapies, parece ter influenciado bom número de pintores marroquinos que trabalham a superfície com materiais pobres (cola, areia, panos...). É o caso de *Megara* cujas telas adquirem a riqueza de uma velha parede roída, granulosa, coberta por «graffiti», mundo logo perturbado pela presença de um elemento realista, e vivo, num ângulo do quadro (homem, mulher, planta). *Rabi,*

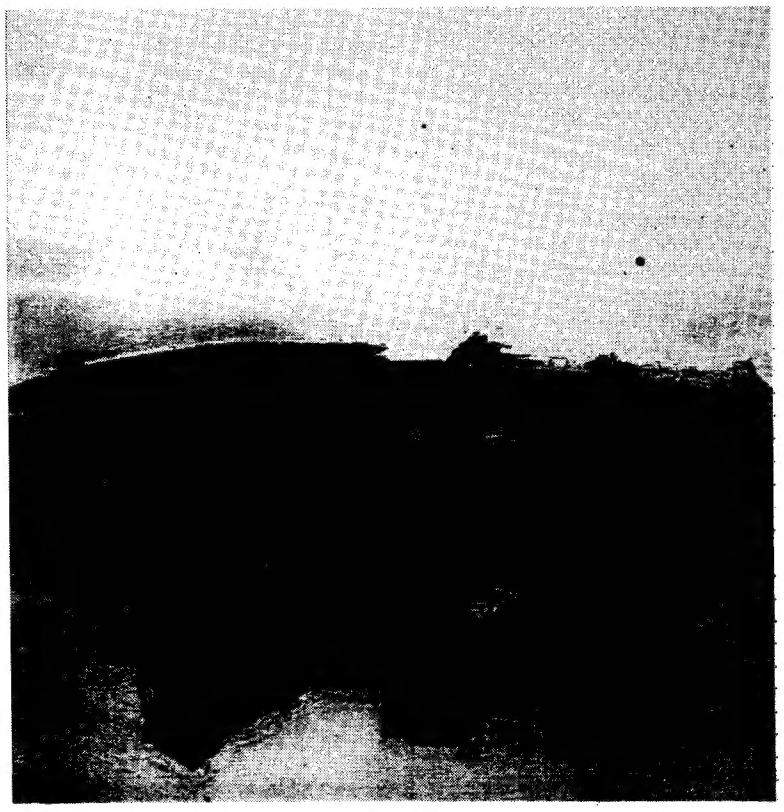
Continua na pág. 7

Boutaleb

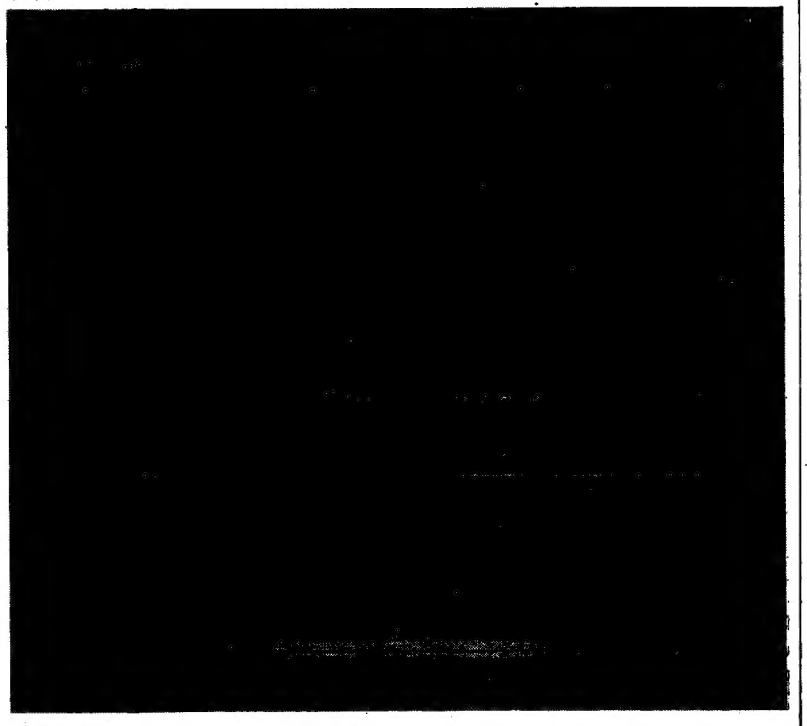


Alaoui

Megara



Rabi



Bellamine

Continuação da pág. 6

quanto a ele, opera um rigoroso trabalho da superfície para deixar — de maneira muito Goethiana, como Soulages — o obscuro aceder à luz. É o próprio momento do acesso à luz e, portanto, à obra, que tenta capturar *Hassani* na sua busca do «quase visível» enquanto Alaoui trabalha a própria emergência da luz, ou seja, da condição da visibilidade. Deste modo, a sua obra remete para uma leitura fenomenológica, como de resto o indica A. Flamand. *Boutaleb,* nas encruzilhadas dos planos de um sonho infinito, interroga as relações de claro-obscuro com uma série de enquadramentos (portas, «vedute»...) que articulam um jogo de espaço. O espaço constitui, aliás, o alvo da reflexão de *Bellamine,* «o mais moderno de todos os pintores marroquinos», como diz Flamand. A obra de Bellamine problematiza o suporte, razão pela qual o artista pinta «a fresco» preferindo o uso da parede ao da tela.

Galerias e Mecenato

Entre as galerias de Casablanca destacam-se a *Alifba* , onde expõem permanentemente Boutaleb, Tallal (que apresenta um trabalho sobre a forma a partir de uma série de crianças enigmáticas) e Chaibia a propósito da qual Flamand fala de «estética bruta»; a galeria *Dawliz,* que apresentava recentemente obras de Ben Dahmane nas quais a atmosfera muito intensa resulta de um trabalho sobre a anamorfose, e o véu. Uma nova galeria, a *Boutique 22,* aposta num jovem artista, Hamid Kalmoune. Kalmoune utiliza materiais naturais que conferem à sua obra uma profundidade telúrica onde se desenvolve um interessante questionamento sobre a trama e o suporte o qual adquire a textura da pele graças a um tratamento específico baseado na casca verde da noz. As grandes obras abstractas de Kalmoune manifestam assim uma força que não têm os seus quadros menores portadores de «mensagens» onde o artista dá a ler um versículo do Corão, ou uma série de sinais simbólicos, ficando deste modo pronto a cair na armadilha primária e primitiva da comercialização, e a pôr em risco a obra verdadeira.

Enfim, o *Wafabank* prepara um soberbo espaço-galeria no novo edifício, acima referido. As obras encontram-se ali valorizadas e um programa de acção cultural e de mecenato foi inaugurado para proporcionar à pintura, como também à escultura e à fotografia contemporâneas marroquinas, um desenvolvimento e um (re)conhecimento nacional e internacional.

Chaké Matossian

Bibliografia: Alain Flamand, *«Regard sur la Peinture Contemporaine au Maroc»*, Soc. d'Edition Al-Madariss, rue Jean Bouin, Casablanca.

Galerias: Alifba, 46 rue Omar Slaoui, Casa., tel: 273912
Dawliz, Bd de la Corniche, Casa., tel: 364110
Boutique 22, 22 rue de Danvillers, Casa., tel: 270284
Wafabank, 163, av. Hassan II, Casa., tel: 224105

Chaibia

Video 7

Expoentes videoplásticos

Nam June PAIK, «Allan and Allen's complaint» (Allen Ginsberg e o pai)

Se considerarmos que a temática fenomenológica que percorre o pensamento merleau-pontiano tem por *base* o imaginário do corpo enquanto imagem de pintura, qualquer pintura não só é «dobradiça» de todos os reflexos mas perfaz a estabilidade impossível do real, imobiliza-se em imagem pintada, *irrealiza-se*. O corpo é o sustentáculo da ordem unificada da representação. Todavia, é a partir dessa impossível imobilidade que o pintor «desvaira» para interrogar a materialidade sensível do movimento. E o movimento deixou de ser *intencionalidade*, figura de um estado interiorizado, para se tornar movimento concreto da figura interrogando o discurso. Além de ter sido «ultrapassada» a instantaneidade do espelho – (ainda que certos videastas tenham realizado auto-retratos) – a luz do pigmento pictural ex-«orbitouse» em luz *pura*, transformou o seu próprio modo de indexação ou de adjectivação do real auto-produzindo-se, é «medium» *em si e por si*.

A tecnologia destronou a magia do espelho; a ciência dissocia-nos, se, realmente, vem ocupar o lugar (vago) do mito, se a pintura é a história de Narciso à beira da fonte ou o retrato de *um outro eu*..

Para nós, qualquer espaço de expressão artística possui a sua «beleza de indiferença», i.e., o verdadeiro artista, ainda que fascinado o seu olhar no espectáculo especular de Narciso, interrogará a fábula inaugural da sua arte à «raiz», na sua «essência».

É a partir desse ponto *ominal*, inaugural, que transporemos a nossa própria questão: a similitude é a dimensão abusiva, transgressiva, que o artista acaba por manipular no esforço que a diferença mantém adentro dos espaços que dela própria se apropriam.

Na história do movimento concreto da imagem, cinematográfica ou videográfica, não só verificamos a similitude de operações transmutativas, mas é no que concerne o aspecto formal do «medium» que se concentra o *interesse manipulatório*. A velocidade que, na pintura, é «sacrificada» entre a mão e o olhar, resitua-se num *expoente superior do olhar* criando mutações perceptivas múltiplas. Tanto uns como outros, cineastas ou videastas, a quarenta anos de intervalo, – tomamos como ponto de comparação os cineastas-pintores (1) dos anos 20 e os pioneiros da VIDEOPLASTIA – opõem-se à narração e à representação, tendo como alvo suscitar emoções não mediatizadas, emoções comparáveis às que poderão ser vividas através de alucinações ou de embriaguez. Foi, normalmente, o caso dos mais formalistas e que intervieram directamente na película. Assim, Man Ray, em «Le Retour à la Raison», empregou a técnica chamada cine-rayograma, sublinhando o poder revelador da película sem ter em conta a distância que separa os fotogramas, obtendo como resultado a invisibilidade total do que é visível na película.

Pequena subversão – ou *catástrofe* – ao imprimir uma continuidade à imagem que, na projecção, vai ser submetida a uma periodicidade descontínua.

Se ilustramos o nosso argumento pela «experiência» de Man Ray é, simplesmente, porque as fotografias apresentam nus femininos ao longo de fotogramas não separados, mantendo-se visíveis, somente, quando a película está imobilizada.

Tal consideração torna-se importantíssima em termos de crítica no que diz respeito à imagem-vídeo, visto a sua qualidade intrínseca ser constituida pela velocidade (25 imagens por segundo), mas, principalmente, pela luminescência da imagem, especificidade que engloba, sem rodeios, a primeira. A imagem não é projectada como no cinema. A própria luz projecta a imagem. *A imagem é luz*. É por isso que o carácter indiciológico da imagem, cinematográfica ou fotográfica, apesar das manipulações várias a que esta possa ser submetida, não é válido da mesma maneira. A sua *veracidade* situa-se ou manifesta-se algures. O suporte de inscrição deverá, talvez, ser tido como *metamorfose do índice* (index) ou *videomorfose do expoente*, revelando-nos ou pondo em cena uma imagem mais *simbólica* que indiciológica.

O corpo da imagem transformou a relação da imagem ao corpo. Se a pintura exige um espaço habitável, a habitabilidade da imagem do corpo no «medium» «alterou» o corpo que habitamos. A astronave flutura no espaço sideral. A imagem, para Nam June Paik, flutua num oceano electrónico. Talvez a imagem-vídeo, pelo seu alto grau de plasticidade, consiga transportar-nos além ou aquém de todos os processos discursivos, até ao que Anton Ehrenzweig chamou o «sentimento oceânico»... (2)

Rafael Godinho

Notas

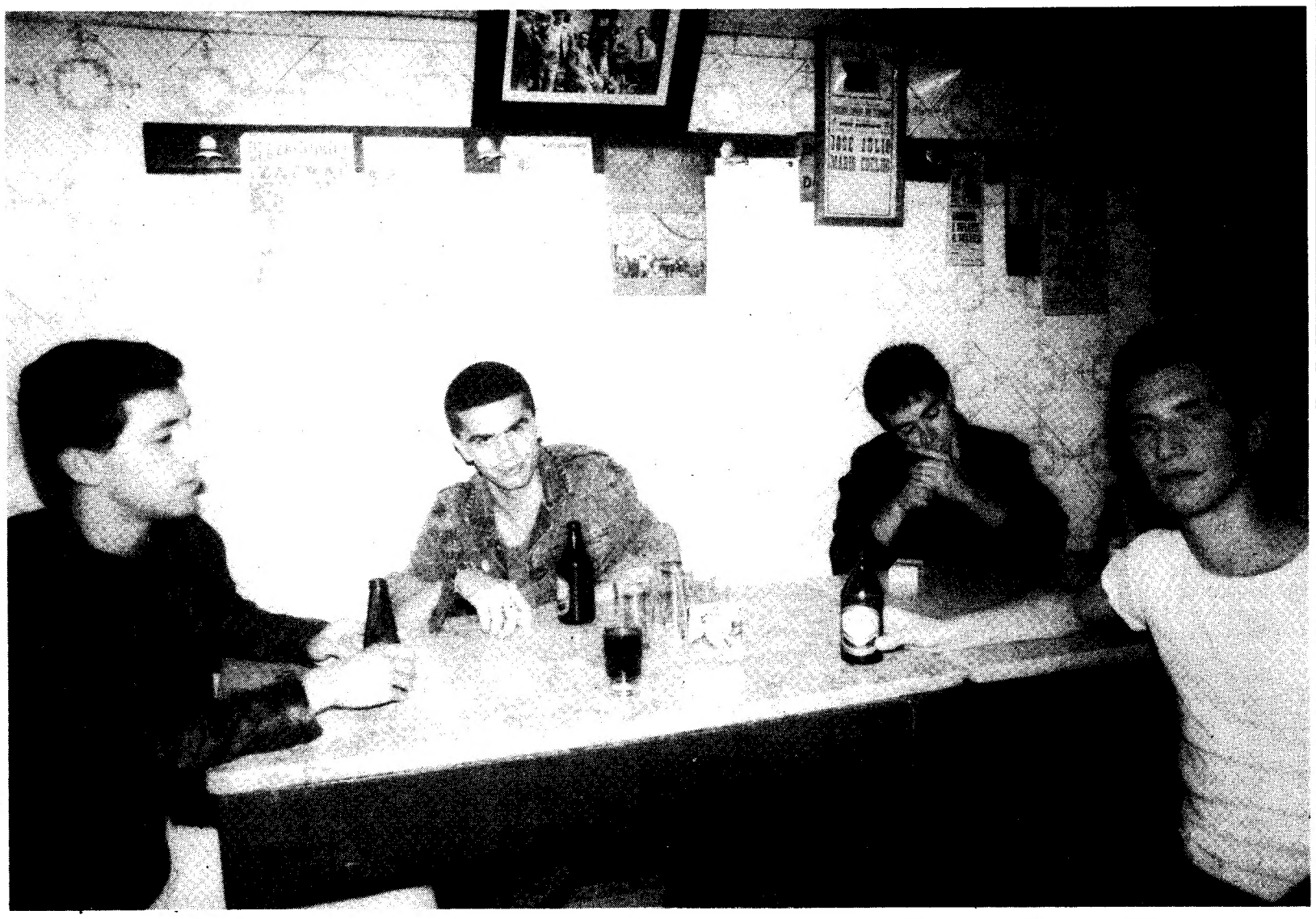
1) Patrick De Haas, Cinéma intégral, Bruxelles, Transédition, 1985

b) Anton Ehrenzweig, L'ordre caché de l'art, Paris, Tel Gallimard, 1974

Amen Sacristi

«Aqui até os punks são conservadores»

Se o padre cura soubesse
o gosto que o fado tem
deixava a sacristia
e vinha para os copos também



Eles próprios, formando banda por mais algum «rock» (Foto Edmëa Brigham)

ISTO é uma quadra das muitas improvisadas pelo sr. Natalino na tasca do século, parte da nossa cultura de séculos, ali à Rua do Século, aonde bebemos uns copos com os Amen Sacristi, depois da sessão de pose fotográfica, transformada pelos clientes em festa de família do «tire-me aqui um boneco», «a minha patroa não vai acreditar», «se não me traz depois as fotografias zango-me consigo».

Este é o ambiente em que estou bem a trocar ideias. Aqui também sabe bem falar de música portuguesa.

Amen Sacristi é o nome da banda com quem converso, composta por quatro jovens, o Quim Zé, o Tó, o Pedro Vargues e o Pedro Antunes, que riem das quadras anticlericais do sr. Natalino. A história desta banda em pouco ou nada difere da história de quase todos os grupos que desatentamente desconhecemos, talvez pela recusa de uma certa maneira subterrânea de estar na vida:

«Somos todos de Benfica. Conhecemo-nos há já uns anos, inclusive já tínhamos dado uns toquezitos juntos, tivémos uns grupos de *hard-rock* e chegámos a dar concertos em liceus...»

Hoje quando querem definir a sua música páram, pensam e dizem-na longe de rótulos, chamam-lhe rock e cantam-na em português. É evidente que é isso que nós queremos.

Cada vez mais os grupos se encaixam menos em ondas musicais. Penso que talvez agora sim, salvo raras excepções, nasça um rock português, mais maduro, cada vez mais diferente as bandas umas das outras, cada vez com personalidade musical mais vincada.

«Apostamos na nossa música, embora à partida o pessoal a possa desprezar. Mas, por outro lado, as poucas pessoas que gostam, ficam, vão-se juntando a nós e dificilmente deixam de gostar. Não é o mesmo que se passa em relação a um grupo de música da moda, que se gosta porque o amigo também gosta, está na moda gostar deles e depois entra na moda deixar de gostar.»

Visualmente, os Amen Sacristi aparecem com referências estereotipadas, cintos, pulseiras de pregos, a cor negra, T-Shirts, e os próprios cartazes de propaganda da banda utilizam as letras cortadas de tamanhos diferentes pertença das fanzines feitas por grupos identificados com a estética *punk rock*, para além de uma cruz da madeira vermelh pendurada ou no microfone ou no pulso do seu vocalista. Há agressividade de aspecto e nos textos das músicas, na sua maioria escritos pelo Pedro Antunes. À partida isto, seria suficiente para os identificar com o público habitual dos concertos de *punk-rock*, só que isso não acontece.

«Isso deve-se em parte por sermos pouco conhecidos, sermos de outro bairro, não frequentarmos os mesmos sítios, ninguém os conhece, por isso há uma certa desconfiança. Por outro lado acho que a nossa música tem muito pouco a ver com *punk rock*. Nós temos uma mensagem *punk*, só que ser *punk* não é só ser agressivo, mas sim transmitir a repressão social, e essa é a nossa mensagem. Tu só vês coisas erradas na sociedade e tens necessidade de denunciar isso, agora não quer dizer que tenhas que atirar pedras a carros, partir vidros ou ter uma batida rítmica sempre igual. Isso também pode ser dado pelo que dizes. Quando estás empregado se andares como és, se deres a tua imagem, não te dão valor, aí não consegues sobreviver e não podes comprar materia para trabalhares no que gostas. As pessoas neste país são conservadoras, mesmo até os *punks*, pois se não te vestes, se não tens aparência, quer para o público quer para o patrão, ninguém liga ao que tu fazes, o aspecto é que conta. As pessoas são conservadoras.»

Eles são: um estudante, um trabalhador-estudante, um empregado de escritório e o outro está na tropa. Claro que, como todas as outras bandas, gostavam de viver só da música.

«É muito difícil e nem sequer se imagina que a médio prazo seja possível, por isso o ideal era podermos ter um emprego em 'part-time' e o resto do tempo para a música. Se algum dia houver essa possibilidade.»

A banda existe há aproximadamente um ano e no entanto só fez seis concertos.

«Não temos material próprio e para ensaiar temos de alugar um estúdio. Custa dinheiro. Ensaiamos uma vez de quinze em quinze dias. Nos tempos das nossas bandas de *hard-rock* ensaiávamos na garagem de casa do Quim Zé só que entretnto os tios foram para lá morar e além disso o pai dele disse que já não queria ouvir mais barulho.»

Porque é que não se juntam com outras bandas e não arranjam um sítio para ensaiar?

«Por causa do material. Não nos podemos colar a uma banda, a menos que fossem muito simpáticos, o que realmente não acontece muito.»

Vão trabalhando como podem — principalmente com grande tenacidade — acreditando que a curto prazo a sorte vai mudar. Pensam em várias hipóteses de conseguir dinheiro ou material para poderem evoluir. Entretanto já começaram a sua rodagem de espectáculos, há dois meses, no chamado circuito lisboeta.

«Nós não temos muita pressa, queremos arranjar as coisas com calma, arranjar um pessoal que nos curta. Queremos dar concertos, mas dar concertos com bom som, porque quando se aparece em público com mau som o pessoal fica assim naquela — ah, estes não tocam nada —, quer dizer não se preocupam com aquilo que uma pessoa toca mas com o barulho que ouvem e não lhes oa bem. E dos seis concertos que demos, dois foi com péssimo som.»

Alguém que arriscasse neles

Apesar de todas as dificuldades com que vive e principalmente sobrevive a banda, eles estão a concurso no Rock Rendez-Vous, também aí de uma maneira atribulada.

«Concorremos ao Concurso de Música Moderna do RRV e ficámos como terceiros suplentes. Tivemos sorte, faltaram três bandas e participámos na primeira fase do concurso. A «cassette» que enviámos era muito má, daí o passarmos de terceiros suplentes da 1.ª fase a primeiros da 2.ª fase, ou seja, par trás ficaram nove bandas à partida apuradas, portanto que teriam mais hipóteses que nós. Ah! é verdade, para além disso na 1.ª fase não actuámos com o nosso guiarrista por estar na tropa, foi tocar um amigo nosso com quem em tempos tínhamos dado uns toques. De facto temos a experiência do desenrascanço, mas com todas essas adversidades, aí estamos. E, isso parece-me porreiro.»

Quando se concorre ao Concurso do RRV, ou se quer fazer um trabalho consequente, normalmente pensa-se sempre em discos e editoras. Também estará nos objectivos deles a gravação de um disco a curto ou médio prazo?

«Quanto mais rápida é a subida de um grupo, mais rápida é a sua queda. Não há nada como ir andando devagar e criar as bases para mais tarde nos podermos aguentar. Estamos a construir um grupo que não é para acabar. Se nos dissessem 'vamos já gravar', sei lá, acho que responderíamos que não temos bases necessárias para aguentar essa evolução súbita. A nossa música de facto é completamente independente de pressões exteriores, seja de que carácter for. Ma é evidente que ao começar a fazer concertos e a ter um público, aí há um compromisso mínimo com aqueles que gostam da nossa música. É evidente que isto não é sinónimo de concessões, há que, dentro do nosso estilo, também agradar a quem ouve.»

Pois. Ainda há bem pouco tempo entrevistei uma banda com metade do tempo de existência desta, mas com mais condições económicas, refiro-me à possibilidade de aquisição de material, e também com padrinhos bem colocados no meio da música rock portuguesa, nessa altura diziam praticamente o que vocês dizem no que se refere a gravar um disco. Só que alguém acena com o brilhozinho de gravar disco para a família, os amigos, e algumas rádios locais, e aí estão eles a entrar em estúdio...

«A única garantia que damos é a verdade que aí fica escrita de que não pensamos nisso, queremos cimentar o nosso grupo, a nossa música, e fazer muitos espectáculos.»

Fazer muitos espectáculos não terá nada a ver com uma experiência triste que os Amen Sacristi já viveram: convite para ir tocar a Braga, com o patrocínio de um jornal da especialidade, e os nossos amigos aí vão de armas e bagagens à estação de comboios comprar com o seu dinheiro as passagens que não faziam parte do contrato. Lá chegados dirigem-se para o local do concerto onde se lia à porta qualquer coisa como «encerrados». Lá vêm eles por aí abaixo, enganados mas também com a raiva suficiente para escreverem, para o dito jornal, da sua experiência, esperando no mínimo a publicação da carta ou a atenção mínima que trapaças destas mereceriam se... claro, nem referências ao acontecido nem tão- pouco qualquer tipo de desculpa por parte dos patrocinadores, enfim, coisas do reino.

Também por isso se queixam da falta de apoio que os órgãos de Comunicação Social, da especialidade ou não, dão a bandas novas e muito mais do que enriquecer quem investe nas consagradas deveria ter por obrigação divulgar e informar acerca do que se vai fazendo a muito custo por quem não está parado na pasmaceira de maiorias bem acomodadas a que estamos reduzidos.

É por isso que agora estão a juntar o dinheiro necessário para gravar uma maqueta com o mínimo de qualidade para eventualmente ganharem o apoio das rádios locais.

«O que a gente queria era que houvesse alguém que arriscasse em nós.»

Desabafo igual ao de milhares de portugueses: queria era que me saísse o Totoloto. Para o caso de esse alguém existir, fale com o Pedro Vargues para o telefone 782963. AMEN

Maria José Belo Marques